

NAS SENDAS DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA DOCUMENTOS SOBRE UMA EXPEDIÇÃO FLORENTINA À AMAZÔNIA, EM 1608

Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron

Departamento de História – FFLCH/USP

e Carlos Ziller Camenietzki

Museu de Astronomia e Ciências Afins/MCT

Resumo

Após as iniciativas empreendidas por Sérgio Buarque de Holanda, este artigo reúne alguns documentos encontrados no *Archivio di Stato* de Florença que atestam definitivamente a realidade da tentativa de colonização da bacia amazônica pelo Grão-Duque de Florença, Ferdinando I, no início do século XVII. Tais documentos evidenciam as circunstâncias que cercaram essa empreitada, relatando os preparativos, a realização e os resultados da expedição, bem como as negociações diplomáticas que a precederam.

Abstract

After the initiatives by Sérgio Buarque de Holanda, this article gathers some documents found in the *Archivio di Stato* from Florence which attest definitely the reality of the attempt of colonization of the Amazon basin by the Grand Duke of Florence Ferdinand I in the beginning of the 17th century. Those documents expose the circumstances of the enterprise through its preparation, the realization and the results of the expedition, as well as through the diplomatic negotiations which preceded it.

Palavras-Chave

Florença – Século XVII – Diplomacia florentina – Amazônia – Colonização italiana da Amazônia – Literatura de viagem

Keywords

Florence – 17th century – Florentine diplomacy – Amazon – Italian colonization of the Amazon – Travel Account

Em 1967, Sérgio Buarque de Holanda publicou um artigo na *Revista de História* intitulado “Os projetos de colonização e comércio toscanos no Brasil ao tempo do Grão-Duque Fernando I (1587-1609)”¹. Como o próprio autor comenta, esses projetos colonizadores eram desconhecidos dos pesquisadores da história do Brasil até então. Isso posto, Sérgio Buarque de Holanda limita-se a apresentar “*uma contribuição para quem pretenda realizar trabalho mais largo*”: na primeira parte do artigo, ele tece alguns comentários sobre as circunstâncias das investidas colonizadoras da Casa dos Médicis no Brasil, enquanto que na segunda parte encontramos a reprodução de uma dezena de documentos mais ou menos pertinentes, encontrados no *Archivio di Stato* de Florença entre 1952 e 1954, quando ele fora convidado a lecionar na Universidade de Roma.

Por que Sérgio Buarque de Holanda teria esperado treze anos para publicar os resultados de suas pesquisas no arquivo florentino? Provavelmente, ele aguardava uma ocasião para aprofundar suas investigações. Segundo suas próprias palavras, os documentos inéditos que recolhera naquela ocasião “*poderiam esclarecer as tentativas [do Grão-Duque da Toscana], mencionadas por Braudel, merecedoras, sem dúvida, da atenção dos nossos estudiosos e professores de História*” (Id.: 61). Ele reproduz então um trecho da carta que lhe é dirigida pelo então diretor do *Archivio di Stato*, onde este último refere-se aos documentos cuja reprodução lhe fora pedida pelo historiador brasileiro como tendo um valor “*apenas indicativo para ulterior extensão das pesquisas a outras filze onde também se acharão certamente notícias sobre o Brasil*”. Finalmente, Sérgio Buarque de Holanda confessa que “*as exigências de trabalho constante que me prendiam à Universidade de Roma, impediram-me então de ampliar muito mais as investigações iniciadas no arquivo mediceo*”. De modo que, quando da publicação do artigo, em 1967, Sérgio Buarque de Holanda optou por divulgar os documentos que encontrara, acompanhando-os de uma ressalva: uma

¹ *Revista de História*, São Paulo, 1967, n° 71: 61-84.

advertência ao leitor sobre a sua suspeita de que outros documentos, dele desconhecidos, poderiam lançar nova luz sobre uma empresa tão importante quanto desconhecida. A ressalva fazia-se acompanhar ainda de uma confissão, onde ele admitia a sua surpresa diante da dimensão do problema sobre o qual se debruçara.

Com este estilo intimista de redação Sérgio Buarque de Holanda nos revela como ele próprio rendeu-se ao caráter intrigante do projeto de colonização toscana no Brasil, qualidade que advém não do fato que tal projeto seja desconhecido da maioria dos pesquisadores da expansão européia e da colonização brasileira – ele próprio parte apenas de uma fugaz alusão formulada por Braudel –, mas das lacunas de uma documentação pouco conhecida, e de características bastante peculiares.

O exame do contexto arquivístico no qual se insere a pesquisa de Sérgio Buarque de Holanda permite-nos com efeito compreender a perplexidade e a curiosidade por ele admitidas. Os projetos colonizadores de Fernando I foram negociados e preparados em absoluto segredo, e relegados ao esquecimento após o seu abandono, por uma ordem expressa emanada diretamente do Príncipe. Os documentos relativos aos preparativos da expedição colonizadora toscana são em boa parte constituídos de correspondência confidencial entre alguns poucos personagens, que incluem o próprio Grão-duque Fernando I, seu embaixador junto à corte espanhola, e os organizadores da expedição. De resto, não seria despropositado imaginar que uma parte destes documentos (por exemplo, parte da correspondência dirigida ao embaixador na Espanha) tenha desaparecido ainda no começo do século XVII, devido ao seu caráter comprometedor para a política externa toscana, dificultando assim a reconstituição ulterior dos acontecimentos que cercaram os preparativos da expedição.

Seja como for, enquanto Sérgio Buarque de Holanda posterga a publicação do seu artigo, Roberto Ridolfi, historiador italiano reconhecido por seus trabalhos sobre as obras de Maquiavel, Savonarola e Guicciardini, publica em 1962 um artigo que contém informações e análises bastante minuciosas sobre a investida colonizadora

² RIDOLFI, Roberto. “Pensieri Medicei di Colonizzazione nel Brasile”, *Veltro, Rivista della Civiltà Italiana*, VI, n. 4, agosto de 1962: 705-720.

do Grão-Duque de Florença no Brasil². Neste trabalho, Roberto Ridolfi reproduz, inclusive, alguns documentos importantes que o historiador brasileiro guardava ainda inéditos em suas pastas³. É de se notar, no entanto, que também Roberto Ridolfi só publicou seu artigo muito tempo depois de realizadas suas pesquisas⁴.

À parte esses dois trabalhos, que abordam o tema sob ângulos diversos e com interpretações ora conflitantes ora complementares, nada mais foi publicado sobre o assunto⁵. Ao menos conquanto não possamos extrair maiores informações dos estudos de Roberto Galuzzi, Gustavo Uzielli, Giuseppe Gino Guarnieri (que reproduz contudo alguns documentos importantes) e Giovanni Temple-Leader⁶. De modo que o caráter misterioso daquela empresa perdura, apesar dos seus historiadores.

Os documentos que ora apresentamos vêm complementar o trabalho realizado por estes historiadores, reunindo enfim os documentos mais importantes relativos àquelas tentativas colonizadoras, um deles ainda inédito (documento nº 1). Procuramos repropôr aqui as fontes documentais que julgamos essenciais para a sua investigação histórica, abrindo assim novas perspectivas de reflexão... “*para quem pretenda realizar trabalho mais largo*”. As pesquisas foram realizadas no *Archivio di Stato di Firenze*, na *British Library*, e na *Bibliothèque Nationale de Paris*.

* * *

³ Trata-se da carta de Ferdinando I ao Arcebispo Tarugi, embaixador do Grão-Duque de Florença junto à corte da Espanha, de 9 de novembro de 1608, e da carta do embaixador sucessivo na mesma corte, conde Orso d'Elci, ao primeiro ministro Paolo Vinta, com data de 16 de outubro de 1612, a qual Sérgio Buarque de Holanda não reproduz na íntegra, apesar da importância do trecho que omite, concernente à utilização de uma invenção de Galileu Galilei como instrumento de negociação de concessões junto à corte espanhola.

⁴ “(...) *giovandomi di tutta una serie di documenti inediti trovati ai miei verdi anni, alorché mi facevo le ossa negli archivi: metaforiche, cioè storiografiche, ossa*” (RIDOLFI, id.: 706).

⁵ É preciso considerar, contudo, que devido ao estado embrionário da questão, essa história é ainda escrita de maneira bastante próxima à crítica dos documentos.

⁶ GALLUZZI, Roberto, *Istoria del Granducato di Toscana sotto il Governo della Casa Medici*, Firenze, 1781. UZIELLI, Gustavo, *Cenni Storici sulle Imprese Scientifiche, Marittime e Coloniale di Ferdinando I, Granduca di Toscana*, Firenze, 1901. GUARNIERI, Giuseppe Gino, *Un'Audace Impresa Marittima di Ferdinando I dei Medici*, Pisa, 1928. TEMPLE-LEADER, Giovanni, *Roberto Dudley, Duca di Nortumbria*. Firenze, 1896.

Do ponto de vista do Grão-Ducado, a possibilidade de colonização da região amazônica situava-se na confluência de questões diversas, todas da maior importância para a garantia dos interesses estratégicos da Toscana no começo do século XVII. Em primeiro lugar, o enfrentamento da hegemonia espanhola na península itálica e no mundo – a Espanha controlava boa parte do território italiano, enquanto que uma quantidade expressiva dos demais principados e o próprio papado flertavam perigosamente com a maior potência européia da época. Em segundo lugar, a manutenção e ampliação do poder político e econômico florentino através da associação com capitais holandeses. Finalmente, a abertura de um espaço de investimento com retorno seguro no Novo Mundo.

Esses elementos, que passaram a interferir na conduta da política externa do ducado toscano, contaram substantivamente na sua diplomacia⁷, e em particular nas negociações em torno de questões concretas como a partilha do ônus do policiamento do Mediterrâneo contra as investidas turcas. Já havia alguns anos que a Toscana conseguira reconstituir sua armada, reformar o porto de Livorno, recuperado em guerra recente, e reocupar assim uma posição de destaque no comércio na zona mediterrânea. Este poderio naval implicava que o principado deveria arcar com a custosa operação de policiamento das principais rotas comerciais utilizadas pelas nações católicas. Essa questão foi negociada pelos representantes da diplomacia toscana em termos da exigência de uma contrapartida da Espanha, detentora de largas possessões na península itálica, de maneira que tal ônus fosse compensado seja por concessões comerciais vantajosas para o ducado toscano em suas possessões americanas, seja por um privilégio a ser concedido ao porto de Livorno na reexportação dos produtos coloniais de origem americana (o porto de Gênova era, então, o maior beneficiário dos significativos lucros gerados nessa operação particular do

⁷ Contudo, como era costume naqueles tempos, pensou-se também numa solução matrimonial que abrisse ao ducado toscano o acesso direto ao poder na sucessão da coroa espanhola.

capitalismo comercial colonial, relativamente à zona delimitada pelo mar Mediterrâneo, assim como Veneza exercia uma hegemonia equivalente na redistribuição dos produtos advindos do comércio com o Oriente).

Ora, as leis filipinas impediam terminantemente qualquer comércio estrangeiro em seus domínios, a não ser com licença especial do imperador, integrando uma frota espanhola, pagando pesados impostos e descarregando necessariamente em Sevilha. Mas as pretensões de Fernando I apontam no sentido da obtenção de muito mais do que simples direitos de porto. A riquíssima correspondência entre o Grão-Duque e seu embaixador em Madri mostram claramente suas intenção de participar livremente no comércio do Atlântico sul e mesmo do Oriente, conforme se pode constatar nas duas cartas enviadas por ele ao arcebispo Tarugi, seu representante junto à corte espanhola (documentos 5 e 6). As instruções enviadas a seu embaixador indicam que ele deveria tentar obter do imperador, no mínimo, a desobrigação de toda e qualquer restrição para dois navios toscanos, a cada ano, com amplos privilégios no Brasil – onde, durante o período de união das coroas ibéricas (1580-1640), eram aplicadas aquelas mesmas restrições especificadas nas leis filipinas – , e particularmente na capitania do Espírito Santo, no litoral sudeste⁸.

Mesmo após a morte de Fernando I, as tratativas continuaram. Aos elementos de barganha já apresentados somaram-se outros envolvendo uma descoberta astronômica recente de Galileu Galilei, retornado há pouco tempo ao Grão Ducado. Cosimo II, sucessor de Fernando I, propôs ao Rei da Espanha o método para a

⁸ Ver as cartas de Ferdinando I ao seu embaixador datadas de 14 de agosto, 7 de outubro e 9 de novembro de 1608 (esta última, o citado documento 5). *Archivio di Stato di Firenze, Mediceo*, filza 4939, cc. 612, 633, 629, 638. A escolha desta parte das possessões ibéricas na América como objeto das insistentes solicitações toscanas junto à corte em Madri explica-se talvez pelo fato de ser esta uma zona marginal aos circuitos comerciais já implantados na região, mas cuja exploração poderia contudo oferecer um interesse econômico significativo para o ducado toscano. Nestes documentos vemos ainda que a questão explosiva da sucessão em Florença somou-se igualmente às preocupações de Ferdinando I, que entendia que a posse de uma colônia ultramarina poderia representar uma solução para a hipótese de eclosão de uma guerra sucessória, através da nomeação de um governador para os novos territórios.

obtenção das longitudes formulado pelo seu antigo mestre de matemáticas como mais um elemento para seduzir o monarca.

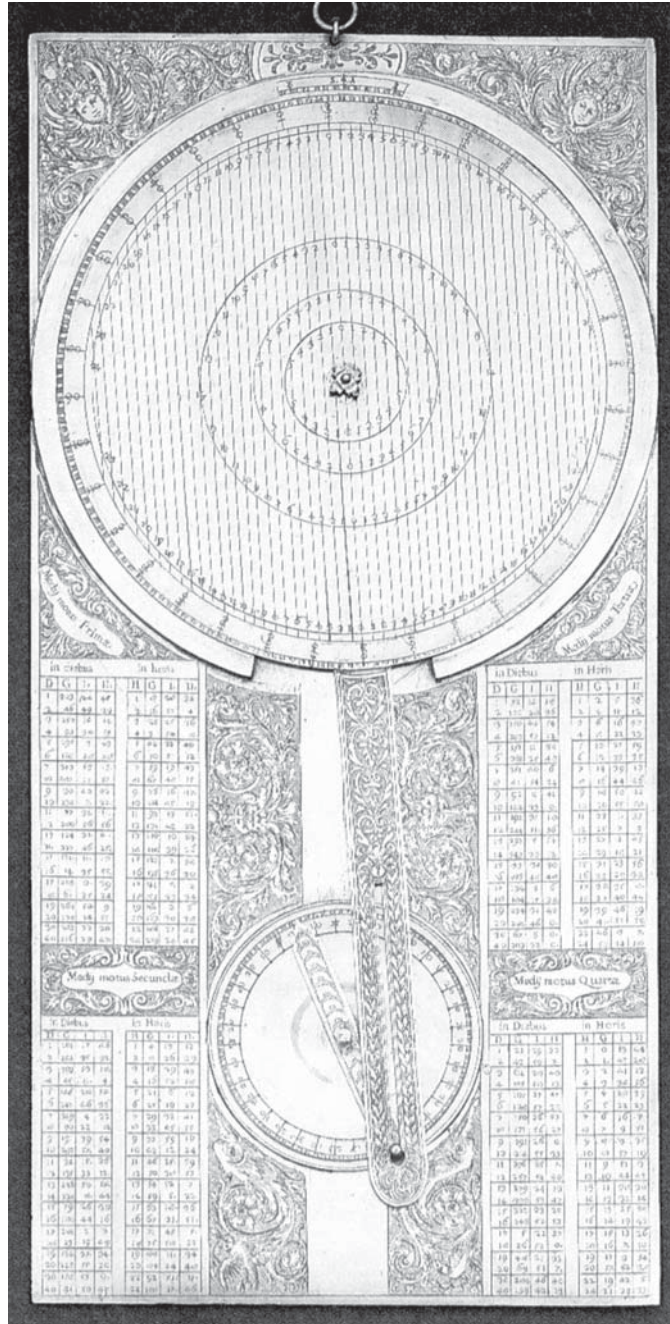
Esta proposição pode parecer um tanto prosaica neste quadro; porém, a determinação das longitudes constitui um problema do maior interesse nestes anos. Se a determinação da latitude no hemisfério norte era tarefa fácil e conhecida desde a Antiguidade, e se a obtenção desta coordenada no hemisfério Sul encontrou suas facilidades no período das grandes navegações portuguesas, a determinação da longitude permanecia um problema em aberto que só encontraria solução precisa muito mais tarde. Tratava-se, de fato, de um problema técnico de enormes repercussões políticas no momento da apropriação do mundo pelos europeus. Felipe III tão logo subiu ao trono, em 1598, ofereceu um prêmio a quem resolvesse o problema. A título de exemplo, imagine-se as conseqüências de não se poder definir precisamente em qual lado da linha de Tordesilhas encontrava-se um povoado, uma baía, ou uma mina de ouro.

A proposta de Galileu para a determinação da longitude, que acabou por se transformar em moeda de troca do Grão-Duque, poderia resolver apenas parte da dificuldade. Tratava-se de um método que se valia dos eclipses dos recém-descobertos satélites de Júpiter como relógio universal, fornecendo a hora exata do ocultamento num ponto de referência fixo (Florença, Madri, Lisboa, ou qualquer outro). De posse da hora no ponto de referência, o observador poderia obter a longitude calculando o tempo decorrido entre esta hora e o pôr do Sol no ponto de observação. A operação seria complexa mas possível para um astrônomo, e mesmo para um piloto daqueles anos, se realizada em terra firme; no alto mar, contudo, é absolutamente inviável, devido ao movimento da embarcação⁹. Em 1598, houve tantas propostas (dentre as quais esta,

⁹A proposta de Galileu encontra-se publicada no volume IX da monumental edição de Antonio Favaro, GALILEI, Galileo, *Opere*, Firenze, Barbera, 1890-1909.

¹⁰A bibliografia relativa ao problema das longitudes é vasta. Contudo, é particularmente importante a consulta às seguintes obras: BEDINI, Silvio A. *The Pulse of Time, Galileo Galilei, the determination of longitude, and the pendulum clock*. Florença: Olschki, 1991: 1-22 e CARACI, Giuseppe. *Il «Negozio delle Longitudini» e Galileo*. Gênova, Civico Istituto Colombino, 1979.

do sábio toscano) que não foi possível examinar e atribuir o prêmio a nenhum candidato¹⁰. Galileu insistiu ainda junto à corte espanhola, sem contudo obter resultado.



Giovilabio, instrumento destinado a determinar as órbitas, os períodos e as ocultações dos satélites de Júpiter. O aparelho está associado aos estudos de Galileu com vistas a resolver o problema da determinação das longitudes. MINIATI, Mara. *Museo di Storia della Scienza, Catalogo*. Florença: Istituto e Museo di Storia della Scienza, 1991: 60-61.

O Grão-Duque acompanhava os acontecimentos do reino de Portugal também através de informantes, que incluíam importantes intelectuais radicados na Toscana, como por exemplo Rodrigo da Fonseca († 1622) e Estevão Rodrigues de Castro (1560-1638), ambos médicos lusitanos e professores na prestigiada Universidade de Pisa¹¹.

A política exterior florentina buscou assim lançar mão dos enormes recursos intelectuais acumulados nos seus domínios. Na falta de argumentos militares, econômicos e diplomáticos, Cosimo II fez valer o engenho de um grande sábio que já acumulara prestígio internacional. Nem assim, contudo, o Grão-Duque foi capaz de penetrar no interior do monopólio ibérico sobre suas possessões.

Talvez por isso a Toscana não tenha restringido suas ações unicamente às negociações de cunho diplomático. Ao mesmo tempo em que o Grão-Duque Fernando I negociava abertamente com a corte espanhola, através de seus embaixadores, ele também recolhia, sempre através de seus agentes diplomáticos, informações confidenciais capazes de habilitar a realização de uma expedição ao chamado “*Mediterrâneo americano*”, ou rio Amazonas. O melhor testemunho desta atividade dos agentes florentinos na Espanha é a “*Descrição da América, ou Índias Ocidentais, ao Sereníssimo Grão-Duque da Toscana*”, elaborada por Horazio della Rena, secretário toscano na corte espanhola¹².

A descrição foi enviada ao Grão-Duque em setembro de 1604. Ela consiste num conjunto mais ou menos articulado de informações sobre o Novo Mundo, uma *summa* de observações sobre a geografia, a fauna, as maravilhas, as riquezas e as potencialidades econômicas da América. Não faltam porém considerações sobre a vida

¹¹ Cf. CASTRO, Estevão Rodrigues de. *Obras Poéticas*. Ed. Giacinto Manuppela. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1967: 1-84.

¹² O texto, inédito, encontra-se reproduzido a seguir (documento 1).

política, administrativa e jurídica dos Vice-Reinados espanhóis no Novo Mundo. Para a composição de sua relação, Horazio della Rena recorreu a informações correntes, já publicadas por cronistas e viajantes, além de testemunhos orais. Ele nada acrescenta de fundamental ao arsenal de dados disponível naqueles anos. No que respeita o estilo de escrita, Horazio della Rena não escapa à tradição de um Pedro Mártir de Anghiera¹³.

É bastante eloqüente a parcimônia de Horazio della Rena a propósito das coisas do Brasil. O contraste é sensível entre os detalhes apresentados sobre as regiões hispânicas e lusitanas da América. Certamente deve-se considerar que o embaixador escreveu sua descrição na corte espanhola, e que o Brasil não constituía região de maior interesse dada a ausência do que mais interessava à colonização predatória européia – ouro, prata e outros metais. Mas está bem registrada a sua volumosa produção açucareira. Sobre a Amazônia, uma região que sempre excitou a imaginação dos cronistas e exploradores que passaram por ali, mas que permanecia negligenciada pelos colonizadores europeus, Horazio della Rena não apresenta quase nada.

Fechando suas explicações iniciais ao Grão-Duque, o agente toscano dá a entender contudo que ele está de posse de informações cruciais: “*eu me guardo a dizer de viva voz outras coisas ainda mais recônditas sobre aqueles reinos*”. Talvez Horazio della

132

¹³ Humanista milanês que ocupou funções políticas importantes tais como a de secretário do cardeal Visconti, governador de Roma, *attaché* dos cardeais Ascanio Sforza e Giovanni Arcimboldo, e protonotário apostólico. Na Espanha, foi capelão da rainha Isabel, cronista de Castela, embaixador dos reis católicos e depois membro do Conselho de Índias. Pedro Martyr d’Anghiera encontrava-se portanto numa posição ideal para atender à demanda do referido cardeal Ascanio Sforza, quando este expressou o desejo de obter informações detalhadas sobre as recentes viagens empreendidas à América. Pedro Martyr d’Anghiera recolheu os testemunhos de Cristovão Colombo, de quem era amigo, e de seu filho Diego, mas também de Antonio Torres, piloto da segunda viagem empreendida por Colombo, de Melchor Maldonado, companheiro do navegador igualmente presente nesta segunda expedição, de Ramón Pané, Vasco Nuñez de Balboa, Pedrarias Dávila, Martín Fernández de Enciso, Pedro Alonso Niño, Gonzalo Fernández de Oviedo, Andrés Morales, Juan Vespuccio (sobrinho de Américo Vespucci, e também piloto), Tomás Ortiz, Cristóbal de Haro, Sebastian Cabot, etc., a partir das quais escreveu uma obra fundamental sobre a América, o *De Orbe Novo*, cujas três primeiras *Décadas* foram editadas em Alcalá de Henares em 1516, a quarta em Bâle, 1521; a obra completa, *De Orbe Novo Decades Octo*, vindo a lume somente quatro anos após a morte do seu autor, em Alcalá, 1530 (trad. esp. *Decadas del Nuevo Mundo*, Madrid, Polifemo, 1989).

Rena não se referisse a segredos sobre o Brasil, ou sobre a Amazônia. Talvez ele quisesse apenas valorizar seu trabalho, esperando obter qualquer benefício. Porém, nada impede-nos de especular que as “*coisas ainda mais recônditas*” que ele tinha a dizer poderiam estar relacionadas às empreitadas futuras de Fernando I.

A iniciativa da realização da expedição ao rio Amazonas, tomada sem o conhecimento da coroa espanhola, foi portanto concomitante às negociações para obter os mencionados privilégios comerciais empreendidas pelo embaixador Sallustio Tarugi. Esta iniciativa precedeu de pouco tempo a ocupação francesa no Maranhão e as ocupações holandesa e inglesa na bacia do Orenoco, todos fatos ligados aos primeiros esforços portugueses de ocupação daquela zona. A região da bacia amazônica, até então relativamente desocupada, tornara-se com o passar do tempo e o aumento das atividades comerciais e militares naquela área numa zona de alto interesse estratégico.

* * *

As iniciativas diplomáticas do ducado toscano junto à corte espanhola fizeram-se acompanhar portanto de ações que ajudassem a estabelecer fatos consumados, os quais poderiam eventualmente vir a ser sancionados na negociação política. Esta iniciativa toscana certamente não constituiu uma exceção, pois era uma prática corrente na época.

No que concerne exclusivamente a iniciativa do Grão-Ducado, sabemos hoje que entre setembro e outubro de 1608, e durante 42 dias, uma expedição comandada por um capitão inglês, mas patrocinada por Fernando I, e provavelmente financiada por capital misto toscano e holandês, subiu o rio Amazonas estabelecendo contatos com os ameríndios e procurando indícios de riquezas. A região da bacia do Amazonas era, no início do século XVII, o ponto mais vulnerável das possessões ibéricas na América.

Freqüentemente abordada pelos navios que fizeram as primeiras travessias do Mar Oceano, a Amazônia permanecia entretanto praticamente intocada pelo invasor europeu. Nem mesmo a lenda do *El Dorado*, buscado por Pedro de Ursúa e Lope de Aguirre em 1560, nem as incursões que estudaram a possibilidade de escoar por ali o ouro extraído do Peru (Francisco de Orellana desceu pela primeira vez todo o curso do rio Amazonas em 1541, e morreu em 1545, quando tentou realizar o per-

curso inverso), evitando assim os piratas ingleses que passaram a infestar o mar das Caraíbas, não haviam ainda predisposto o império espanhol a estabelecer sequer uma base militar na região. Talvez o regime de ventos tenha uma responsabilidade nisso, pois o vento que sopra ao longo da costa que se estende desde o Cabo de São Roque até a foz do Amazonas, o faz sempre em direção ao oeste, e a volta ao continente europeu, conquanto fosse mais rápida e fácil que tentar voltar à costa do nordeste brasileiro, tornava-se ainda assim uma manobra extremamente complicada para aquelas embarcações, e implicava necessariamente um desvio pelas Antilhas – tal como o fez, aliás, a expedição toscana. Por outro lado, a simples ultrapassagem da linha do equador, que para muitos navegantes já não se constituía mais no enfrentamento de um desafio fantástico¹⁴, implicava contudo uma complicada manobra náutica que podia requerer alguns dias de grandes trabalhos : a zona de convergência equatorial, os *doldrums*, é efetivamente um lugar de alta instabilidade atmosférica que faz com que o cruzamento da linha imaginária não esteja realmente muito longe da travessia de uma verdadeira barreira física, feita de calmarias e tempestades, tal como relatam diversos viajantes da época, ou mesmo aqueles nossos contemporâneos. Ora, a linha do equador atravessa exatamente a foz do rio Amazonas...

134

A história desta expedição toscana ao Amazonas é conhecida através de testemunhos bastante eloqüentes. Ela foi tecnicamente preparada pelo capitão Robert Dudley, engenheiro e homem de corte tanto na Inglaterra quanto em Florença. Filho de um famoso nobre de mesmo nome, o conde de Leicester, Dudley, rompeu com a corte inglesa no final do século XVI e, após uma série de peripécias dignas de uma novela, acabou por se fixar em Florença, onde exerceu diversas funções de mais alta importância, tendo sido o realizador do projeto de secagem da Marema toscana,

¹⁴ Há quem tivesse visto na linha do Equador a espinha dorsal do mundo, com uma protuberância a ser custosamente vencida pelas embarcações ; outros encontraram ali uma quantidade excepcional de monstros marinhos, ou ainda o limite do fim do mundo, a fronteira final entre o bem e o mal. Ver a esse respeito a seguinte passagem do informe do provedor Niccolini (documento 7): “*Dicono che quando hebbono passato il polo, s’invermino il biscotto, e formaggio, e tutto, e che nel ritorno poi, subito che l’hebbono ripassato, torno tutto nel suo essere, certo cosa di meraviglia*”.

entre Pisa e o mar, o coordenador das reformas do porto de Livorno, etc. Robert Dudley teria escolhido para chefe da expedição amazônica o capitão Robert Thornton, também inglês, orientando-o a partir das anotações feitas na época em que esteve na América como corsário, a serviço da rainha da Inglaterra, conforme consta na sua obra *Arcano del Mare*, publicada em Florença em 1646¹⁵. As instruções de Robert Dudley são claras: procurar minerais preciosos e, sobretudo, não atracar em nenhum outro lugar, salvo no próprio rio Amazonas – ordens coerentes com o segredo que envolveu a expedição (Documento 3). Robert Dudley foi o organizador de fato desta empreitada. No *Arcano del Mare* ele reproduziu ainda, além das instruções ao capitão Thornton, a relação da viagem feita pelo mesmo capitão, além de diversos mapas da costa e do rio Amazonas. Há inclusive um curioso vocabulário que traduz expressões indígenas para o italiano, o qual ele transmitira previamente a Robert Thornton, na esperança de ele vir a ser de alguma utilidade durante a expedição (Documento 4). Em 1646, data da publicação destes documentos no livro de Dudley, o quadro político era de fato completamente diverso, pois o Grão-Ducado havia abandonado há muito suas pretensões colonizadoras.

* * *

Dentre todos os documentos encontrados até agora referentes ao projeto de colonização toscana da Amazônia, o único testemunho direto da expedição é a *Relação* do cirurgião-barbeiro William Davies (Documento 2). Ao menos conquanto não possamos considerar assim o informe do provedor Niccolini sobre o retorno ao porto de Livorno do galeonete *Santa Lucia Buonaventura* (Documento 7), embarcação que perfizera sozinha todo o trajeto (a tartana de apoio, que fora destinada a subir o Amazonas acabou sendo capturada em Cartagena, ainda no trajeto

¹⁵ DUDLEY, Robert, *Dell'Arcano del Mare*, Firenze, Francesco Onofri, 1646. A obra é uma grande enciclopédia do mar, onde pode-se encontrar tudo o que se refere à navegação, desde mapas até instruções para a construção de navios. Há diversas passagens sobre suas atividades no mar das Caraíbas, em particular no livro 2: 16-7.

de ida). E certamente também não podemos considerar o relato da expedição feito pelo capitão Thornton, dado como perdido, e recontado no *Arcano del Mare* por Robert Dudley (Documento 4).

A *Relação* de William Davies, referida na bibliografia de Rubens Borba de Moraes¹⁶, foi originalmente publicada em Londres no ano de 1614. Conhece-se ainda uma segunda edição, publicada em meados do século XVIII na Churchill Collection¹⁷. A expedição ao rio Amazonas é referida brevemente no terceiro capítulo da obra, e detalhadamente tratada no quinto capítulo, quando Davies descreve a flora e a fauna da região e, sobretudo, os modos e costumes dos indígenas que encontrou. Surpreendentemente, este documento não é mencionado por nenhum dos historiadores citados no início desta apresentação¹⁸.

A expedição à Amazônia não passa de um episódio na narrativa das aventuras do autor, embora tenha sido sua principal e mais longa viagem. Isso se deve a dois fatores. Em primeiro lugar, porque as aventuras e sofrimentos que pontuam sua vida ultrapassam em magnitude e espanto tudo o que possa ter-lhe acontecido na floresta amazônica. Em segundo lugar, porque o livro não se restringe a ser um mero relato daquela expedição, mas almeja sobretudo constituir-se em obra de propaganda política e religiosa.

O autor estrutura sua narrativa como uma espécie de miserável e pouco gloriosa odisséia de um protestante. Ela inicia-se quando William Davies parte de sua saudosa Inglaterra natal a 28 de janeiro de 1597, e só se encerra quando consegue ali retornar, miraculosamente vivo, é de se notar, vários anos depois. Suas aventuras só são compa-

¹⁶ MORAES, Rubens Borba de, *Bibliographia Brasiliana: rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by brasilian authors of the colonial period*, Rio de Janeiro/ Los Angeles, Kosmos, 1983: 248.

¹⁷ CHURCHILL, J. e A., *A Collection of Voyages and Travels*, London, Osborne, 1747. A relação de Davies encontra-se no primeiro volume desta edição, o sétimo do conjunto da coleção, publicada desde 1744. A última das três edições do texto de William Davies é apenas uma antologia (fragmentos dos capítulos 1, 3, 4, 6 e 12): *English and Irish Settlement on the River Amazon, 1550-1646*, Joyce Lorimer (ed.), Londres, The Hakluyt Society, 1989: 139-146.

¹⁸ Ver nota 9, acima.

ráveis em sofrimentos e experiências trágicas com a inacreditável epopéia do pirata Anthony Knivet, no seu périplo pela América do Sul, ou com o cativo de Hans Staden entre os índios Tupinambá, no Brasil. William Davies perfaz seu trajeto pela Europa, África do norte, Oriente Médio e América do Sul e Central, quase sempre contra sua vontade. A lista dos lugares onde esteve, fornecido em ordem alfabética no começo do volume, é bastante impressionante; ela inclui diversas localidades do Brasil¹⁹ e do próprio rio Amazonas, o qual teria conseguido subir por muitas milhas contra a corrente.

O motivo de base de sua narrativa é a apresentação ao leitor de sua inusitada experiência e, acessoriamente, de sua interpretação, segundo seus próprios referenciais religiosos e políticos. É através do contato com a diferença, com a alteridade, que o narrador reforça sua própria identidade. William Davies é inglês e protestante; ele conclui a sua *Relação* através de um apelo dirigido ao leitor que diz o seguinte:

“Que coração inglês, afirmo, ponderando corretamente essas coisas em geral, ou qualquer uma delas em particular, pode decidir diferentemente do que cair com os joelhos dobrados, implorando ao Deus imortal e orando e agradecendo inúmeras vezes, não apenas por tê-lo eleito por sobre todas as nações do mundo, e pelo verdadeiro e perfeito conhecimento de seu abençoado Evangelho, mas também por tê-lo preservado durante tanto tempo das desgraças e desafortunadas servidões às quais a maioria das nações da Terra estão sujeitas?”

137

Ele exalta sua própria condição após ter relatado suas impressões depreciativas sobre os católicos italianos, impuros na sua fé, nos seus corpos feios e doentios e nos seus costumes depravados. Não escapam tampouco à condenação os infiéis turcos e mouros, que tudo fazem ao contrário dos cristãos, ou ainda os genocidas espanhóis, os amaldiçoados judeus, os infelizes gregos e os pobres selvagens pagãos. Todos estes povos são tratados de forma arquetípica e caricatural; eles são apresentados como o

¹⁹ A lista inclui, por exemplo, a cidade de Salvador da Bahia, capital da colônia portuguesa no Brasil, então sob domínio espanhol. Como outras localidades listadas pelo autor, é sem dúvida legítimo questionar sua passagem efetiva por esta cidade. Certamente, dado o caráter da expedição e o trajeto da viagem, uma passagem por Salvador não passaria sem menção no corpo do texto.

negativo da condição do narrador – inglês e protestante –, membro do “ *povo eleito* ”, segundo suas próprias palavras; com o qual o leitor é chamado a se identificar.

Este tipo de “ propaganda ” religiosa e política, veiculada no interior do gênero da literatura de viagens, já tivera predecessores notáveis na figura de outros viajantes europeus que foram ao Brasil – como Jean de Léry e Hans Staden, os mais ilustres dentre eles. Contudo, William Davies apresenta características retóricas notáveis em sua *Relação*: por exemplo, ele integra criativamente à sua narrativa alguns elementos que encontraremos tipificados na novela picaresca. Na realidade, poder-se-ia dizer que a novela picaresca é, de certa maneira, uma cria bastarda de uma determinada literatura de viagens²⁰. Conformam esta relação de parentesco o uso da primeira pessoa numa narrativa naturalista descrevendo com humor diversos tipos e situações sociais, explorando as contradições destes tipos sociais e ridicularizando a tensão entre a aparência e a essência de cada um, e particularmente a condição de vítima inocente e alheia assumida pelo narrador. É impossível não lembrarmos do *Lazarillo de Tormes* ou do *Buscón* quando lemos a *Relação* de William Davies. Evidentemente, muda o cenário, muda o propósito de base do texto; a aproximação contudo não deixa de ser pertinente.

Como nos clássicos da literatura picaresca, William Davies usa a fórmula autobiográfica. Contudo, aqui ele tenta justificar sua indigna desonra (miséria, cativo e escravidão intermináveis) e afirmar pateticamente sua alta condição social (inglês protestante, homem instruído e originário de uma classe social favorecida). E mais, ele faz de sua *Relação* uma obra de propaganda estabelecendo uma identidade entre o narrador e o personagem, estabelecendo um acordo entre os dois: trata-

²⁰ Lembremos, a propósito, a conhecida abertura de Miguel de Cervantes para a sua novela “O ciuimento de Estremadura”, onde ele se refere à América como refúgio ordinário dos desesperados, igreja dos falidos, salvo-conduto dos homicidas, abrigo desses batoteiros que os mais hábeis conhecem pelo nome de trapaceiros, chamariz de mulheres livres, salvação particular de um pequeno número e engano comum da maioria.

se afinal de um autêntico relato de viagem que visa transmitir uma experiência pessoal que só é creditada quando leva consigo a marca do testemunho direto. Um certo distanciamento crítico, que encontramos também na novela picaresca e que poderíamos localizar na narrativa de viagem como marca retórica da memória crítica de um percurso iniciático pessoal²¹, é ao contrário reproposto na *Relação* de William Davies como identificação e reafirmação de sua condição original, da identidade que o narrador já possuía antes do início das suas peripécias. É exatamente por esta particularidade que o narrador pode investir sua obra de um caráter explicitamente ideológico e, apoiado no seu testemunho – o qual é avalizado por sua condição, e sustentado ainda por outros “*homens de qualidade*” que confirmam a veracidade do seu relato no início da obra –, pode também se propor como indivíduo qualificado para emitir uma visão de mundo coerente e homogênea. Desta maneira, William Davies se qualifica para julgar a divergência que ele identifica entre si mesmo e os homens de outra condição ou confissão.

Nos momentos em que o texto passa da forma autobiográfica à pura descrição, as marcas do discurso que denotam a presença do narrador são ainda recorrentes, em frases onde o autor expressa de maneira pontual suas impressões pessoais sobre aquilo que descreve para o leitor. Davies garante assim a onipresença do seu ponto de vista particular sobre tudo o que relata, mesmo que não faça parte de sua experiência direta. Tal é o caso, por exemplo, das descrições dos usos e costumes dos diversos povos estrangeiros. Conforme já apontamos acima, o motivo fundamental de sua narrativa peregrina (para retomarmos uma expressão da época) é a transferência para o leitor de sua experiência pessoal, sob todas as suas formas, e então, extensivamente, de sua ideologia religiosa e política, reforçando sua identidade através de uma descrição sistematicamente negativa da alteridade.

²¹ Como no caso do ex-soldado português, Pero Correia, tornado missionário jesuíta, ou do ex-pirata Anthony Knivet, ao qual já nos referimos, ou ainda no caso de Hans Staden, cuja narrativa pode ser lida contudo no sentido do aprendizado, ainda que constrangido, da convivência com os índios Tupinambá.

A ironia e o caráter anedótico, os diálogos pouco significativos imprimindo um tom dramático à cena, as discordâncias temporais, a itinerância constante, o abandono à própria sorte e o infortúnio recorrente, a reversão das situações desfavoráveis devido ao acaso ou à influência de um agente externo, todos estes elementos característicos da novela picaresca podem ser identificados também na *Relação* de Davies. Contudo, eles estão aqui ligeiramente deslocados: o personagem principal ainda é uma vítima risível das circunstâncias, porém não mais porque ele é um ser desprovido de razão e veiculador de uma visão deformada ou ingênua da realidade, e sim porque ao deixar sua pátria ele se depara com um mundo de seres desenganados pela heresia e pelo paganismo, e consequentemente governados por uma ordem social e política perversa.

Nas viagens do cirurgião-barbeiro londrino, a realidade arquetípica é ainda esquematizadora da outra, a autêntica, de tintas mais sombrias. Mas diferentemente da novela picaresca, a realidade não é deformada pela imitação, pelo simulacro, mas certificada como tal pelo testemunho direto. A indigna desonra e o sofrimento grotesco e interminável a que é submetido o errático viajante não são apenas aspectos da purgação da sua culpabilidade cristã, mas também o ponto de apoio sobre o qual William Davies estrutura sua narrativa como obra política, dando uma direção precisa ao seu percurso, o qual se evidencia subitamente não mais como errático, mas como percurso redentor de si, e simultaneamente discriminador de todos os demais personagens, estes sim perdidos e desenganados.

* * *

A empresa de prospecção colonial toscana foi indubitavelmente um fracasso: segundo William Davies, “*nessa viagem estivemos durante quatorze meses, obtendo pouco ganho ou lucro para o Duque, pois não havia nada para lucrar*”.²² A

²² *A Verdadeira Relação das Viagens e do mais miserável Cativo de William Davies, Cirurgião-barbeiro de Londres, sob o Duque de Florença*, cap. 4.

expedição, que partira de Livorno em setembro de 1608, voltou na realidade no final de junho de 1609. Fernando I morrera entretanto, em fevereiro daquele ano, e seu sucessor Cosimo II não deu continuidade àquelas iniciativas. O ducado toscano declinou rapidamente, em seguida, junto com a “*decadência física e psíquica da estirpe medicea*”, segundo as palavras de Roberto Ridolfi²³. Robert Thornton, o chefe da expedição amazônica, encontrava-se na miséria logo após o seu retorno a Livorno (ele escreve ao Grão-duque implorando-lhe miseravelmente uma pequena moradia para si e para a sua família pouco tempo após o seu retorno, súplica renovada ainda uma vez em 1625²⁴). Robert Dudley caiu definitivamente no ostracismo²⁵. William Davies, após ter cumprido sua missão, conseguiu recuperar afinal sua condição de homem livre e retornar para a Inglaterra, onde terminou pacificamente seus dias.

²³ RIDOLFI, Roberto. “Pensieri Medicei di Colonizzazione nel Brasile”, citado: 719-720.

²⁴ Ver GUARNIERI, Giuseppe Gino, *Un’Audace Impresa Marittima di Ferdinando I dei Medici*, Pisa, 1928: 72-73, que reproduz dois documentos do quarto volume dos *Annali di Livorno*, de G. Vivoli.

²⁵ Ver TEMPLE-LEADER, Giovanni, *Roberto Dudley, Duca di Nortumbria*. Firenze, 1896.

Documento 1 - Descrição da América, ou melhor, das Índias Ocidentais ao Sereníssimo Grão Duque da Toscana Senhor meu Horazio della Rena⁰¹

Sereníssimo Senhor

A ordem que me deu Vossa Alteza Sereníssima, com as últimas, e a sua benignidade deram-me ânimo para enviar-lhe uma parte do meu trabalho, posto junto a essa monarquia há alguns anos, o qual se amplia até a descrição e informação dos estados e governos das Índias Ocidentais. Isto é o que Vossa Alteza demonstra desejar, à qual eu suplico humildemente não desdenhar o dom, e não se admirar que eu, estrangeiro neste país e daqueles das Índias muito afastado, tenha tido coragem de falar tão detalhadamente de coisas tão distantes. Pressupõe-se que já há alguns anos, e também recentemente, eu tenha procurado saber essas coisas por diversos escritos, pelos próprios índios, por muitos espanhóis que habitaram longamente naqueles lugares e finalmente pelo Cosmógrafo e pelo Cronista-mor das Índias – que são as pessoas que podem mais que ninguém dar informações mais seguras destas coisas. Se eu tiver conseguido neste trabalho satisfazer o desejo de Vossa Alteza e à obrigação estrita que tenho de servi-la (enquanto eu me guardo a dizer de viva voz outras coisas ainda mais recônditas sobre aqueles reinos) daria humildemente graças ao Senhor Deus, ao qual imploro com o mais profundo do coração conceder à Vossa Alteza e a toda a sua sereníssima casa e sucessão, longa felicidade e contentamento.

De Valladolid, 13 de setembro de 1604.

De Vossa Alteza Sereníssima,

O mais humilde e devoto vassalo e servidor.

Horazio della Rena.

⁰¹ Nota dos editores. A *Descrição da América* de Horazio della Rena foi composta originalmente em italiano a partir de informações obtidas na Espanha, de informantes espanhóis, sobre a geografia e a economia do Novo Mundo. O vocabulário manipulado pelo autor evidencia esse vício de origem e a tradução que oferecemos ressent-se de inúmeras dificuldades decorrentes deste fato. Na tradução, optamos por traduzir os nomes próprios quando eles possuem equivalente de uso ordinário na língua portuguesa. Assim, alguns acidentes geográficos, algumas cidades, animais e plantas aparecem com grafia portuguesa corrente. Contudo, nomes de uso comum apenas no século XVII ou aqueles que não encontram equivalente contemporâneo, permaneceram na grafia original, ainda que variável ou transcrita foneticamente pelo autor a partir do castelhano. Algumas palavras ou expressões do manuscrito aparecem sublinhadas. Optamos por manter o destaque substituindo o sublinhado por negrito, afim de assinalar o destaque original com meios mais modernos. Por fim, não poderíamos deixar de mencionar três expressões que ficaram por traduzir, testemunhando uma derrota dificilmente aceitável neste tipo de trabalho. Em primeiro lugar: “*un cortel grande da becca*”, que nos foi impossível compreender o significado; em segundo lugar “*zabuccali*”, e por fim “*zerighini*”.

O Peru, e a Nova Espanha

O Novo Mundo, dito América por alguns, é todo circundado pelo oceano. Uma parte deste último é chamada **Mar do Norte**, porque está mais exposto ao lado setentrional; a outra parte, **Mar do Sul**, porque fica mais para o lado meridional. Até hoje não se descobriu mar mediterrâneo, como no Velho Mundo. O continente se divide em duas partes principais: o **Peru** e a **Nova Espanha** e tem a forma de um coração reunido a pulmões. A Nova Espanha, e a Flórida, dita comumente “Terra Firme” se reúne à outra parte por um istmo largo de vinte milhas, que é a distância que separa neste ponto o Mar do Sul daquele do Norte. Ainda que de Nombre de Dios até Panamá – que são os extremos limites da sua largura – se caminhe até 54 milhas, é porque a estrada dá muitas voltas, e fazendo uma linha reta não há distância maior que aquela dita acima.

Propuseram ao Rei cortar esse caminho e reunir um mar ao outro para que as frotas possam passar ao Peru com mais comodidade; pois é muito mais cara e trabalhosa a passagem terrestre destas cinquenta e quatro milhas que as seis mil e novecentas que há de mar dali até Sevilha. Mas como dizem que uma água é mais baixa que a outra e que se poderia alagar a terra, se pôs de lado este pensamento generoso; como se diz, pelo mesmo argumento, no tempo do Rei Sesóstris, ter-se deixado de juntar o Mar Vermelho ao Nilo.

O Peru, tomando a parte pelo todo desta terra que dissemos assemelhar-se a um coração, se divide em muitas províncias e reinos. A mais nobre entre todas é aquela do próprio Peru, onde reside o Vice-Rei na **Cidade** dita de **Los Reyes**, que é o maior governo já dado pelo Rei da Espanha. Esta grande província começa na cidade e reino de Quito, ao norte, e vai até o Chile, ao sul; ela tem comprimento de 1800 milhas de leste a oeste e tem largura de até 150. Ela se divide no comprimento em três faixas; a primeira tem trinta milhas de largura para o Mar do Sul, a costa toda é de mar e de planície arenosa, onde há um só vento que é meridional ou Sul, ao contrário do que costuma acontecer dentro da zona tórrida, e aqui o clima não é infernal, mas suave e só nesta faixa não chove, não neva, nem cai granizo, nem há tempestades. É região seca, abundante de vinho, é limitada em águas, mas os habitantes se servem daquelas dos rios para irrigar o terreno. A segunda faixa é uma cadeia de montanhas que tomam sessenta milhas de largura onde chove de vez em quando, como na Espanha. A terceira faixa são os montes chamados **Andes**, onde chove quase sempre; eles são da mesma largura que as montanhas e seguem como linhas paralelas por mais de três mil milhas de comprimento. Eles são tão elevados, que os Alpes, os Pirineus e os Apeninos da Europa são pequenas colinas em comparação. Supera todos os demais em altura aquele de **Pariacaca**. Em seu cume há uma destemperança tão grande do céu que, àqueles que passam por ali, causa uma náusea e uma falta de ar tão desagradável que dá tontura, altera o estômago com dor mortal. Não há

casas nem animais por lá, a menos das vicunhas (que mais abaixo se dirá o que são) e o deserto tem noventa milhas de largura. O Peru é a mais estimada província das Índias pelas suas ricas minas de ouro e de prata, do que mais abunda que qualquer outra província. Entre as cadeias das montanhas se estendem alguns vales, onde estão as melhores populações do Peru, como Sciauscia, Andaguailas, Giucai e a cidade de **Cusco**. Entre elas e os Andes, do lado que mais se afastam longe das outras, está a província do Cogliao, onde nascem infinitos rios e onde está o grande lago **Titicaca**, ela é abundante de povos, de pastagens de cabras e de encostas e é a região mais povoada das Índias.

Depois desta província, segue aquela dita dos **Ciarcas** que tem muitos vales amenos, de ar temperado e de terreno fértil. Na sua parte montanhosa estão as mais ricas minas do mundo, entre estas tem o primeiro lugar aquela de **Potosi**. Ela está num altíssimo monte de cor vermelha que tem forma de pavilhão, ou de pão de açúcar; a montanha é seca, estéril, fria, destemperada. Porém, com isso tudo, por causa da mina fez-se uma das maiores povoações do Peru que abunda de toda espécie de dádivas. Após o Peru, o reino do **Chile** segue até Tucuman que é a terra que se assemelha à Espanha mais que nenhuma outra das Índias e que produz quase as mesmas coisas que ela, como pão e vinho (que se leva até Cusco e Potosi), frutas e cabras em grande quantidade. Ela é rica em ouro finíssimo; lá não se usa outra moeda. Porém é terra pobre e mal povoada por causa das guerras que os espanhóis fazem continuamente com os Aurucañi, que são robustos e amigos da própria liberdade. Entre este lugar e o Peru existem algumas **montanhas** não muito agudas mas desertas, e em certas partes mais planas sopra um ventinho tão penetrante que sem advertência muitos passantes caem mortos na terra, ou ficam privados de alguns membros do corpo sem sentir dor; e o vento gelado conserva os cadáveres por muito tempo sem apodrecer. Por esta razão evitam os modernos espanhóis fazer este caminho e vão até o Chile pelo mar ou pela costa, ainda que seja mais difícil e trabalhoso que o outro.

Dando a volta pelo Estreito de Magalhães do Chile até o Rio da Prata, tem-se uma região cheia de rios, prados, selvas com árvores odoríficas e preciosas, com enormes províncias todas habitadas por **índios**, porque os espanhóis não possuem aqui nenhum povoado. Estes **habitantes** usam flechas e andam vestidos da pele de um cervo que abunda na região.

Do Rio da Prata até o Maranhão, indo até o Rio das Acrias, termina tudo o que se chama Terra Firme, o que segundo alguns, faz mais ou menos doze mil e seiscentas milhas de caminho pelo litoral, pois pelo meio desta grande região do mundo, pela densidade da selva, a região não é ainda conhecida. Crê-se que ali está o **Rio Dourado**, os floridíssimos reinos dos Patiti, e dos Césares, com grandíssima quantidade de minas de prata e de ouro, que é o que valorizam os espanhóis, que não fazem caso das outras regiões ainda que sejam fertilíssimas e deliciosas.

A Nova Espanha se assemelha a pulmões, tomando a parte pelo todo, contém a Flórida, o Giucatan e Mecicoan e outras grandes províncias que cobrem uma terra imensa de leste a oeste as quais são ainda desconhecidas. Dir-se-á apenas que a Nova Espanha, onde o outro Vice-Rei das Índias Ocidentais reside na **Cidade do México**, supera o Peru nos pastos, nos rebanhos, nas raças de cavalos e na abundância de grãos e cereais sendo considerada para essas coisas a melhor terra das Índias. Só lhe falta o vinho pois mesmo que tenha uvas, por causa das chuvas que caem em julho e agosto elas não terminam de amadurecer.

O Mar da América é cheio de infinitas ilhas no lado que está voltado para a Espanha. São famosas aquelas que se chamam de **Barlavento**, e entre as principais a Espanhola de Cuba e a de Porto Rico, que têm, como as demais da mesma região, uma enorme quantidade de pastos e de animais, particularmente de vacas e porcos que se tornaram selvagens. O maior negócio das ilhas são os engenhos de açúcar, do que mandam grandes quantidades à Espanha, como ainda a cana fístula, gengibre, couro cubano, macaúba, madeira santa e pau-brasil. Estão sempre verdes e pouco habitadas por causa da espessura das florestas e dos pântanos. A Espanhola abunda de tantos cães que em matilhas se vêem andar pelos campos, e os matam como aos lobos na Europa, pois causam muitos danos. Por causa destes animais elas foram denominadas Ilhas **Canárias**, as quais por ser o Bispo da maior sufragâneo de Sevilha, deveriam entrar na herança da Espanha. Foram chamadas Ilhas Fortunadas pelos antigos, por que foram descobertas graças à temperança do céu no tempo de Dom João II, e foram conquistadas naquele de Dom Fernando e Isabel por Pietro de Vera; a ilha de Palma e a de Tenerife conquistou Alonso di Lugo. A principal ilha é a Grande Canária, residência do Bispo; ela abunda de maçãs e açúcar. Tenerife é a maior de todas, tem grande quantidade de bosques e de pinhos para fazer navios. Palma e Gomera são pequenas mas têm grande quantidade de animais, queijo e maçãs, sendo todas elas férteis em geral e com bastante pão, vinho e rebanhos, entre os quais se vê ainda alguns camelos. Lanzarote e Forteventura são mais despovoadas e abundam de cabras. A Ilha de Ferro está com pouquíssima gente. Lá existe uma **árvore maravilhosa** que não envelhece e que destila água continuamente das suas folhas. Crê-se que uma nuvem branca lhe fornece a água e que todas as manhãs se vê estacionar acima dela na aurora.

Entre as coisas mais maravilhosas das Índias Ocidentais está o estreito encontrado por **Fernando Magalhães**, o qual ficou com o nome do descobridor. Sobre o outro estreito que alguns flamengos descobriram na parte setentrional não se tratará por que não é bem certa a viagem e porque não chegaram além dos 81 graus por causa do gelo. Sobre este estreito de Magalhães, dir-se-á que tem comprimento de cerca de 300 milhas, e a menor largura não é menor que três. As ondas do Mar do Sul entram nele por mais de 90 milhas e as do

Mar do Norte por não mais de 200. E esta parte é funda de 16 e 18 braças, na do Sul não se encontrou a profundidade. Pelo sul é mais difícil reconhecer a entrada, pois o mar passa entre montes altíssimos cobertos de neve e que aparecem de longe uma só e mesma coisa com as águas. Os homens nesta parte são fracos e pusilânimes, na do norte, grandes e valorosos. No tempo do inverno, o estreito não é navegável porque ali a força do vento é indescritível. As ondas que vêm do norte são mais furiosas por ser o mar menos profundo e por terem que passar um trecho mais longo que o do sul. Onde as ondas se encontram, fez-se a **experiência** que todas as águas do oceano abaixam e crescem num mesmo tempo; é bem verdade que existe uma grande diferença de um lugar à outro, porque no Panamá desce e cresce pelo espaço de seis milhas, e em outros lugares dificilmente se percebe o movimento.

Nestes mares existem muitas espécies de peixes que não se encontram na Europa, como os **cabriglie**, que têm o mesmo sabor das trutas, as quais não se encontram na Índia a não ser na província do Chile; os **manati**, que ademais se pescam na ilha de Barlavento, eles comem ervas nos campos e parem seus filhos vivos, têm mamas com que os aleitam; a sua carne não é muito diferente daquela do vitelo; os **tubarões**, peixes muito vorazes e de feroz mordida. No porto da ilha de São Domingos foi pego um em cujo ventre se encontrou uma grande lâmina de ferro, um cortel grande da becca e um grande pedaço de cabeça de vaca, com um chifre inteiro. A estes se cingem sem poderem ser descobertos os **romeri**, que se sustentam da comida que sobra ao lado dos tubarões; os Voadores são peixes pequenos que se encontram somente entre os dois trópicos, perseguidos pelos Dourados, fogem e saltam do mar, e se sustentam no ar por alguma distância com as asas que possuem; os Lagartos ou **Caimanes** não são em nada diferentes dos crocodilos, são impenetráveis salvo no ventre, estão em regiões quentes e por isso não se encontram na costa do Peru até Payta, e daí em diante se vêem com muita frequência. Estão sempre nas fozes dos rios, são peixes de rapina e fazem suas presas na terra combatendo às vezes com os tigres e com outros animais ferozes. A Flórida abunda em **baleias** mais que qualquer outro lugar, e é notável a destreza e a maestria dos índios em pescá-las. Os atuns são encontrados na costa do Chile, mas não em tão grande quantidade, como na Andaluzia; porém é opinião comum que venham botar os ovos dentro do estreito de Magalhães, como fazem no de Gibraltar.

Nas Índias estão os mais famosos rios do mundo. Ocupa o primeiro lugar em todo o universo o **Maranhão**, conhecido pelo outro nome de Rio das Amazonas. Ele tem uma passagem dita o **Pongo** que é a mais perigosa do mundo porque as águas correm estreitas entre dois rochedos enormes e se precipitam em seguida com tão terrível queda que fazem mover as águas extraordinariamente e parece milagre que se possa navegar ali sem naufragar. Somente pela fama das riquezas do Dourado por ali passaram à sua procura exércitos

inteiros. Crê-se que este célebre rio nasça nos montes que estão entre o Coglião e Arequipa. Ele desemboca no Mar do Norte com uma foz tão ampla que excede a largura do Mediterrâneo, pois passa de 200 milhas, se bem que outros dizem que não é mais de 90. A maré sobe nele mais de 30 milhas.

Ocupa o segundo lugar o **Rio da Prata**, dito também rio do Paraguai, que nasce igualmente nos montes do Peru e vai para o Mar do Norte alagando os campos como o Nilo. Entretanto ele cresce muito mais que este rio e deixa os campos tão cheios d'água durante três meses que parecem o mar; após isso, ele retorna ao seu leito. Podem navegar ali navios muito grandes e por muitas milhas rio acima.

Existem outros rios nas Índias, mas não tão grandes quanto estes dois; e são tais que igualam e superam os maiores da Europa, como aquele da **Madalena**, próximo a Sta Marta, como o Rio Grande na Nova Espanha, o **Rio d'Alvarado** e muitos outros. Porém, deve-se saber que os rios que correm para os lados do sul, mesmo que nasçam nos mesmos montes do Peru, como os maiores, não são tão grandes como os do norte pois têm pouco curso, mas são rápidos e perigosos. Não há pontes, passando-se tudo com várias pinguelas dos índios, e porque na costa não chove quase nunca, eles se servem com maravilhosa indústria de suas águas para irrigar a terra. Há também uma grande quantidade de lagos, e tão grandes que se podem chamar mares. O maior é aquele de **Titicaca** no Peru, na província de Coglião. Sua água não é nem doce nem amarga, abunda em peixes e é dos melhores lugares povoados pelos índios que existem em todo o Peru. Das águas deste nasce mais abaixo o lago **Paria** e às margens de ambos se criam e engordam uma grande quantidade de porcos. Nos cumes dos montes, se encontram ainda infinitos lagos dos quais nascem diversos riachos e rios grandes. Próximo a Potosi, encontra-se uma lagoa tão redonda que parece feita com um compasso. O lugar é frio e a água é tão quente que se pode nadar nele apenas nas margens por que no meio o fervor é tão grande que não é possível suportar. Na Nova Espanha está a famosa **Lagoa do México** onde a metade da água é amarga e a outra metade é doce; e ela tem no meio uma ilhazinha com banhos de água quentíssima. São maravilhosos os jardins de flores que estão sobre as águas. Abunda de peixes, mas pequenos e ignóbeis, contudo tira-se um grande número de centenas de milhares de escudos deles. Atualmente os espanhóis tentam secar este lago e já o reduziram muito. Na província de Mecciocan (que quer dizer "terra abundante de peixes") há infinitos lagos, dos quais a região que está sob a zona tórrida tem maior quantidade que qualquer outra parte do mundo.

A região das Índias tem muitas fontes de estranhas e maravilhosas propriedades. Em Guancave, no limite do Peru, há uma **fonte** que jorra água quentíssima a qual pouco após se transforma em pedra, e é ótima para os edifícios porque se corta como madeira e dura

muito tempo. Quem bebe dela morre por que se congela no ventre e se faz pedra da mesma maneira; fez-se experiência disto em alguns cavalos. Na ponta ou Cabo de Santa Helena e na Ilha dos Lobos jorram **fontes de betume** e uma outra de piche, do que se usa para passar nos navios. Nos banhos ditos das Índias, nasce uma fonte de água fervente, e ao lado dela uma outra de água fria como a neve. Na província dos Ciarcas há infinitas delas, e uma tão quente que não se pode suportar a mão nem um segundo. Em Cusco há um campo com um córrego que rapidamente se transforma em **sal**; do que, por essa razão, abunda em geral todo o país. As águas que correm em Guaichil do Peru curam o mal francês³³ por que tomam a virtude da raiz de sarça da qual há grande quantidade em toda a comarca. No **Monte Blicanota** que é considerado o mais alto do Peru e em algumas partes é coberto de neve e em outras é negro como carvão, existe uma fonte que jorra água suja e quente. Há uma outra fonte na Nova Espanha que jorra água de cor de tinta preta, e no Peru uma outra que fornece água cor de sangue e por isso o rio que procede dela se chama Rio Vermelho.

Existem nas Índias infinitas montanhas que se estendem continuamente por milhas, como já se disse. As mais excelsas são aquelas do **Patriarca**, de Potosi e de Blicanota. Além destas, são notáveis aquelas que os espanhóis chamam **Boleanes** que lançam fogo como o Vesúvio na Itália. Próximo ao México há uma de onde se retira muito salitre e enxofre. As montanhas da Guatemala são famosas, são vistas por quem navega pelo Mar do Sul a muitas milhas de distância. No ano de 1586 lançaram tão grande quantidade de fogo e causaram um terremoto tão grande que arruinou metade da Cidade da Guatemala. Próximo a Quito há uma outra que vomita às vezes tanta cinza que obscurece o dia pelo espaço de muitas milhas. Outras se encontram que não lançam nem fogo nem chamas mas têm poços e cavernas de fogos ardentes nas vísceras que dão medo de olhar. A terra das Índias é muito sujeita aos ditos terremotos e particularmente a costa do Peru e a Cidade do México. No Chile ocorreu um que cobriu 90 milhas de terras da região, arruinou completamente montes inteiros, mudou o curso dos rios e os transformou em lagos, e afastou o mar por muitas léguas e deixou os navios a seco. Além dos sobreditos lugares, Arequipa, a Cidade dos Reis e Quito, sofreram grandes ruínas.

Nas montanhas, em lugares ásperos, estéreis, secos, pedregosos e de ar destemperado, mais que em quaisquer outros encontram-se grandes quantidades de minas, das quais a América abunda, e de toda sorte de ouro, cobre, ferro, chumbo e mercúrio. Os reinos do

³³ Ver nota 20 adiante.

Peru são ricos em ouro e prata e lá, como em outras partes, somente se trabalha nas minas de ouro e de prata porque as de chumbo, ferro e cobre são deixadas de lado, transportando estes metais da Espanha e da China, apenas tirando o mercúrio por ser necessário à purificação dos dois mais nobres.

Retira-se o ouro de três maneiras: em **pepitas**, como dizem, por que se encontra o ouro em pequenos pedacinhos, como sementes de abóbora, ou de melões, mesmo que se encontre às vezes muito maiores, e este ouro não é preciso ser refinado pelo fogo e é perfeitíssimo, pois não é misturado com outros metais; mas retira-se pouco deste tipo. O segundo modo se chama **ouro em pedra**, porque se retira das minas com a própria pedra, de maneira que se encontram às vezes pedras em que os veios de ouro passam de um lado a outro, e alguns pedaços são metade ouro e metade pedra. O terceiro é **ouro em pó**; a maior quantidade que se tira deste tipo nas Índias encontra-se nas areias dos rios, terras alagadas e outros lugares em que houve grande quantidade de água. Os rios da Ilha de Barlavento abundam de grande quantidade de ouro, mas porque lá não há gente que possa atender à demanda se retira pouca quantidade. No reino do Chile e naquele de Quito, e no novo reino de Granada há muito deste ouro. Os mais célebres são o ouro de Caravaya (**ouro perfeito**) no Peru, o ouro de Valdivia no Chile e o ouro de Veraguas porque chegam até toda a liga de vinte e três quilates e meio.

Das Filipinas e da China trazem muito ouro ao México. Porém é pior lavar o ouro em pó com muita água pois estraga a terra. Beneficia-se ainda o ouro com o mercúrio e água forte e se faz dele varas para levar até a Espanha, sendo vetado transportá-lo em pó por que não se pode marcar, nem tomar o quinto, nem aquilatar se antes não se funde. A quinta parte de tudo o que se recolhe é do Rei.

A maior parte da prata se extrai no Peru e na Nova Espanha. As minas do Peru são as melhores e entre elas tem o primeiro lugar aquela do Potosí, porque dizem ser lá que ela foi encontrada, e até o ano de 1583 deu cento e onze milhões de pesos de 14 reais cada um. As **minas** são de dois tipos: **temporárias** e **fixas**. As temporárias dão um pedaço de metal, e quando ele termina não se encontra mais. As fixas em largura e em profundidade da rede se estendem nas vísceras da Terra como os ramos grossos de uma árvore, e onde se encontra uma destas é comum encontrar muitas. O **mercúrio** se retira dos montes de Guanaca Velinca a cada ano oito mil quintais, ainda que isto não seja suficiente pois muito mercúrio vem da Espanha. Frutifica ao Rei sem nenhum risco quatrocentos mil pesos de mina, que são um pouco menos de 14 reais cada um. Tira-se grande quantidade de **cinabre**.

As **esmeraldas** encontram-se em tão grande quantidade no Peru e no novo reino de Granada próximo a Manta, e Porto Velho, que de lá vêm até a Espanha caixas inteiras. Elas nascem nas pedras como o cristal e são encontradas em vários tamanhos. As **pérolas** se

pescam em diversas partes das Índias em grandes quantidades. No Mar do Sul, perto do Panamá, existem algumas ilhas que tomaram o nome de Pérolas. Pescam-se em maior número e mais perfeitas no Mar do Norte perto do rio da Accia e na ilha de Sta. Margarida. Os pescadores costumam mergulhar dentro d'água, mesmo quando ela está frigidíssima, retirando das pedras as conchas que as produzem, voltam à tona com as mãos cheias.

Na Nova Espanha a tuna é célebre; é um aglomerado de folhas umas sobre as outras que vão engrossando e fazendo troncos, de tal forma que não se sabe julgar se é planta ou árvore. É coisa muito cultivada porque nas suas folhas nascem as lagartas cobertas de uma teia de aranha que colhida cuidadosamente e secada levam à Espanha e são a verdadeira Cochonilha tão considerada para tingir os panos de vermelho.

Usa-se nas províncias da Nova Espanha, e em grande parte das outras, o grão de **milho**, que na Itália se chama grão da Turquia. Dele comem os animais. Os homens se servem dele para o pão e para o vinho, fazendo dele uma bebida como cerveja, e para o óleo, tirando-se dele uma pasta como a manteiga; comem o milho na sopa e de outras maneiras e em tal quantidade que este grão e o gado são considerados, fora as minas, como as duas maiores riquezas das Índias. Em outros lugares comem diversas raízes, as quais secam ao sol e fazem farinha. Na Ilha de São Bartolomeu, em particular, onde nasce o grão de uma mesma semente tão desigual que um amadurece, outro está seco, enquanto outro apenas brota fora da terra.

Na Nova Espanha, há o **Mapuey** que é a árvore dita das maravilhas por que os habitantes tiram dela água, vinho, óleo, vinagre, arrobe, mel, fio e agulha para cozinha e muitas outras coisas. Encontra-se também no Peru, mas não têm tanta utilidade. Na dita região da Nova Espanha germina uma grande quantidade de ervas ditas, na Itália, **Indaco** e, na Espanha, **Angir**, da qual se tingem os panos. Neste lugar crescem as árvores que distilam o bálsamo. Elas são semelhantes à romã, tira-se o bálsamo perfeitamente fazendo um corte no tronco e recolhendo-se o precioso licor. O modo de tirar o suco das folhas e da madeira cozida não é tão bom como o primeiro. Abunda disto mais que qualquer outra a província da Guatemala e de Ciapa. O mais estimado é aquele da ilha de Tola, perto de Cartagena. O branco é melhor que o vermelho. A Sé Apostólica declarou que faltando o óleo naquelas regiões, se pode fazer o crisma com ele e que se dê os sacramentos da confirmação e da extrema unção com ele. O **liquidâmbar**, o **estoraque** incenso e **concentrado**, vem também ele da Nova Espanha. E nesta sorte de licores, gomas, sucos e madeiras aromáticas e medicinais, a Índia supera largamente a Europa. Na Espanhola há grande quantidade de **cana fístula**. Esta é aquela conhecidíssima árvore que produz por fruto as canas de onde se retira a cássia. Nesta mesma ilha nasce a **sarça** tão conhecida, e dela abunda a região de Guaiachil como se disse. Nasce ainda na ilha Espanhola a árvore da madeira santa que pesa

como o ferro, e o pau-brasil para tingir os panos. Abunda ainda de **gingibre** e da pimenta vermelha, que é chamada “das Índias”. Há grande quantidade dela em todos os lugares; também é dita **Asci** e se come verde e seca. É a principal especiaria das Índias, que produzem mais raízes comestíveis debaixo da terra que a Europa, embora não tenham tantos frutos.

Não faltam flores diversas, nem tão pouco o **algodão**, que é produzido em árvores pequenas e grandes. Abunda desta flor a Nova Espanha e a costa do Peru, e ela é de grande proveito para as Índias por que tiram a lã e o linho dela. É o principal capital da província de Tucumam de Santa Cruz de la Sierra e do Paraguai. É recolhida também na Ilha de San Domingo e lá faz-se dela as velas dos navios.

As nozes das índias, ditas **Cocos**, são tão grandes que se faz copos para beber. Nos Andes há bosques inteiros delas. Em Havana há grande quantidade de ébano, de macaúba e de outras madeiras preciosas. E de tal maneira que a região das Índias tem maior abundância de árvores que nenhuma outra parte do Velho Mundo. E pela espessura das selvas é impenetrável e desconhecida a maior parte daquela terra.

A razão de tamanha fertilidade de plantas e árvores é a temperança daquele céu quente e úmido, onde não falta madeira nem para queimar nem para edificar. Abunda de Cedros, do que se faz até navios. Lauráceas, palmas e **Ceive** não faltam, desta última os índios fazem as canoas, que são barquinhos de uma só peça. De cana de açúcar tem grande quantidade o Peru e o México, a Ilha de San Domingo, e mais que nenhuma outra, a província do Brasil. Na Nova Espanha se recolhe **seda**. Os espanhóis levaram para lá as amoras e muitas outras espécies de plantas, se bem que venham tantas da China, ainda que seja proibido, que é supérfluo enviá-las da Espanha.

Há grande quantidade de **pássaros** originais e extraordinários com diversas cores de penas. Com elas se faz imagens na Nova Espanha com tal mestria que parecem realizadas com o pincel e iluminadas de ouro sobre o veludo. Pela originalidade das penas são de grande valor as **araras**, pouco maior que os papagaios, dos quais se encontram muitos nos Andes do Peru e nas Ilhas de San Domingo e de Porto Rico. Eles são vistos alinhados como pombos. Ainda há uma sorte de falcão de cor verde, particularmente os **halietos**, tão estimados que são levados à Espanha e são vendidos às vezes até a 500 ou 600 escudos cada um. Não faltam **avestruzes**, **airões**, **águias** e os pássaros que se chamam **condores**, de tão enorme tamanho e de tanta força que abatem e comem um porco inteiro e às vezes uma vitela. Nas Índias, pela frescura dos pastos, há tão grande quantidade de **rebanhos** e de tropas que existe um homem que possui setenta ou oitenta mil cabeças.

Já que a erva é alta, há muito maior quantidade de vacas, se bem que uma parte delas vive selvagem nas montanhas e assim se faz senhor delas quem as abate, e como só procu-

ram a pele, deixam a carne a quem quiser. algumas vezes, pela quantidade morta, se infectou o ar causando grande pestilência. Muitos milhares destes **couros** são levados à Espanha, tirados das ilhas supraditas e da Nova Espanha.

No continente, nas montanhas ditas Andes, se encontra uma grande quantidade de **micos**, que são uma raça de macaco com rabo. Eles saltam de uma árvore à outra com maravilhosa agilidade, ainda que sejam muito distantes. As **vicunhas** são como cabras selvagens que passeiam nas mais altas montanhas e não temem a neve nem o gelo. As **tarugas**, são mais ligeiras e de maior corpo, elas não vão em rebanhos como as vicunhas, mas andam sozinhas e vão por montanhas mais íngremes. Os castrados ditos **guanacos** são de duas espécies: alguns pelados e outros peludos; levam carga e se vê tropas de 300 e 1000 deles arrastando barcos e varas de prata de um lugar à outro. As **alpacas** são quase semelhantes, mas desdenham levar a carga e se jogam ao chão, e se quem as conduz não as adula com carícias, se deixam matar antes de se levantar da terra. Os **saini** são como leitões que têm o umbigo nas costas e o dente agudíssimo, com o que costumam ferir gravemente quem se lhes opõe. No ventre das supraditas vicunhas, tarugas, guanacos e alpacas se encontram as **pedras bezoar** tão estimadas. Aquelas que se tiram dos Guanacos e das alpacas são negras e não são muito boas; as outras que se tira das vicunhas, que são brancas e cinzas, são mais aprovadas; mas as excelentes são aquelas que geram as tarugas, e as excelentíssimas e mais louvadas são as orientais de cor de oliva, em segundo lugar as do Peru, em terceiro as da Nova Espanha.

Nas Índias se encontram ainda muitas outras pedras medicinais, como a de **higiada**, que serve contra dor nas costas, o **jaspe** vermelho que estanca o sangue, o branco que chama o leite, as **cornalinas** que confortam o coração e ainda muitas outras que por brevidade se deixa de contar.

Além das Índias Ocidentais, existem as **Ilhas Filipinas** ainda sujeitas à coroa de Castela, lá não pode ir barco ou homem estrangeiro sem licença sob pena da vida.

Só a província do **Brasil** está sujeita à coroa de Portugal. É terra agradável, de bom ar, cheia de montes e vales, de fontes e de rios. Nos seus confins tem os dois rios mais famosos do mundo, o da Prata, que além de desembocar no mar com uma foz de 120 milhas, corre com tanto ímpeto que a sua água doce é recolhida pelos marinheiros a muitas milhas mar a dentro. Além do açúcar e do pau-brasil, que deu o nome à região, abunda de couro, algodão, âmbar **zabuccali**, abacaxi, frutos suavíssimos, de muitos animais conhecidos na Europa; abunda também de **zerighini** que são uma espécie de raposa que mergulha seus filhos nas poças, de **preguiças** que para mover-se e andar o quanto se lança uma pedra precisam de 15 dias. Lá reinam de equinócio a equinócio dois ventos apenas, de abril a setembro sempre ventos austrais, e de setembro a abril ventos setentrionais.

Esta província foi descoberta para o Rei D. Manuel em 1500 por **Pedro Álvares Cabral** português; e **Américo Vespúcio** florentino, um ano depois, descobriu para o mesmo rei o Rio da Prata; e dele tomou o nome de América todo o Novo Mundo. **Vasco Nunes Balboa de Badagios** descobriu em 1563 o Mar do Sul e em 1517 **Giovan Fernandez de Córdoba**, o Iucatan, e um ano depois **Fernando de Magalhães**, o estreito de Magalhães e de lá navegou até as Molucas. E **Fernando Cortez** nestes tempos descobriu a Nova Espanha e conquistou a cidade do México. E em 1533 **Francisco e Fernando Pizarro** e os irmãos com Diego de Almagro descobriram e conquistaram o Peru. Porém antes de todos, em 1493, **Cristóvão Colombo**, que ensinou aos outros, descobriu e conquistou para Fernando e Isabel a Ilha de Cuba, e de San Domingo, Porto Rico, e outras daqueles lados.

Sobre a Navegação das frotas da Espanha até as Índias Ocidentais

Vão de Sevilha até as Índias Ocidentais a cada ano duas frotas de muitos galeões, e naves menores, uma ao Peru e outra a Nova Espanha. A frota do Peru parte no mês de fevereiro e leva consigo óleo, linhas, panos, seda, mercúrio para o Rei e várias mercadorias da Europa. A frota da Nova Espanha parte em torno do dia de São João e leva panos, linhas, ferramentas e outras coisas. Leva particularmente uma grande quantidade de vinho, por causa da grande carência que tem a região. É diferente esta navegação daquela do Mediterrâneo, porque aqui se reconhecem ao ir e ao voltar sempre os mesmos portos e promontórios; no oceano, vai-se por um caminho e volta-se por outro. A razão é porque no oceano em certos lugares reinam sempre os mesmos ventos e aqueles que são bons para a ida, não servem para a volta. Passando o trópico de Capricórnio, e entrando na zona tórrida, como ela é a parte mais sujeita ao ardor do Sol, por consequência deveria causar grande calma, e reinam perpetuamente ventos do leste, que aqueles marinheiros chamam **brisas**, as quais soprando de popa fazem a navegação mais fácil na ida que na volta. Assim, a mais trabalhosa viagem que têm as frotas na sua viagem é até chegar às Canárias, porque passam o golfo que chamam de **las Jeguas** que é combatido por diversos ventos com algum perigo. Nas Canárias, embarcam alguns navios vinho, farinha, queijo e outros produtos, e descendo mais abaixo entram na zona tórrida e encontram as preditas brisas e ventos do leste tão estáveis que apenas precisam içar as velas onde, pela sua tranqüilidade, chamam os espanhóis aquele trecho de mar **Golfo de las Damas**. As frotas chegam às Ilhas Dominicana, Marigalante, e a outras daquela linha, que são como subúrbios das Índias Ocidentais. Aqui as frotas que vão à Nova Espanha tomam o caminho da mão direita, na Espanhola, e reconhecendo o Cabo de Santo Antônio, terminam sua viagem em São João de Lua. Aquelas que vão ao Peru, voltam à esquerda reconhecendo as altíssimas montanhas de Tayrona, e

chegando a Cartagena, passando a Nombre de Dios, de onde por terra se vai até Panamá, aqui se embarcam no Mar do Sul e vão daí até o Peru.

Consome-se ordinariamente em toda esta viagem quase dois meses inteiros; se entretêm ao contratar as suas mercadorias, a tomar a carga de prata, de ouro e de outras coisas, que levam a duração da viagem até a dois meses e meio, e retornam à Espanha da maneira seguinte. A Frota do Peru volta a reconhecer o cabo de Santo Antônio, na ilha de Cuba, e entra então no seguro porto de Havana. A frota da Nova Espanha vem da Vera Cruz ou Ilha de San João de Lua ao mesmo porto de Havana, apesar do trabalho para dominar a brisa contrária à sua navegação. Mas a frota da Nova Espanha ao despachar as suas mercadorias e ao tomar a carga consome muito mais tempo, e aquela que vai num ano retorna no outro. Reúnem-se ambas as frotas neste lugar e partem quinze dias antes ou depois do dia de São João, e se atrasam a se reunir em tal tempo, não mais podem partir até o mês de janeiro. A razão é que fora destas duas estações, reinam no canal das Bahamas os ventos ditos furacões, que causam ferozíssimas borrascas. Porém, quando as frotas ultrapassam a boca do canal, pensam ter saído fora de perigo e por isso costumam enviar logo uma caravela como aviso para prestar contas ao Rei das suas viagens. Durante o retorno, procuram por-se em altura fora do trópico de Câncer, por que aqui se encontram os ventos do oeste e do sul que os marinheiros chamam **vendavais**, e navegando com eles reconhecem a Ilha dos Açores e daí vêm a Sevilha. De modo que a ida é sempre em pouca altura, ou seja, a menos de 20 graus dentro dos trópicos e o retorno é a vinte ou trinta graus fora deles, porque os ventos orientais que se encontram dentro da zona tórrida são bons para ir da Espanha até as Índias Ocidentais. Os poentes ou vendavais, que estão fora dos trópicos, mas não tão certos como as brisas, são bons para voltar. É regra infalível que quanto mais altura se toma, tão mais seguros são os Vendavais. A mesma maravilha se consegue no Mar do Sul para navegar do Peru ou da Nova Espanha até as Filipinas; diz-se que uma vez saiu em 1584 um barco que navegou 2700 léguas sem ver terra e sempre com o mesmo vento do oriente. E deve-se notar que o caminho do Peru até as Filipinas é muito maior que aquele que fazem os portugueses passando o cabo da Boa Esperança.

Relação do ouro e da prata que levou a frota do Peru e da Nova Espanha no ano de 1594 e das mercadorias e jóias que conduziu daqueles lugares até Sevilla.

Da província do Peru e da Terra Firme em ouro, prata e dinheiro para o Rei de milhões 3.166.U163.

Da mesma em ouro, prata e dinheiro para particulares de mi. 7.256.U564.

Da província da Nova Espanha em ouro, prata e dinheiro para o Rei de m. 1.477.U451.

Da mesma Província em ouro, prata e dinheiro para particulares de m. 4.132.U995.

Das Ilhas Havana e Cuba para conta de particulares em ouro e prata de m. 0.156.U030.

De Honduras em ouro e prata para o Rei de m. 1.

Da mesma província em ouro e prata para particulares de m. .500.U.

Levou das províncias supraditas onze mil 121 arrobas de queijos estimada em de m. .485.U281.

E mais noventa e dois mil trezentos e trinta e oito couros de vaca estimados de m. .196.U364.

E mais mil trezentos e oitenta arrobas de Agnir que se estimou de m. .99.U272.

Levou ainda, vinda do mar da China 6261 libras de seda de m. .18.U233.

E mais 325 onças de almíscar estimadas de m. .U709.

De forma que todo o registro conta dezoito milhões e meio, um pouco menos de m. 18.489.U062.

E levou sem registrar oitenta e uma varas de ouro baixo que pesam 364 pesos.

Seis caixinhas de pérolas.

Quatro caixas de esmeraldas.

Quatro outras caixas de esmeraldas e prata de mariquita para a conta do rei.

Para particulares onze caixas da dita prata de mariquita 25 partidas e 381 peças.

Vinte e uma caixas e outras tantas partidas de pérolas.

Uma caixa e três partidas de esmeraldas com outras coisas que não se pode avaliar.

Sobre o governo das Índias Ocidentais

O governo das Índias Ocidentais, como acontece sob aquele de Castela, não é em nada diferente do mesmo desta província, ou antes, ele se regula com as mesmas leis e com os mesmos ministros que dependem todos do Conselho das Índias, que reside junto ao Rei, pelo qual são nomeados todos os principais governantes. Divide-se o governo de todas as Índias Ocidentais em dois reinos, ainda que possam ser muito mais, por causa das vastíssimas províncias que estão submetidas a um e a outro. O primeiro é aquele que se chama reino do Peru, o segundo é aquele da Nova Espanha. E mesmo que a Nova Espanha sempre foi e ainda é cheia de gente, mais política e mais civil; entretanto, porque se retira do reino do Peru maior quantidade de prata das ricas minas que lá se encontram, é tido como cargo mais digno ser Vice-Rei do Peru, e tiram do Rei salário maior, sendo o seu salário 40 escudos, e o do México é menos da metade. Ao Marquês de Villena foi proposto ultimamente se quisesse ir para lá 60 escudos. Além do que, costumam melhorar a remuneração dos Vice-Reis da Nova Espanha, mandando-os ao governo do Peru; onde têm grande comodidade para enriquecer, por que as repartições que são chamados de “Índios”, o que quer dizer adquirido por vassalos e por jurisdições que se fazem a cada ano ao subjugar aqueles povos, toca a ele, ao vice-rei, por sua vez uma grande parte da terra, e ele a vende por uma vida inteira, e assim retira uma notável soma de dinheiro.

156

Hoje é **Vice-Rei** do reino do Peru o Conde de Monte Rey o qual governou bem, ainda que nas guerras que ocorreram no seu tempo, entre os índios e a nação espanhola, que guerreia quase continuamente naquela província, não tenha tido muitos prósperos sucessos. Estão sob a sua jurisdição todos os **governos** que estão nesta parte do Novo Mundo, mesmo que sejam nomeados pelo Rei, como o são: o governador do Novo Reino de Granada, que é Don Giov. de Borgia, o governador de Quito, governador de los Ciarcas, o governador do Panamá, o governador de Porto Rico, o governador da Ilha de Santa Margarida (onde é feita a pesca real das pérolas), o governador de **Cumana**, o governador da Venezuela, o governador de Rio das Accias e o governador de Havana, que comanda o quartel e as galeras que estão naquele porto, onde ordinariamente se reúnem as frotas e se entretêm aqui esperando o bom tempo para vir à Espanha. E todos os governadores têm o Vice-Rei como seu superior, e o consideram e reconhecem como aquele que representa o próprio Rei.

Em todos esses lugares, além dos governadores, reside ainda um tesoureiro e um contador, nomeados pelo Rei, que cuidam das entradas reais, e daquilo que se retira de renda em cada província. O governo das coisas civis não é em nada diferente daquele da Espanha, pois também nesse reino existem deputados às **Audiências Reais** que decidem todos os conflitos que há entre aqueles povos. E, como a região é vastíssima, existem cinco audiên-

cias nomeadas neste grande reino. A primeira está na cidade e Lima, ou melhor na Cidade dos Reis; a segunda no Panamá; a terceira em Los Ciarcas; a quarta em Quito; a quinta e última no Novo Reino de Granada. Destas audiências só se pode apelar ao Conselho das Índias, que fica na Corte da Espanha, em segunda sentença, e o conflito deve envolver mais que dois mil pesos, e se deve apelar com as mil e quinhentas – como dizem na Espanha – que é um depósito de mil e quinhentos dobrões, que faz aquele que apela e, se obtém sentença contrária, as perde, indo uma parte para o fisco e outra para quem vence a disputa.

Nesta parte do mundo está situado ainda o **Brasil**, entretanto, uma vez que foi conquistado pelos portugueses, como se disse acima, tem um governador português que não reconhece o Vice-Rei do Peru, e nem tem nada a ver com ele, sendo o patrão absoluto da sua jurisdição e de toda esta costa do Brasil, que está distinta em oito capitânias que podem estender-se até a mil e quinhentas milhas de terra; reconhecendo aqueles capitães por superior o governador e recorrendo-se em muitas coisas ao seu tribunal que está no lugar dito Bahia de Todos os Santos, onde ele faz sua residência.

O espiritual, no Peru é governado pelos **arcebispos** e **bispos**, e por outros ministros eclesiásticos, da mesma maneira que é governado na Espanha e na Itália, florescendo cada vez mais a religião nestes lugares, pois além de multiplicarem-se as igrejas e os mosteiros, e vestirem-se ali muitos religiosos, para lá se manda a cada ano dos reinos da Espanha e de todas as ordens um grande número de sacerdotes para que administrem os sacramentos àqueles povos. Na Cidade dos Reis, onde o Vice-Rei faz residência, está o arcebispo, que é primaz de todo o Peru; lá está o Conselho da Inquisição e o **Inquisidor-Mor**. Lá estão os magistrados de corte, corregedores (entre os quais o maior), contadores, tesoureiros e outros ministros de justiça e as guardas dos alabardeiros tal e qual uma imagem desta própria corte de Sua Majestade.

No Novo Reino de Granada, na cidade de Santa Fé, há também arcebispo; em Cartagena há bispo, como também em Sta. Marta, ambas cidades do dito Reino; em Papayan, no Panamá e na cidade de São Domingos no reino de Quito há bispo; também há em Cusco, em San Thiago no Chile, na cidade Imperial, na cidade da Prata, nos Ciarchos na cidade da Trindade no rio da Prata; e há bispo de San Thiago de Listera em Tucuman; erigindo-se a cada dia novas Igrejas episcopais, conforme as conquistas feitas.

O governo da Nova Espanha é bem precisamente da mesma forma daquele do Peru, e os povos antigos e modernos desta província, foram e são muito mais políticos e mais civis que os do Peru, os seus costumes mais honestos e a sua **língua** mais densa. Disse-me um frade muito douto nascido naquele lugar, de pai e mãe espanhóis, que esta língua na pronúncia e em muitas palavras se assemelha à grega, tendo também algumas locuções que

parecem o hebraico, dizendo ainda que lhe parece impossível que além da moderna passagem do oceano que os espanhóis fizeram não houvesse nos tempos antigos nenhuma travessia oceânica por parte destas duas nações.

É atualmente o **Vice-Rei da Nova Espanha** o Marquês de Montes Claros, com título da Casa de Mendoza, residindo na cidade do México que é uma das mais povoadas cidades do Novo Mundo. Há o arcebispo que é o primaz da Nova Espanha, há o Inquisidor Mor com o seu Conselho, há o magistrado da corte, o corregedor maior, contadores, tesoureiros, feitores e outros ministros, como na cidade que é capital de todos aqueles reinos – Madri. Estão submetidos à jurisdição deste Vice-Rei os **governadores** da cidade de Los Angeles, de Antiquera, de Merida, da Ilha de San Domingos, de Guadalajara, de Nova Biscaglia, de Bacathecas, de San Thiago na Guatemala, de Honduras, de Ciappa, da Vera Paz, de Costa Rica, de Sta. Fé, de Bogotá, de Tunjia, de Marequita, da cidade dos Remédios, de Vitória, de Pamplona, de Palma de Antioquia, de Cartajena, de Sta. Marta e de outros; sendo vastíssima a jurisdição deste Vice-Rei e ainda muito maior que aquela do Peru, por que além destas províncias lhe estão submetidas também as Filipinas; onde havia Audiências Reais, mas hoje estão submetidas ao Vice-Rei do México, como ainda as outras **Audiências**, que são nestes reinos onde se trata das causas civis, e a primeira reside na dita cidade do México, a segunda na Nova Galícia, a terceira na Guatemala, e a quarta na Ilha de São Domingos. Nestas Audiências se tratam os conflitos da mesma forma e com o mesmo apelo que naquela do Peru, e assim não é necessário fazer outra referência a eles.

O espiritual também é governado do mesmo modo por arcebispos e bispos que residem naquelas províncias. E além do arcebispo do México, há o arcebispo da Ilha de São Domingos, na Espanhola e em Porto Rico, na Venezuela, na Havana, na cidade de Los Angeles, em Antiquera, em Merida, em Guadalajara, em São Thiago da Guatemala, em Soconusco, em Ciappa, e na Vera Paz. O bispo reside em todas estas cidades. Nas Filipinas existem dois arcebispos, um na Cidade de Nova Segóvia, o outro na cidade do Santíssimo Nome de Jesus, e um bispo que reside na cidade de Cazzares. Faz-se também nesta grande província a cada ano novas igrejas e novos monastérios.

Na parte norte e ocidental do México, descobriu-se recentemente novas terras e novas cidades com o terreno tão fecundo e fértil que é coisa de espanto, e ao Rei enviaram os governantes daquelas províncias contíguas, alguns barris de uvas e figos secos de extraordinária e quase inacreditável grandeza. Os habitantes são homens grandíssimos de corpo e o reverso da medalha de seus vizinhos, que são de pequena estatura. Adoram o Sol, e mostram ter gosto do comércio dos espanhóis mas querem viver em liberdade; e pois que nas suas terras não se descobriu por enquanto mina de ouro nem de prata, os espanhóis não

fizeram força para conquistá-los. Descobriu-se também daqueles lados o **Novo México**. Cidade tão política, pelo que dizem, que têm casas de três andares, e foi proposta ao Rei a conquista; mas por que é necessário empregar gente e despesa, pelo momento ele não deu ouvidos.

Para todas estas Índias do Peru e da Nova Espanha, O Rei obteve há poucos anos a dignidade do Patriarcado, e o conferiu a Giovan. de Guzman, irmão da marquesa de Vaglie.

Vai-se a cada dia enobrecendo aquela região e ilustrando e reduzindo aos costumes e às leis conforme em tudo aos ritos e maneiras da Espanha.

Documento 2

A Verdadeira Relação das Viagens⁰³ e do mais miserável Cativo de *William Davies*, Cirurgião-barbeiro de Londres, sob o Duque de *Florença*.

Onde é verdadeiramente contada a maneira do seu aprisionamento, o longo tempo de sua escravidão, e o modo de sua libertação, após oito anos e dez meses de cativo nas galés.

Onde se descobrem muitos continentes, ilhas, rios, cidades e vilas, tanto dos Cristãos como dos Infiéis, bem como a condição dos seus habitantes e as características dos seus países, com muitas outras coisas estranhas, tal como é contado breve e justamente neste livro.

Por *William Davies*, Cirurgião-barbeiro de *Londres*, nascido na cidade de *Hereford*.

Londres, impresso para Nicholas Bourne, a ser vendido na entrada sul do Royall Exchange, 1614

Um índice de todos os lugares onde ele esteve, desde sua partida, composto em ordem alfabética, quais sejam:

A

Alexandria, uma cidade na *Turquia*

Argier, uma cidade na *Berbéria*

Alegant, uma cidade na *Espanha*

Aruacca, um rio nas *Índias Ocidentais*

Arinocho, um rio nas *Índias Ocidentais*

B

Braats, no *Mayne*, uma importante cidade dos Turcos

Bizert, uma cidade na *Berbéria*

Bona, uma cidade na *Berbéria*

Baye, uma cidade no *Brasil*

Budgie, uma cidade na *Berbéria*

⁰³ “*Travailes*”, no original. A mesma forma “*travail*” podia então significar tanto “viagem” quanto “trabalho”, “labuta”, ou ainda “tormento”, “sofrimento”. A ambigüidade sugerida pelo emprego desse termo no contexto da relação de *William Davies*, ainda que não fosse originalmente intencional, não deixa de ganhar aqui sua plena significação: a polissemia derivada da mesma palavra é metaforicamente reunificada num texto que se caracteriza por procurar coordenar precisamente a narrativa de viagem ao panfleto de propaganda protestante.

C

Cicillia, uma famosa ilha dos Espanhóis
Candie, uma famosa ilha dos Venezianos
Cipris, uma famosa ilha dos Turcos
Cirrigo, uma ilha dos Venezianos
Christiana, uma ilha dos Gregos
Carrune, uma cidade dos Turcos
Corphou, uma cidade dos Venezianos
Corsigo, uma ilha dos Genovêses
Callavy, uma cidade na *Sardenha*
Carthagine, uma cidade na *Espanha*
Cales, uma cidade dos Espanhóis
Corues, uma ilha dos Espanhóis

D

Denei, uma cidade em *Castela*

F

Florence, uma famosa cidade do Grão Duque
Famagosta, uma cidade em *Chipre*
Fernandobuck, uma cidade no *Brasil*
Fialk, uma ilha dos Espanhóis
Floures, uma ilha dos Espanhóis

G

Goodza, uma ilha habitada por Gregos
Genowey, uma famosa cidade na *Itália*
Grand Muligo, uma cidade na *Espanha*
Giane, um rio nas *Índias Ocidentais*
Gratsose, uma ilha dos Espanhóis

I

Iota, uma ilha dos Turcos
Iversoy, uma ilha dos Espanhóis
Iublatore, uma cidade dos Espanhóis

L

Lilbo, uma ilha governada por Espanhóis e Italianos
Lisborne, uma famosa cidade em *Portugal*

Luca, uma cidade na *Toscana*

Ligorne, uma famosa cidade do Duque de *Florença*

M

Malta, uma ilha famosa

Mantua, uma famosa cidade na *Itália*

Madona, uma cidade na *Turquia*

Malvedra, uma cidade em *Castela*

Mayorke, uma ilha dos Espanhóis

Mynork, uma ilha dos Espanhóis

Massegant, uma cidade na *Berbéria*

Muggadore, uma ilha na *Berbéria*

Muria, uma ilha nas *Índias Ocidentais*

N

Naples, uma famosa cidade na *Calábria*

Naveyrne, uma cidade dos Turcos

P

Palerma, uma famosa cidade na *Sicília*

Petras, uma cidade na *Turquia*

Portercula, uma cidade fortificada dos Espanhóis

Pume-bien, uma cidade dos Espanhóis

Peza, uma cidade na *Toscana*

Porta Richo, uma ilha nas *Índias Ocidentais*

Portaferare, uma estranha cidade do Duque de *Florença*

Porta longe, uma cidade dos Espanhóis

R

Rome, a principal cidade do Papa

Regi, uma cidade na *Calábria*

S

Strumbula, uma ilha incandescente

Sapientia, uma ilha dos Turcos

Salerna, uma cidade na *Calábria*

Syppa de Vecchia, uma cidade antiga

Sardina, uma famosa ilha dos Espanhóis

St. Maries, uma ilha dos Espanhóis

St. Lucas, uma cidade dos Espanhóis
Sapphie, uma cidade na *Berbéria*
Sancta Cruce, uma cidade na *Berbéria*
Santa Lucia, uma ilha dos Espanhóis
Santa Martyne, uma ilha dos Espanhóis
St. Michaels, uma ilha dos Espanhóis
Scanderune, no fundo do estreito, governada por Turcos
St. Georgis, uma ilha dos Espanhóis
Scena, uma cidade na *Toscana*

T

The Rhodes, dominada pelos Turcos
The Stravales, uma ilha habitada por Gregos
Tarrant, uma cidade na *Calábria*
The Geta, uma cidade dos Papas
Tunis, uma grande cidade na *Berbéria*
Tituan, uma cidade na *Berbéria*
Tangere, uma cidade na *Berbéria*
The River of Amazons, nas *Índias Ocidentais*
Trnidade, uma ilha nas *Índias Ocidentais*
Teneriefe, uma ilha dos Espanhóis
The Grand Canaries, habitada por Espanhóis

V

Valentia, uma famosa cidade em *Castela*
Vize Maligo, uma cidade na *Espanha*
Valdeny, uma cidade na *Brachademayne*

W

Wiapocho, um rio nas *Índias Ocidentais*

Z

Zant, uma ilha dos Venezianos
Zumbula, uma ilha dos Turcos

Aqui neste Índice, não mencionei a *França*, nem lugar algum dos *Países Baixos* ou da *Irlanda*, em cujos lugares todos eu estive, nem ainda a *Inglaterra*, Jardim do mundo, porque considero uma asneira ensinar ao Senhor a condição dos seus Servos, pois cada homem, por razão natural, pode descobrir sua própria morada.

Pensei então que, a partir deste Índice, conviria selecionar doze lugares principais dentre as minhas descobertas, sem me privar, quando a ocasião se apresentar, de comentar sobre as localidades restantes, e como fui parar em cada uma delas, com o nome dos Navios e Galés, de seus proprietários e Capitães, e quantas léguas cada um destes lugares dista da *Inglaterra*.

Como prova do que aqui escrevi concernindo meu cativo e servidão, procurei, não sem algum custo e mais viagens, seis dos principais capitães de *Londres*, que me viram e aliviaram freqüentemente durante minha servidão, para que aqui subscrevessem como testemunhas, por suas próprias mãos, assim como o fizeram igualmente por suas mãos diversos mestres e cirurgiões de outras localidades da *Inglaterra*, cujos nomes seguem, quais sejam:

Robert Thorneton, {comandante do bom navio chamado *Royal Merchant* de *Londres*.

Thomas Gardiner, {comandante do bom navio chamado *Triumph* de *Londres*.

Robert Bradshaw, {comandante do bom navio chamado *William and Thomas* de *Londres*.

Thomas Rickman, {comandante do bom navio chamado *Mary Anne* de *Londres*.

James Davies, {comandante do bom navio chamado *Isaac* de *Londres*.

George Millard, {comandante do bom navio chamado *Mary-flower* de *Londres*.

Denis Davies, {cirurgião-barbeiro de *Londres*.

Thomas Rousley, {cirurgião-barbeiro de *Londres*.

Charles Hearne, {cirurgião-barbeiro de *Bristol*.

Richard Wright, {cirurgião-barbeiro de *Plymouth*.

Walter Mathew, {proprietário do bom navio chamado *Mathew's Farm* de *Plymouth*.

Richard Rowe, {proprietário do bom navio chamado *Portion* de *Milbrook*, no condado de *Cornwall*.

Muitos outros nobres, cavaleiros, fidalgos, assim como proprietários, comandantes e cirurgiões viram-me então efetivamente, e podem testemunhar minha escravidão, a cujas mãos igualmente eu poderia facilmente ter solicitado testemunho. Mas considerando este trabalho sem maior importância, julguei desnecessário incomodá-los ainda, tanto como a mim mesmo, e considero que as testemunhas aqui presentes são afinal suficientes.

Os dozes principais lugares são aqui distinguidos, quais sejam, três cidades e três ilhas dos Cristãos, e três cidades e três ilhas dos Infiéis.

Os Cristãos são o Papa, os Espanhóis, e os Italianos; os Infiéis são o Turco, o Mouro e o Índio.

Os nomes dos doze lugares:

1. *Civita de Vecchia*, uma cidade dos Papas
2. *Argeir*, uma cidade dos Turcos
3. *Tunys*, uma grande cidade dos Mouros

4. *Ligorne*, uma cidade dos Italianos
5. *Naples*, uma famosa cidade dos Espanhóis
6. O rio das *Amazonas*, nas *Índias Ocidentais*
7. *Malta*, uma ilha dos Papas, muito famosa
8. *Cyprus*, uma famosa ilha dos Turcos
9. *Sicyllia*, uma famosa ilha dos Espanhóis
10. *Muggadore*, uma ilha dos Mouros
11. *Candy*, uma famosa ilha dos Italianos
12. *Murria*, uma ilha dos Índios.

Parti da *Inglaterra* a 28 de janeiro de 1597,⁰⁴ no bom navio chamado *Francis of Saltash*, do condado de *Cornwall*, sendo mestre *Tyball Geare* o seu proprietário e *William Lewellyn* seu comandante, carregado de peixes, harenque, e outras mercadorias semelhantes. Desviando para os Estreitos⁰⁵ chegamos a *Civita de Vecchia*, segundo a vontade e prazer de Deus, onde aportamos no primeiro dia de Março seguinte,⁰⁶ e cuja descrição se segue, feita por mim, *William Davies*, Cirurgião-barbeiro de *Londres*, e nascido na cidade de *Hereford*.

I - Descrição de *Civita de Vecchia*

distante 700 léguas da Inglaterra

Civita de Vecchia é uma antiga cidade dos papas, assentada sobre uma planície, a um dia de viagem de *Roma* por terra. Esta cidade encontra-se à beira-mar, extremamente fortificada e equipada com artilharia. No seu lado leste encontra-se um robusto castelo, ou fortaleza, o mesmo encontrando-se no seu lado oeste. Aqui ficam os navios e galeras do Papa, dado que a cidade possui um bom porto para sua segurança. E visto também que o Papa não tem outro lugar para aportar seus navios e galés além de *Roma*, até onde só conseguem chegar pequenas embarcações e outras semelhantes, em razão da pouca profundidade do rio. Nesta *Civita de Vecchia*, todos são romanos, professando integralmente a religião romana, afirmando que o Papa é Deus na terra, e que ele é capaz de perdoar qualquer pecado que seja cometido, o que faz com que a maior parte de seus habitantes, ou mesmo todos, entreguem-

⁰⁴ 7 de janeiro de 1598.

⁰⁵ O estreito de Gibraltar.

⁰⁶ 11 de março de 1598.

se desesperadamente a quase todos os tipos de pecados mortais. Com relação ao próprio assassinato, eles não o consideram um grande pecado, na medida em que estão certos de receberem o perdão papal, ou então entram para algum monastério, onde se confessarão e serão absolvidos, e onde lei alguma alcança nem pode aprisioná-los, estando então aptos e prontos para serem liberados em uma ou duas semanas após terem cometido o tal assassinato, recebendo o perdão e a absolvição, como tinham feito antes. E assim muitos homens cruéis continuam por sua vida afora, por dinheiro, dado que é uma empreitada simples para qualquer homem mandar matar ou envenenar seu adversário, porque assim seu oponente jamais terá visto seu assassino antes, até o momento de execução deste ato cruel, pago por um outro.

Também neste país as mulheres são muito feias e debilitadas, visto que mesmo na antiga cidade de Roma encontram-se milhares dessas mulheres vivendo uma existência abjeta, pagando mensalmente ao Papa o direito ao uso pecaminoso de seus corpos enfraquecidos. Algumas pagam até seis coroas por mês, e assim desde seis coroas até uma, dado que elas são avaliadas de acordo com a sua aparência, e se não pagam esse tributo mensal, elas estão submetidas a terem seus bens seqüestrados de suas casas ou quartos pelos oficiais do Papa, até que uma satisfação seja dada ao Pontífice. Assim, o uso dessas mulheres por qualquer indivíduo como se fosse sua própria esposa é legalizado, não devendo ele por isso ser molestado ou incomodado, nem ainda ameaçado, privando-se ainda desta maneira de se expor a ocasiões encobertas de perigo, pois tais mulheres serão obedientes a ele como se fossem suas servas, atendendo sempre aos prazeres de seus hábitos, ou qualquer outra coisa que lhe apeteça. Ele dando-lhe contentamento com sua bolsa, mas ela não se sentindo satisfeita, pode esta última fazê-lo prender legalmente e jogá-lo na prisão, até a hora em que receber satisfação de suas queixas, sendo coberta pela lei, dado que suas vidas estão protegidas e entregues ao Papa.

Tendo falado sobre dois pecados mortais nos quais eles se excedem, mencionarei agora algo que deve ser louvado entre os habitantes desta cidade, que é o seguinte: se houver algum cristão, de qualquer nação que seja, pobre e em desgraça, divulgando ele seu caso e implorando pelo amor de Cristo, será aliviado em sua dor, sendo provido de todo o necessário naquilo de que é destituído, como roupas, comida, bebida e até mesmo algum dinheiro, ainda que seja pouco. Se estiver doente, será então hospitalizado e atendido cuidadosamente, tendo boa morada, dieta refinada e conforto físico para o restauro de sua saúde, seja ele papista ou protestante. Mas se ele for papista, será melhor cuidado, e se for protestante, usar-se-ão de todos os meios que puderem para convertê-lo, ainda que sem forçá-lo absolutamente. Nesses países, é perigoso para um inglês, sendo ele protestante, falar o que quer que seja contra o Papa ou sua religião, especialmente para um outro inglês que seja papista. Inclusive, esse inglês papista vai procurar por todas as maneiras possíveis armar uma cilada para ele, e caluniar-se-á e falará mal de si próprio

para induzÍ-lo a fazer o mesmo. Mas quando conseguir fazê-lo declarar afinal os segredos de seu coração, então esse inglês papista o denunciará, exagerando mesmo aquilo que o protestante tiver dito, a algum membro de importância da Igreja, que o forçará a mudar sua religião, ameaçando-o de ser queimado ou colocado em alguma prisão secreta, onde morrerá de fome. E é essa a maneira e costume em todos os países da cristandade sob jurisdição do Papa: não somente no que concerne a malícia dos papistas ingleses, mas também quanto aos outros pecados mortais, que mencionei anteriormente, como assassinatos e adultérios, e semelhantemente na sua compaixão em geral pelo cristão desafortunado. O que eu escrevi aqui, não o relato por ter ouvido dizer, nem por imaginação, mas tudo presenciei e vivi por minha própria experiência, pode-se dizer, tendo estado entre eles um tempo muito longo, contra a minha vontade.

II - Descrição e descoberta de Algier

distante 480 léguas da Inglaterra

Algier é uma maravilhosa cidade fortificada, governada pelo *Turco*, localizada na encosta de uma montanha muito íngreme, perto do mar. Esta cidade é extremamente guarnecida por castelos, fortes e plataformas, e possui uma grande quantidade de artilharia instalada ao seu redor. Da mesma maneira, muitas galés pertencem a este lugar, as quais causam muitos danos aos cristãos na captura de suas naus, tartanas e fragatas ligeiras⁰⁷, entre outros navios menores, escravizando todos os cristãos que eles aprisionam, vendendo-os em seus mercados como se fossem cavalos, visto que seu preço é estabelecido de acordo com a idade e a força de cada um. Esta cidade é governada por um rei, o qual por sua vez é vassalo do *Grande Turco*. Lá encontra-se também uma grande quantidade de janízaros,⁰⁸ atingindo o número de vinte a trinta mil a um só tempo. Esses janízaros são soldados des-

⁰⁷ “*Settes*”, no original. Embarcação com um *deck*, uma proa longa e afilada, e dois ou três mastros com velas triangulares suspensas formando um ângulo de 45° com o mastro, menor que um bergantim ou uma nau, bastante usada então no mar Mediterrâneo.

⁰⁸ Ou *jenízaros*. Guarda especial turca. Este termo, como diversos outros empregados na mesma época, acusa uma profunda transformação semântica ao ser transplantado para a América. Jenízaro pode se transformar assim em filho de mulato e índia, entre outras acepções. Ver os comentários de ALVAR, Manuel, *Léxico del mestizaje en Hispanoamérica*, Madrid, ediciones Cultura Hispánica / Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1987, pp. 146-7: “ *El paso a las designaciones de diversos « tipos de mestizaje », puede obedecer tanto a la brutalidad de las tropas formadas por estos hombres, como al color de la piel y, tal vez, a ambas cosas al mismo tiempo.* ”

tacados, comandados por um “Dan”⁰⁹, que é um general sob as ordens do *Grande Turco*. Os turcos são pessoas de boa índole, de complexão bastante robusta, mas detentores de uma mente muito vil, dado que todos são sodomitas, e fazem tudo ao contrário dos cristãos, pois nunca se deitam em camas ou comem à mesa, ainda que sua alimentação e dieta seja bastante copiosa, e que seus lençóis e vestimentas sejam luxuosos e de muito bom gosto. O modo de suas moradas é o seguinte: existe uma grande mesa numa sala, de três jardas¹⁰ de largura, por outras tantas de comprimento, ficando a uma jarda de altura do solo, e ali eles costumam esticar uma toalha dupla de renda caríssima, com diversas almofadas curiosas no lugar de travesseiros, onde costumam deitar-se vestidos apenas de uma camisa e de uma cueca de linho, sem nenhuma outra cobertura, devido ao calor existente na região. Na mesma sala encontra-se uma outra mesa disposta da mesma maneira, arranjada muito ricamente, onde suas esposas se recostam. Mas aquela que mais lhe agrada será escolhida para acompanhá-lo à noite. Um turco pode possuir quantas mulheres ele quiser, desde que possa comprá-las, e pelo número de suas mulheres é comumente reconhecida sua qualidade, pois quanto mais rico ele fôr, mais mulheres ele terá, e quanto mais pobre, menos elas serão. Ainda assim, ele jamais se casa com nenhuma delas, exceto com a primeira, mesmo que sustente a todas elas. É extremamente perigoso para um cristão ser encontrado em companhia de uma mulher turca, pois sendo encontrados juntos, ele será forçado a tornar-se turco, ou então será condenado à morte. Quanto à dita mulher, ela será posta dentro de um saco que, uma vez bem amarrado, será lançado ao mar, tenham eles cometido o pecado ou não. Esses turcos são muito zelosos no que toca à sua religião, reconhecendo a Deus e Maomé como guardião de seus pecados. Um turco manterá sua palavra se jurar sobre sua cabeça, colocando sua mão sobre a testa. Neste país existe uma grande quantidade de ouro, e ricos mercadores. O modo de suas igrejas, e de sua vinda para as orações, é o seguinte: suas igrejas são muito belas, com centenas de lamparinas ardendo no interior, são obscuras e opacas, e desprovidas de qualquer tipo de retratos ou ícones, igualmente muitos dentre eles rezam sobre camas. De manhã, no topo da igreja, penduram uma bandeira branca, e à tarde uma outra azul, como sinal para que venham ao serviço, e então oito ou dez dentre eles sobem no ponto mais alto da igreja, começam a gritar com voz muito alta, *Volla, volla, hamdrulla*, e *shalla*, o que quer dizer, Deus, Deus, ajude-nos segundo vossa vontade. E essa é sua maneira ordinária de chamarem os fiéis à igreja, como

⁰⁹ Cargo superior de comando na hierarquia militar.

¹⁰ Uma jarda equivale a três pés, ou 914 mm.

nós usamos sinos entre cristãos, porque eles têm horror ao som dos sinos, dizendo que é contrário ao que lhes ensinou seu profeta.

[Como um turco escolhe sua esposa]

Um turco escolhe sua primeira esposa da seguinte maneira: ele jamais vê sua mulher até chegar à igreja para se casar, pois o encontro é arranjado por seus amigos; nem o rosto da mulher turca deve ser visto, porque seus rostos estão sempre cobertos quando vão pelas ruas, sejam elas jovens ou velhas. Nem deve uma criança do sexo masculino, após ter completado dez anos de idade, jamais ver o rosto de sua mãe. Um turco é circuncidado da seguinte maneira: quanto maior for sua condição de fidalguia, mais tempo ele vive sem ser circuncidado, mas chegando a hora, ele é posto sobre um imponente cavalo branco, luxuosamente paramentado, e diante dele vão duzentas ou trezentas pessoas, por pares, vestidos com casacos púrpura e segurando velas de cera em suas mãos. Após estes segue uma grande multidão tocando instrumentos variados, fazendo uma grande algazarra. Depois destes, segue ainda um touro coberto de um rico tecido e com seus chifres pintados de dourado, e a seu lado cavalga aquele que será circuncidado, seguido de todos os seus amigos, e assim ele cavalga até o local onde é feita a circuncisão, onde cortam-lhe a pele dianteira de seu pênis nomeando-o então *Morat*, *Shebane*, *Hosan*, ou algum outro nome semelhante. Tomam então o touro, virando sua cabeça para o leste, e cortam-lhe a garganta dizendo: hoje fizemos uma boa ação. Em seguida esquartejam o touro, distribuindo os pedaços entre os amigos e parentes, e assim voltam para casa, onde festejam a ocasião com grande alegria.

169

[A maneira ou cerimônia de conversão de um cristão em turco]

O modo como um cristão se converte em turco é o seguinte: ele é posto sobre um cavalo, com sua face virada para a parte posterior deste animal, e um arco e uma flecha postos em suas mãos. Então uma pintura de Cristo é levada diante dele, com seus pés virados para cima, contra o qual ele dirige seu arco e lança a flecha. Em seguida ele cavalga até o lugar da circuncisão, amaldiçoando seu pai por tê-lo gerado, sua mãe que o pariu, seu país e todos seus parentes. Chegando então ao local da circuncisão, ele é circuncidado, recebendo outro nome e negando desta feita seu nome cristão, de maneira que a partir de então será conhecido como um renegado, ou seja, um cristão que negou Cristo e tornou-se turco, tipo de gente que existe em maior quantidade na *Turquia* e *Berbéria* do que de turcos naturais.

[Roubo ou homicídio, como são punidos]

O julgamento pela ofensa à lei que diz respeito à pena de morte, tanto por roubo como por homicídio, é o seguinte: quatro horas após ter sido feito prisioneiro, o ladrão ou assassino é condenado por um certo tipo de guarda especial, e é executado da forma seguinte, qual seja, enganchamento, empalamento, ou espancamento até a morte. O enganchamento é feito do seguinte modo: o infrator é sentado sobre um muro de cinco braças¹¹ de altura e, a duas braças do alto do muro, exatamente abaixo de onde ele está sentado, existe um robusto gancho de ferro, extremamente afiado. Ele é jogado do alto do muro sobre este gancho, que o prende em alguma parte de seu corpo, e ali ele pode ficar pendurado, até dois ou três dias em alguns casos, até que morra. O empalamento até a morte é assim: uma peça redonda de madeira de três jardas de comprimento, tão grossa quanto a perna de um homem e afiada numa de suas pontas, é enfiada no fundamento (*sic*) do ofensor até sair pelo seu ombro, e assim ele é abandonado até que morra, o que algumas vezes pode não acontecer antes de um ou dois dias. A maneira de espancar até a morte é a seguinte: eles tomam o ofensor e deitam-no sobre suas costas, nu, e, com duas cordas duplas, dois homens fortes, um de um lado e o outro ao seu lado oposto, golpeiam em sua cintura até que ele morra. Mas tais sentenças de morte são raramente empregadas, visto que sua ameaça apenas basta para amedrontar consideravelmente os ofensores, e mesmo assim vi-os todos serem executados.

170

III - Descrição e descoberta de Tunis

distante 600 léguas da Inglaterra

Tunis é uma grande cidade da *Berbéria* habitada por mouros, além de alguns turcos e judeus. Esta espaçosa cidade jaz sobre uma planície, a oito milhas do mar¹². A esta cidade pertence um belíssimo castelo chamado *Galletta*. Tal castelo é muito bem guarnecido com artilharia, e é governado pelos turcos. Entre a cidade e este castelo está a antiga cidade de *Cartagena*, afundada sob as águas, segundo o dizem todos os habitantes das redondezas. Mas o que eu efetivamente vi indo a *Tunis* de barco, foram as fundações de inúmeras casas, pela distância de quatro ou cinco milhas, sendo a água muito clara e tendo apenas uma braça e meia de profundidade.

¹¹ Uma braça equivale, no sistema inglês, a 1,829 m., diferenciando-se da antiga unidade de comprimento equivalente a dez palmos, ou 2,2 m.

¹² Uma milha terrestre equivale a 1760 jardas ou 1609,31 m.; uma milha náutica ou marítima equivale a 2206 jardas ou 1852 m.

[Descrição dos nativos]

Os mouros desse país são todos como os turcos no que toca à religião, assim como aos costumes. São também bastante ligeiros, e galantes cavaleiros. Não podem suportar a carne de porco, nem o vinho, visto que bebem somente água, exceto quando bebem *Aqua Vitae*. A maneira como vivem nesse país é a seguinte: quinhentos ou seiscentos deles vão juntos, homens, mulheres e crianças, com seus camelos, burros e carneiros, assim como com suas aves, aos pés de uma montanha, onde cada homem arma sua tenda, vivendo cada um por si, tendo sua mulher e filhos a seu lado, com seus servos e seu rebanho. Assim muitas tendas são montadas juntas umas às outras, perfazendo o tamanho de uma pequena cidade, e ali permanecem até que seu rebanho tenha comido todo o pasto disponível, de modo que sendo assim impedidos de continuarem por mais tempo naquele lugar, mudam-se então para um outro local, onde vivem como tinham feito antes. E assim passam suas vidas. Pela razão de que neste país faz sempre muito calor, sua alimentação é abundante, mas sua vestimenta é pobre e desprovida, nem possuem eles nada a não ser o que compram com o aumento natural do seu rebanho, levando-o freqüentemente para as cidades e mercados próximos, onde podem vendê-los. Esses mouros são pessoas muito engenhosas, maliciosas e enganadoras.

Deixemos agora *Tunis*, no mesmo navio em que vim da *Inglaterra*, chamado *Francis* de Saltash, mudando o rumo para *Syo*, através dos arcos do *Arquipélago*,¹³ carregados de produtos turcos, e mesmo com alguns turcos à bordo conosco, porque comerciamos tanto com o turco quanto com o cristão. Mas não tendo ainda velejado quatro léguas afora do porto nessa noite, fomos ferozmente atacados por seis galeras do Duque de Florença (que, estando em contínua guerra com os turcos, tomou-nos também por turcos) que cuspiam fogo como o diabo, para nosso grande desconforto. Mas encorajando-nos aos poucos, com a graça de Deus, continuamos a enfrentá-los na luta, com perda de muitas vidas de cada lado, mas tudo em vão para nós, posto que eles eram quarenta para cada um de nós, e nosso navio derivou para dentro da água com toda sua artilharia, nosso mastro principal e secundário¹⁴ alvejados pelo bordo, uma das pontas do mastro, com todas suas velas jazendo sobre o mar, a outra ponta para o outro lado. Assim fomos tomados prisioneiros. Todos os homens foram completamente despidos, e então fomos distribuídos, alguns numa galera, outros nou-

¹³ Samos ?

¹⁴ “*Missen-mast*” no original, mastro secundário numa embarcação de três mastros.

tra, onde tivemos muitos ferros fechados sobre nós, e mais do que então podíamos acreditar. Nosso navio foi levado para *Livorno*, tendo sido reparado da melhor maneira que puderam, mas nós das galeras levamos ainda um mês para chegarmos lá, com perda de muitas de nossas vidas. Mas afinal chegamos àquele porto, onde aqueles de nós que tinham sobrevivido foram cuidados. Tivemos todos barba e cabelo raspados, e a cada homem foi dado um casaco e um boné vermelhos, dizendo-nos que o Duque tinha-nos feito seus escravos, para nossa grande dor e desgraça. Assim permaneci por oito anos e dez meses nessa escravidão, tal como na próxima descoberta será verdadeiramente contado.

III - Descrição e descoberta de *Livorno*

distante 630 léguas da Inglaterra

Livorno é uma cidade do Duque de *Florença* que jaz numa planície, tendo muitas torres ao seu redor, à beira do mar. Também a esta cidade pertence uma larga estrada, e dois belos estaleiros para a segurança das galés do Duque. Na entrada desses estaleiros está um castelo fortíssimo, equipado com muita artilharia. Também a cidade é extremamente fortificada, posto que é onde fica a principal guarnição do Grão Duque, onde estão continuamente estacionados uma grande quantidade de soldados a soldo. Tais soldados são constantemente empregados nos navios e galés, com os quais ele faz grandes danos ao *Turco*, mais do que toda a cristandade, pois capturam galés, carmizals¹⁵ e bergantins, e cidades dos turcos e mouros, apoderando-se de homens, mulheres e crianças, e vendendo-os nos mercados como se fossem cavalos, vacas ou carneiros, reservando os mais fortes para serem seus próprios escravos.

[A condição do cativo do autor]

Nesse lugar eu vivi por oito anos e dez meses. Durante três anos desse período, vivi da maneira seguinte: do nascer ao pôr do sol, estive acorrentado a um carro como um cavalo, recebendo mais chicotadas do que qualquer cavalo de carroça da *Inglaterra*. Nossa dieta resumia-se a pão e água, e nem tanto pão em três dias quanto o teríamos comido de uma só vez. Assim éramos empregados para puxar quarenta ou cinquenta carros juntos, sendo todos escravos. Nossa carga era de areia, cal, tijolo, ou algo equivalente usado em suas construções, descarregando nos locais onde os oficiais nos designavam.

¹⁵ Ou caramoussal, caramuzal, caramusáli (forma italianizada), embarcação de transporte usada pelos mouros ou turcos, nos séculos XVI e XVII.

[Os italianos descritos]

Os italianos são pessoas muito mentirosas, porque quando riem na cara de um homem, procurarão na verdade matá-lo. Ao mesmo tempo são muito covardes, naturalmente, sendo italianos. Suas mulheres são todas feias e debilitadas. Tendo passado três anos desta maneira, todos nós ingleses fomos chamados, tantos quantos viviam ainda, e escolheram os mais capacitados dentre nós para ir para as galés, dos quais eu fui um dos selecionados. Então minha miséria aumentou incrivelmente, porque fui assim feito um escravo das galés para remar preso a um remo, quando nossa dieta diminuiu ainda mais, enquanto as chicotadas aumentaram, para a perda de muitas de nossas vidas. Tínhamos a barba e o cabelo raspados a cada oito ou dez dias, estando sempre nus, excetuando um par de cuecas de linho e, como de hábito, correntes. Nessa época estive presente à tomada de muitas cidades e galeras dos turcos, apesar de fazê-lo muito contra a minha vontade, vendo diversas cidades, ilhas e terras de importância, nesse tempo de minha escravidão. Permaneci escravo nas galés por seis anos, tendo encontrado durante todo este tempo bastante conforto e alívio junto aos mercadores ingleses que eram protestantes, assim como junto a diversos comandantes e proprietários de navios; mas, de ingleses papistas, nenhum. A miséria nas galés ultrapassa efetivamente qualquer coisa que possa julgar ou imaginar a mente humana, nem homem algum poderia pensar que tal tortura ou tormento pudessem ser aplicados neste mundo, a não ser aqueles que a experimentaram. O extremo de miséria leva muitos escravos a procurarem a própria morte, ou então a de seus oficiais responsáveis, mas nós ali não tínhamos sequer a menor oportunidade de ter uma faca em nossas mãos, e se por acaso a obtivéssemos por algum meio extraordinário, e cometêssemos qualquer violência contra algum dos oficiais, teríamos imediatamente cortados nossos narizes e orelhas, e recebido uma centena de chicotadas nas costas, além de outra centena nos rins, com uma corda dupla ou um pênis de boi, e continuando ainda como escravos. Mas eu implorava a Deus todo-poderoso a fim de me dar a graça para suportar tudo com paciência, de modo a suportar corporalmente nesse mundo tal extremo, conquanto que os tormentos do inferno os ultrapassassem e excedessem, se eu tivesse nesta minha tortura terrena acesso à minha própria morte, como tantos o tiveram. Mas finalmente Deus, em sua infinita bondade e benevolência, livrou-me deste castigo, de acordo com minhas esperanças, da seguinte maneira.

[Como foi libertado dali]

O Grão Duque armou um navio, uma tartana¹⁶ e uma fragata, muito bem equipados e providos, pretendendo enviá-los às *Índias Ocidentais*, e especialmente ao *rio das Amazonas*, designando o capitão *Robert Thornton*, inglês, como seu comandante do navio, da tartana e da fragata. Da mesma maneira, cada oficial foi designado pelo Duque pessoalmente, assim como um médico de bordo¹⁷, um prático cirurgião, e um assistente. O capitão *Thornton* estando ao seu lado, disse à Sua Alteza que ela faria bem em libertar um pobre inglês que há muito tempo penava em suas galés: “*ele é muito experimentado em ‘física’ e cirurgia devido à sua longa prática tanto em terra quanto em mar; ele é acostumado e endurecido pelo mar, e capacitado para exercer tais funções melhor do que os três indivíduos anteriormente mencionados; de resto, em vossas galés ele cumpre para Vossa Alteza apenas o trabalho de um escravo*”. Ao que o Duque perguntou qual era o meu nome; Captão *Thornton* respondeu, e disse, “*William Davies*”; ao que o Duque respondeu: “*eu sempre ouvi falar deste sujeito, cuja liberdade eu concedo agora a partir de vosso testemunho, Thornton, mas ainda desconfio de que, tendo sido sua estadia em meu país tão dura, assim que ele for desacorrentado, fugirá, não vos acompanhando à viagem para as Índias. No entanto, se ele deixar quinhentas coroas como caução para sua viagem, ele poderá ser libertado das correntes imediatamente. Tampouco deve ele exigir coisa alguma que lhe pareça necessário para a viagem, para o bem de toda a companhia, nem para seu próprio corpo, e que ele fique sabendo disso assim que possível*”. Tais notícias chegaram a mim em dois dias, para minha grande alegria e reconforto, mas assim que as ouvi, sentei-me subitamente, encontrando-me ainda na minha antiga profissão, carregando sujeira e pedras e outras coisas semelhantes num cesto, e assim não trabalharia mais, nem deveria mais suportar o companheiro de escravidão que estava acorrentado a mim. Mas logo que fui visto nessa posição, um dos capatazes do campo de trabalho veio até mim e disse: “*seu cachorro luterano, por que você não está trabalhando?*” – e assim dizendo bateu-me com um cacete. Ao que o escravo que estava atado a mim respondeu: “*o Duque deu-lhe a liberdade*”. Então respondeu aquele que me batera: “*Mestre, rogo-lhe que me perdoe, e desculpe minha rudeza*” – temendo que eu lembrasse suas derradeiras cortesias, estando em liber-

¹⁶ Embarcação de vela latina armada em um único mastro, usada no Mediterrâneo.

¹⁷ “Physician”, no original., termo que à época portava um sentido diferente do atual, e bem mais amplo, compreendendo sobretudo as qualificações de médico, cirurgião, e também naturalista.

dade. Pouco tempo depois o capitão *Thornton* veio de *Florença* para *Livorno*, onde eu me encontrava, ocasião em que relatou-me as disposições do Duque na sua integralidade, e sob qual condição eu seria libertado, a qual caução eu fui procurar imediatamente junto a um mercador inglês cujo nome era mestre *William Mellyn*, de *Bristol*, que enviou então uma apólice de quinhentas corôas ao Duque, para que eu pudesse realizar a viagem. Feito isso, fui imediatamente liberado das correntes, para minha grande alegria, agradecendo a Deus por suas bençãos. Fui então bem vestido pelo capitão *Thornton* e por esse mercador, não querendo eles nada daquilo de que eu era destituído. Dois ou três dias depois fui enviado à presença do Grão Duque, encontrando-o em *Archemayne*, onde ele então estava, para onde me dirigi imediatamente. Vindo diante da presença do Duque, cumprindo assim minha obrigação, ele me disse: *“ponha-se confortavelmente, eu vos dei graça junto com vossa liberdade, nem deveis vos preocupar com o necessário para a viagem, ou para sua própria pessoa, portanto fale confiantemente, e peça qualquer coisa que vos pareça necessária, e eu a ter-vos-ei arranjada, pois que o Duque de Florença não quer dinheiro algum”*. Então ele me perguntou em seguida qual era minha condição no meu próprio país, se eu era um fidalgo, ou não. Eu respondi a Sua Alteza que sim. Então ele perguntou-me como. Eu contei-lhe então que meu pai era um nobre, e que por minha parte eu tinha servido minha rainha por terra e por mar, contra os adversários de minha rainha e do meu país, e que tinha perdido meu próprio sangue, e derramado aquele de meus inimigos. Em seguida expliquei-lhe que eu era um cavalheiro também por minha arte. Então o Duque disse: *“vós sois um valoroso camarada, pois que haveis suportado muita miséria neste mundo; mas dizei-me – emendou ele –, com que tipo de riqueza viestes de vosso país?”* Ao que eu respondi: *“com duas bolsas cheias”*. *“Cheias – disse ele – do quê?”* Eu repliquei: *“de ouro e prata, os quais perdi quando fui aprisionado por vossas galés, e a outra cheia de paciência, a qual continua ainda cheia”*. Então o Duque disse a alguém que estava ali ao lado: *“dê-lhe uma centena de coroas para gastar a fim de que se reestabeleça, e para que retome coragem”*. Assim regozijou-se o Duque em conversar comigo, e em respeito à sua pessoa, eu dirigi-me a ele num italiano bastante perfeito, pois que havia pagado muito caro seu aprendizado, com muitas gotas de meu sangue, durante o tempo de minha escravidão. Recebendo então essas cem coroas que o Duque me havia dado, eu deixei sua corte, vindo então para *Livorno*, onde estava o navio, esforçando-me, através do meu trabalho e indústria, para arrumar todas as coisas necessárias para empreender uma boa viagem, às custas do Duque; à parte as cem coroas, que me tinham sido dadas para que eu as gastasse com meu próprio prazer, o que eu assim fiz, para o reconforto de muitos ingleses que estavam acorrentados e que foram levados comigo. Eles não quiseram comida ou bebida enquanto meu dinheiro durou, porquanto muitos deles foram deixados vivos; pois que de trinta e sete que nós éra-

mos quando fomos levados inicialmente, apenas treze sobreviviam, dos quais dez continuavam sob correntes, e dois foram libertados comigo. Por esse tempo tudo foi preparado e aprontado para perfazermos a pretendida viagem, agora estando compromissados a servir-mos o bom navio chamado *Santa Lucia*, com uma fragata e uma tartana, bem providos e bem conduzidos, dirigidos para o *rio das Amazonas*, com outros diversos rios, nos quais o Duque teria habitado, esperando por grande quantidade de ganho de ouro.

[Viagem ao rio das Amazonas]

Mas aquelas regiões não forneceram tais coisas, como será dito mais adiante. Nessa viagem estivemos durante quatorze meses, obtendo pouco ganho ou lucro para o Duque, pois que não havia nada para lucrar.¹⁸

[Volta]

Agora estamos na rota de volta às nossas casas, recobrando os Estreitos¹⁹ novamente, a três ou quatro dias de navegação de nosso porto de destino, *Livorno*, quando uma noite encontramos um pirata inglês que nos teria capturado, mas que entretanto não conseguiu fazê-lo. Assim mesmo lutou conosco durante toda a noite, e matou um de nossos homens, além de ferir outros dois, dos quais um era inglês, o qual morreu dois dias depois de aportarmos em *Livorno*. Estando ele morto, dirigi-me ao capitão e perguntei-lhe onde deveria enterrá-lo, mas ele pediu-me para antes perguntar a um certo padre *Sherwood*, inglês. Assim fazendo, este me disse que se o morto fosse um católico romano, que eles o enterrariam na igreja, mas se não o fosse, que eu deveria enterrá-lo nos campos. Mesmo com tal resposta, e por estar melhor satisfeito, fui colocar a questão aos frades da Misericórdia, que igualmente deram-me sua opinião que ele devia ser enterrado no campo, visto que não era um católico romano. De modo que enterrei-o da forma seguinte.

[Entêrrro de um inglês]

Convoquei a companhia de diversos ingleses que eram protestantes para ajudarem-me a amortalhá-lo, e também para me acompanharem no seu enterro. O que eles fizeram da

¹⁸ Thornton viajou de setembro de 1608 a junho de 1609.

¹⁹ Ver nota 06, acima.

seguinte maneira: pusemo-lo numa padiola, estando envolto com uma mortalha, e carregamo-lo em quatro pessoas, enquanto muitos outros ingleses que eram protestantes seguiam atrás, segurando cada homem um ramo de alecrim entre as mãos, até o lugar onde o enterramos, lendo orações para o morto à maneira inglesa. O nome daquele que tinha morrido era *Erasmus Lucas*, nascido em *Southwark*, perto de *Londres*. Passados dois dias do seu enterro, fui procurado por um frade italiano que, encontrando-me, perguntou-me meu nome, o qual eu lhe comuniquei. E então ele retrucou: “*vós sois aquele a quem procuro, pois que enterrastes um cristão, e um católico romano, nos campos lá fora, como um cachorro ou um luterano tal como aquele que de fato sois, e assim sendo eu vos ordeno em nome do Duque que me sigais*”. A tal ordem não desobedei, mas antes o acompanhei até onde me levou, na presença de três ou quatro velhos frades da Inquisição, os quais me perguntaram se eu era o luterano que enterrara um bom cristão nos campos, posto que o morto era um católico romano, confesso e sacramentado como bom cristão. “*Por isso – acrescentaram – vós devereis ser queimado, pois fizestes contrariamente às leis de Roma*”. Eu respondi que tinha efetivamente enterrado um bom cristão, mas não um católico romano, nem era ele confesso, nem tampouco tinha recebido o sacramento. Ao que eles responderam: “*se o que dizeis não for verdade, vós certamente morrereis por isto. Sendo assim, levem-no e coloquem-no na prisão secreta*” –, para onde fui levado, a qual é uma prisão assim: muitas portas duplas sendo abertas, atravessei duas ou três prisões exteriores, só então chegando às portas da prisão secreta, onde fui jogado.

[Enquadrado pela Inquisição]

Era tão escuro o seu interior que não podia sequer ver parte alguma do meu próprio corpo, e sentindo ao redor com minhas mãos percebi que o lugar era bastante pequeno no seu comprimento, e ainda menor na sua largura; quanto à sua altura não podia sabê-lo, posto que não podia ver e nem sentir o teto. Neste lugar, eu estava praticamente atolado nas imundícies de outros homens que ali tinham perecido antes, e que em nenhum caso sobreviveram além de oito ou dez dias, no máximo.

[Seu desespero]

Então, cruzando os braços, e encostando-me na parede, lembrei-me dos sofrimentos de *Jó* e das aflições de *Daniel* entre os leões, e encorajando-me com a mercê de Deus, cantei um salmo muito sentidamente, para louvar e glorificar a Deus, o que me fez sentir bastante reconfortado. Tirei então minhas meias e sapatos, e com meus pés descalços varri todo o

lixo e imundície para um dos cantos. Dessa maneira estive durante quarenta horas até que o sono finalmente se impôs, e desejando então dormir, sentei-me e recostei minha cabeça na parede, e dormi bastante sonoramente, estando ao mesmo tempo reconfortado por uma viva esperança em Deus todo-poderoso, acreditando que ele me libertaria dali, de acordo com minha convicção, e conforme ele já o tinha feito anteriormente. E quando as situações as mais extremas me oprimissem, então é que sentir-me-ia mais alegre, encontrando sempre uma motivação interna que me dissesse, reconforte-se, Deus te libertará. Assim vivi por dezesseis dias, minha alimentação resumindo-se a pão e água, e minha morada às pedras frias de minha cela. E estando ainda vivo, consideraram um milagre que eu sobrevivesse ali por tão longo tempo, dizendo, este luterano tem um coração de leão, pois nunca vimos ninguém sobreviver mais de dez dias, e sendo assim, convoquemo-lo para examiná-lo.

[Seu exame]

Fui então levado diante do grande inquisidor, que perguntou-me se aquele a quem eu tinha enterrado tinha recebido o sacramento, e se confessado, de acordo com a ordem romana, ou não. Eu respondi que não, que ele era um bom cristão, mas que não tinha recebido o sacramento, e nem confessado segundo a ordem romana. Ao que ele retrucou que sim, *“de acordo com a denúncia de um frade da ordem da Misericórdia, e portanto vós deveis ser queimado”*. Implorei então que me concedesse ao menos o direito de defender minha causa, e ele disse, *“fale”*. Perguntei-lhes então se o frade que confessara o falecido era capaz de falar inglês. Ele respondeu-me pela negativa. *“Então diga-me – retorqui –, como um frade italiano pode confessar um inglês se nem ele fala inglês, nem o inglês falava italiano, nem outra língua qualquer além de sua língua materna? Pois vós bem sabeis que não deve haver intérprete algum no ato da confissão, e se o sacramento lhe tivesse sido administrado, a casa onde ele morreu pode esclarecer isso”*. O inquisidor ouvindo então isso, coçou sua cabeça dizendo: *“esse sujeito falou a verdade, e sendo assim libertem-no de sua cela e ponham-no numa outra maior”*; para onde fui levado, passando ali mais dez semanas, encontrando-me bem e sendo freqüentemente aliviado por ingleses protestantes, que se alegravam muito de ver-me vivo. Esses frades malvados! A razão pela qual eles combateram contra minha vida foi porque eles teriam o dinheiro do homem morto para si, o qual sendo um católico romano, lhes seria devido, mas não o sendo, ficaram sem o seu dinheiro, passando então a me atacar com sua medíocre simulação. Agradei a Deus o fato de saber falar italiano, pois se tivesse tido um intérprete neste julgamento, apesar de minha causa ser justa, ainda assim teria certamente morrido. Tendo passado dez semanas nesta prisão, foi por acaso que um *Mr. Richard Row*, de *Milbrooke*, no condado de *Cornwall*,

chegou a *Livorno*, no bom navio chamado *Portion*, sendo ele proprietário e mercador deste navio, e vindo ele um dia à prisão, perguntou-me de onde eu vinha. Disse-lhe que era nascido em *Hereford*. Ele perguntou-me meu nome. Eu respondi: “*William Davies*.” Ao que ele retrucou: “*conheceis vós um certo mestre Davies em Plymouth?*” Eu disse-lhe que era um desafortunado irmão seu. Ouvindo isso ele ficou fortemente entristecido, devido ao fato de que ele conhecia bem a meu irmão, e o afeiçoava diretamente, e disse-me que se todos os meios de que ele pudesse dispor pudessem me libertar, ele assim o faria. “*Assim sendo – disse –, reflita consigo mesmo como poderei libertá-lo, e eu voltarei a vê-lo dentro de duas ou três horas*”. E tendo assim falado deixou-me seis coroas, recomendando-me não economizar dinheiro, pois que ele sabia que meu irmão o reembolsaria. Deixando-me então, eu me sentei e inclinei minha cabeça sobre as mãos, apoiando meu cotovelo sobre o joelho, implorando a Deus todo-poderoso que me mostrasse uma via direta pela qual pudesse ser libertado. Ocorreu-me mandar chamar um francês, em cuja casa costumava ficar antes, o qual veio em seguida à minha presença, e a quem comuniquei meus pensamentos, dizendo-lhe que se ele assinasse uma falsa nota de dívida contra a minha pessoa, eu lhe pagaria dez coroas por este trabalho, apesar de não lhe dever nada. Mas ele respondeu dizendo-me que era perigoso, pois que a pena implicava em castigo nas galés. Mas eu lhe garanti que nada se saberia a partir de mim. Ao que ele me deu seu consentimento, e foi dizer ao governador que havia na prisão onde ficam os devedores, existia um inglês que lhe devia dinheiro, e que entraríamos em acordo uma vez liberado. Ao que lhe respondeu o comissário: “*se vós estais assim satisfeito, deixe-o pagar as despesas da casa, e ir-se*”.

179

[Como foi libertado]

Paguei as tais despesas e fui libertado, indo-me na companhia do francês, e levando-o para a casa de mestre *Hunt*, cônsul inglês, paguei-lhe as dez coroas. Despedindo-nos um do outro, dirigi-me então a bordo do navio de mestre *Row*, que se dirigia então para *Nápoles*, lugar ao qual chegamos, e cuja descrição segue.

V - Descrição e descoberta de Nápoles

distante 700 léguas da Inglaterra

Nápoles é uma cidade famosa e muito rica, bastante grande, localizada perto do mar, maravilhosamente fortificada, equipada com artilharia em diversos castelos, fortes e construções semelhantes. Também pertence a esta cidade uma grande quantidade de galés e muitos bons navios, e continuamente uma grande quantidade de barcos navega diante de

seu porto. Esta cidade está localizada na região da *Calábria*, e é governada por um Vice-Rei sob ordens do Rei da *Espanha*. Da mesma maneira, encontram-se ali muitos soldados em guarnição, sendo todos eles espanhóis. O Rei da *Espanha* conserva diversos pensionistas ali. Nesta cidade falam-se diversas línguas cristãs, pois que todas as nações cristãs estão ali representadas, mas sobretudo italianos e espanhóis.

[Seus nativos]

Os napolitanos são muito orgulhosos, e de um espírito arrogante, sendo na sua maior parte muito ricos, vestidos luxuosamente, e comumente bem providos de sua doença local²⁰. Eles são todos papistas, e suas mulheres bastante audaciosas, especialmente no uso pecaminosos de seus corpos, pelo motivo de terem tanto o perdão como o privilégio de *Roma*. É extremamente perigoso andar sozinho à noite pela cidade visto que um homem pode ser subitamente assassinado pelas roupas que usa, seja ele pobre ou rico. Neste lugar encontra-se uma grande quantidade de mercadores e hóspedes de diversos países, especialmente ingleses, holandeses, gregos, italianos, venezianos, franceses, espanhóis, judeus, dentre muitas outras nações cristãs.

180

[Tráfico]

O principal artigo com que esses comerciantes lidam é a seda bruta, ou a seda trabalhada, seja em cetim, tafetás, malha grossa, e muitas outras variedades de artigos de seda, meias de seda, laços de todo tipo, e ligas de diversas qualidades. Neste lugar estive diversas vezes, e nunca encontrei nada excepcional, exceto uma coisa, que era a seguinte: uma passagem sob uma enorme montanha de uma milha mais ou menos de comprimento. Essa passagem foi cavada pela indústria humana como acesso da cidade a um território chamado *Nisita*, onde todos os navios param antes de aportarem na cidade. A razão pela qual esta passagem foi inventada é porque a montanha que a recobre é tão íngreme que não havia travessia possível por ela, a não ser fazendo um contorno de vinte milhas ao seu redor. Mas agora carroças, carruagens, carros, cavalos ou pedestres podem atravessar tranqüilamente a montanha como num caminho plano, tendo conti-

²⁰ A sífilis. Após um vasto contágio inicial desta doença disseminada por meio das tropas de Carlos VIII, contaminadas durante o cerco de Nápoles, ela foi nomeada pelos franceses “*mal de Nápoles*”, e pelos italianos, “*mal francês*”. A denominação atual deriva da obra de G. Fracastoro, *Syphilis, sive de morbo gallico*, Verona, 1530.

nuamente no seu interior uma grande quantidade de lamparinas. Esta passagem tem aproximadamente cinco braços de altura, e quatro de largura; é chamada “a Gruta”.

[Tumba de Virgílio]

E, pelo dizer de todos, um certo Virgílio, homem sábio, foi seu autor, cuja tumba está encimada em cada uma de suas extremidades por uma lamparina permanentemente acesa diante de si. Passei através desse lugar muitas e diversas vezes, e assim sendo posso afirmar o que aqui escrevi pela minha própria experiência.

VI - Descrição e descoberta do rio das Amazonas

distante 1600 léguas da Inglaterra

O *rio das Amazonas* jaz na parte mais alta das *Índias Ocidentais*, para além da linha equinocial. Para atingir este rio a quarenta léguas da terra deve-se haver oito, seis e sete braços de profundidade de água, e vereis assim o mar adquirir uma cor forte e avermelhada, a água tornando-se progressivamente mais fresca. Por esses sinais pode-se continuar seguramente sua rota e aproximando-se da embocadura do rio, a profundidade da água deve aumentar, e então descobrireis as árvores antes de avistares a terra, devido ao fato de a terra ser muito baixa, e não mais alta de um lugar a outro mais do que três pés, sendo na primavera praticamente toda encoberta, Deus sabe por quantas centenas de léguas. Muita água corre por este rio com uma correnteza tremendamente forte. Ali eu estive por dez semanas, observando os costumes de seus habitantes e a região.

[Uma descrição da região circundante]

Essa região é toda ela coberta de florestas, com todos os tipos de animais, como leões, ursos, lobos, leopardos, babuínos, estranhos javalis, macacos, chipanzés, andorinhas, (**sanguins**), marmotas, com diversos outros animais estranhos. Também essas florestas estão plenas de aves de todos os tipos, e mais papagaios do que pombas na *Inglaterra*, e têm caça igualmente boa, pois que delas provei freqüentemente. Essa região também possui diversos outros rios, tendo um rei governando sobre cada um deles. Nesses lugares, as tempestades são freqüentes, assim como raios, trovões e chuvas, e tão extremas, que elas se prolongam comumente dezesseis ou dezoito horas a cada vinte e quatro. Encontram-se muitas águas paradas nessa região, as quais são povoadas de muitos crocodilos, guianas, com muitas outras serpentes aquáticas, e grande

quantidade de peixe fresco de aspecto estranho. Essa região está infestada de mosquitos, que são pequenas moscas que fazem muito mal ao estrangeiro recém-chegado.

[A maneira, costume e natureza do seu habitante]

A maneira, costume e natureza dos habitantes dessa região é a seguinte: todos vão nus, tanto homens como mulheres, não tendo mais que um fio em torno de si para cobrir toda a sua nudez. O homem toma um bastão circular, grande como uma vela de um *penny*, e de duas polegadas de comprimento, através do qual ele estica a pele de seu pênis, amarrando-a com um pedaço de casca de uma árvore do tamanho de um pequeno fio; então, apertando-o no meio, ele persevera assim até ter a oportunidade de usá-lo. Em cada orelha, ele usa um junco ou cana, que as atravessam, aproximadamente do tamanho de uma pena de cisne, e de meia polegada de comprimento, e a mesma coisa através do lábio inferior. Também na ponte do nariz, pendura num outro juncozinho um pequeno grão de vidro ou botão, o qual estando pendurado diretamente diante da boca, voa para lá e para cá quando fala, no que sente grande orgulho e prazer. Ele usa o cabelo comprido e arredondado em baixo da parte inferior de sua orelha, e cortado curto, ou antes, como me pareceu, raspado careca na coroa como um frade.²¹ Mas suas mulheres não tem nenhuma moda para se promoverem, antes permanecem nuas como nasceram, com longos cabelos em suas cabeças. Também seus peitos são muito caídos, devido ao fato de nunca estarem amarrados ou apertados. Eles costumam efetivamente untar seus corpos, tanto homens como mulheres, com uma espécie de terra vermelha, afim de que os mosquitos ou moscas não os agridam. Tais indivíduos são muito engenhosos, trabalhadores, e enganadores, muito ligeiros dos pés, e bons arqueiros, como jamais vi igual, porque caçam ordinariamente sua comida, como bestas, aves e peixes.

²¹ André Thevet fornece uma descrição deste tipo de corte de cabelo: os Índios Tupinambá acreditavam aumentar desta forma sua resistência e sua força, assim como através da depilação do corpo. Cf. *La cosmographie universelle d'André Thevet*, Paris, chez P. L'Huillier, 1575 (texto parcialmente reproduzido por Suzanne LUSSAGNET em *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVIIe siècle. Le Brésil et les brésiliens par André Thevet*, Paris, P.U.F., 1953), livro 21, capítulo 10. A menção às contas de vidro, elemento estranho dentre os demais adornos descritos, pode estar indicando a amplitude de disseminação dos produtos de escambo trazidos pelos europeus nessas viagens de exploração e conquista.

[Os arcos e flechas]

A maneira de seus arcos e flechas é a seguinte: o arco tem aproximadamente duas braças de comprimento, e a flecha sete pés. Seu arco é feito de pau-brasil, muito curioso, sua corda da casca de uma árvore, estando perto do arco, sem nenhuma curva. Sua flecha é feita de um junco, e a cabeça da flecha é feita de um osso de peixe. Ele mata um animal da seguinte maneira: escondendo-se atrás de uma árvore, ele aponta para o animal e, ferindo-o, ele o segue como um cão de caça até que aquele caia, freqüentemente em seguida ao seu tiro. Assim para qualquer ave, desde que não seja muita pequena, ele jamais erra o alvo. Como no primeiro procedimento, ele anda ao longo de um curso d'água, e quando encontra um peixe, ataca-o com sua flecha, e abandonando subitamente seu arco, joga-se dentro da água, nadando em direção à sua flecha, a qual ele traz para fora com o peixe preso a ela. Então, tendo cada um caçado sua própria comida, tanto carne, como ave ou peixe, eles reúnem-se, entre cinqüenta ou sessenta pessoas por grupo, e fazem uma fogueira da seguinte maneira: tomam dois paus de madeira, esfregando um fortemente no outro, até o momento em que se inflamam, fazendo então uma grande fogueira onde cada homem coloca para grelhar aquilo que tiver caçado, e então comerão sem pão ou sal, que aliás nem sabem o que quer dizer, ou qualquer tipo de bebida, a não ser água e tabaco. Nessas regiões não pudemos encontrar minerais nem de ouro nem de prata, mas encontramos uma grande quantidade de gemas, e comprei um par delas para uma “Jew’s-harp”²², ocasião em que recusaram dez *shillings* em dinheiro.

183

[Produtos]

Esse lugar possui uma grande abundância de frutos deliciosos, como abacaxis, bananas, goiabas e raízes de batata, de quais frutos e raízes teria comprado o equivalente ao peso de um homem por um botão ou grão de vidro. A maneira de sua habitação é a seguinte: eles

²² “*Jew’s harp*” pode aqui designar uma guimbarda. Normalmente, entretanto, a “harpa de judeu” designava um instrumento musical de construção simples, consistindo de um metal flexível dobrado numa de suas pontas em ângulo reto e fixado na sua outra extremidade numa armação metálica em forma de lira. Ele é tocado mordendo-se essa armação e beliscando a ponta livre do metal com o dedo, as alterações sonoras sendo produzidas pela variação da cavidade bucal. Joyce Lorimer (*English and Irish Settlement on the River Amazon, 1550-1646*, London, The Hakluyt Society, 1989: 144), interpreta «*Hennes*», que traduzimos por «gemas», como alguma espécie de pássaro semi-domesticados, o que coloca um conflito com a tradução que encontramos para «*Jewes Harpe*», termo sobre o qual a editora não comenta.

possuem uma espécie de rede feito da casca de uma árvore, que eles denominam *haemac*, que possui três braças de comprimento e duas de largura, e juntada em cada ponta do seu comprimento, estas são então amarradas numa árvore, em todo o seu comprimento, aproximadamente a uma jarda e meia do solo, e quando sentem vontade de dormir, montam dentro dela.

[Rei]

O rei de cada rio é reconhecido da seguinte maneira: ele usa sobre sua cabeça uma coroa de penas de papagaio de diversas cores, tendo em volta do pescoço, um colar de dentes ou garras de leão, ou de algum outro animal estranho. Ele leva ainda uma espada de madeira na mão²³, e é assim que ele é reconhecido como sendo o rei. Frequentemente um rei guerreira contra um outro em suas canoas, que são barcos cortados a partir de uma árvore inteira, e alguns fazendo prisioneiros a seus inimigos, os vencedores comem os cativos. A essa altura dez semanas já tinham se passado, e dirigimo-nos de volta para casa, mas não pelo mesmo caminho pelo qual viemos, pois subimos o rio com vento em popa, posto que lá o vento sopra sempre na mesma direção, o que obriga todos os navios que para lá se dirigem, a voltarem por um caminho diverso.

184

VII - Descrição e descoberta de *Malta*

distante 700 léguas da Inglaterra

Malta é uma pequena ilha muito conhecida que possui duas cidades, chamadas *Terra-nova* e *Terra-vecha* (*sic*), situadas bem perto uma da outra. A ilha é governada por um grande chefe, que não reconhece nenhum superior na face da terra, a não ser o Papa, como chefe supremo da Igreja. Esse grande chefe mora em *Terra-nova*, que é uma grande cidade situada próxima à beira-mar, maravilhosamente fortificada e equipada com artilharia como nenhuma outra em toda a cristandade, visto que o *Turco* tentou por diversas vezes ocupar e tomar a ilha, com duzentos ou trezentos barcos e galés de uma só vez, e mesmo assim foi incapaz de ocupar sequer uma parte daquele lugar. A essa ilha pertencem algumas galés, ainda que sejam poucas, e de seis a oito naus, e ainda alguns barcos, com os quais conseguem causar muitos danos aos turcos, vencendo-os bastante frequentemente, e escravizando-os.

²³ Tacape.

[Religião]

Nessa ilha comunga-se a religião romana, tanto homens quanto mulheres. Suas mulheres são todas lascivas e de má apresentação, mas seus homens são valentes, cavaleiros, e valorosos nas armas. Eles são originários de todas as nações cristãs, falando-se ali geralmente todas as suas línguas. Também, eles têm ali uma antiga ordem de cavalaria, jurada pela cruz de São João, que é uma cruz branca bifurcada, a qual eles levam sobre o peito para serem reconhecidos como cavaleiros de *Malta*.

[O juramento do cavaleiro]

O seu juramento de cavalaria constitui-se no seguinte: que eles jamais devem se casar, pela razão de que não devem jamais ter filhos legítimos, pois existem muitos lordes e homens de nobreza que para lá são enviados por seus tios para se tornarem cavaleiros, de modo que jamais se casando, após a morte desses cavaleiros suas terras são incorporadas ao patrimônio do dito tio. Mesmo assim, é-lhes permitido possuírem quantas prostitutas quiserem. Uma outra parte de seu juramento é a seguinte: um cavaleiro de *Malta* jura não se aliar, num conflito, à parte onde dois, três ou quatro enfrentam a um só homem, mas deve se aliar à parte mais fraca e lutar até o último homem. Eles são todos homens de grande coragem, perfazendo um número total em torno de cinco mil, em *Malta* e outros sítios cristãos. Uma outra parte do seu juramento é a seguinte: por terra ou por mar, seja em navios ou em galés, eles são jurados de enfrentar seus adversários, mesmo que eles representem três contra um, sem jamais gritar por socorro ou fugir, posto que são jurados de lutar sempre até o último homem. Tal juramento é realizado muito corajosamente, posto que são gentis-homens de grande respeito, nem irão eles jamais abandonar a ordem, o que lhes é proibido por uma outra parte de seu juramento. No que toca à sua manutenção, os mais pobres dentre eles recebem uma pensão do grande chefe, que os mantém de maneira bastante decente, enquanto que os ricos vivem por sua própria conta. Uma coisa que é estranha nesta ilha, é que aqueles que nascem fora dos limites da cidade falam a língua mourisca, sendo todos como mouros. Esta ilha é muito rica e fértil de tudo, especialmente vinho, grãos, peixes, carnes e frutas. Esses cavaleiros são muito misericordiosos tendo seus adversários prostrados, observando estritamente seu juramento.

VIII - A descrição e descoberta de Chipre

distante 1000 léguas da Inglaterra

Chipre é uma famosa ilha dos turcos, que possui duas cidades e muitos vilarejos. A principal cidade é *Famagosta*, a qual está situada perto do mar, numa planície, sendo fortemente fortificada e murada, e é governada pelos turcos, onde se professa sua própria religião, acreditando e confessando Deus pai e seu profeta Maomé e fazendo tudo ao contrário de um cristão. Apesar de não entenderem o Cristo como sendo filho de Deus, e o próprio Deus, ainda assim dizem que ele é a respiração de Deus, e que foi morto pelos judeus. Mas não acreditam que ele ressuscitou. Eles detestam os judeus acima de todas as nações, mais ainda do que o diabo, e não se incomodam em matá-los, não mais do que matariam um cachorro, matando-os freqüentemente na própria rua em último caso, quando se encontram, se for para obter suas roupas. Mesmo assim muitos judeus vivem em todas as partes dos domínios turcos, mas da seguinte forma: não admitem que homem, mulher ou criança vistam calçados, se forem judeus, mas devem andar sempre descalços e com as pernas de fora, usando uma capa negra sobre a cabeça, e carregando um saco de linho bruto vazio sobre os ombros, para mostrar que é um judeu e um escravo do mundo. Nessa ilha de *Chipre*, afora as cidades e vilarejos, o campo é habitado por gregos, vassallos dos turcos, pagando ao *Turco* um décimo de tudo aquilo que possuem, e mesmo um décimo de seus filhos, se chegam a atingir tal número, e então essa décima criança é circuncidada e feita turca, recebendo um *osper* por dia do *Grande Turco* durante o primeiro ano, e dois pelo segundo, três pelo terceiro, *per diem*, e assim sua paga aumenta de um *osper* por ano, conforme cresce, ao longo dos anos. Pois ele é escolhido desde sua infância para ser um soldado do *Grande Turco*, e assim todos seus filhos homens devem receber a mesma paga, e serem soldados do *Grande Turco*. Suas vestimentas são trespontadas em volta do pescoço por uma bordura de seda roxa, pelo que são distinguidos dos demais. Esse *osper* equivale à décima primeira parte de um *shilling* inglês, de modo que aos vinte anos de idade ele serve nos campos de batalha, sua paga valendo dezoito *pences* por dia, e assim progressivamente através dos anos. Essa ilha de *Chipre* é muito fértil, possuindo grande quantidade de bichos da seda, o que lhes proporciona abundância desse produto. A ilha produz também uma grande quantidade de frutas de todos os tipos, assim como de rebanhos. Três tipos de animais são criados nessa ilha, que diferem bastante dos nossos na *Inglaterra*, quer dizer, um búfalo difere de um boi, seus camelos de nossos cavalos, e suas ovelhas das nossas. O búfalo é uma besta semelhante a um boi, mas maior e não tão alto, nem tão comprido quanto o maior de nossos bois. Ainda assim, apenas um deles é tão forte quanto três dos nossos bois, posto que dois destes búfalos podem fazer o trabalho de seis bois. Seus chifres são murchos, e ao meio-dia, quando costumam descansá-los, levam-nos para dentro

da água, onde ficarão pelo espaço de duas horas cobertos até a altura de suas costas. Então eles serão novamente atrelados, e trabalharão como se estivessem frescos até à noite, como fizeram na parte da manhã, sem desgaste algum.

[Camelos]

O camelo é uma besta maravilhosamente alta, que possui um pescoço duas vezes mais comprido que o de um cavalo, e uma grande corcunda que cresce aproximadamente no meio de suas costas, tão grande como uma medida de ração de aveia²⁴, possui os pés fendidos e um rabo pequeno, e no que toca à sua força ele pode carregar tanto peso nas suas costas quanto o fariam quatro cavalos, e pode seguir com a sua carga três horas corridas sem comer ou descansar. Eu vi quatro mil desses animais sendo conduzidos ao mesmo tempo, carregados de mercadorias e avançando num passo bastante lento, e nada próximo à rapidez de um cavalo de carga. E assim eles podem continuar neste passo dois dias e duas noites contínuos, sem comer ou beber. E quando finalmente descansam e comem, o fazem magramente, e muito pouco, da seguinte forma: quando chegam ao seu lugar de descanso, deitam-se com sua carga às costas. Então os mouros ou turcos dão-lhe uma bola feita de sementes de tâmaras batidas em cada uma das bocas dos animais, a substância das sementes sendo composta ainda de óleo de grão de linho e do branco de ovos, o que faz dessas bolas algo tão duro quanto pedras, e assim viverão, continuando sua viagem por dezesseis dias e noites seguidos, recebendo o referido resto e refresco ao fim de cada dois dias.

187

[Ovelhas]

Suas ovelhas são duas vezes maior do que as nossas na *Inglaterra*, mas semelhante em todos os seus aspectos, exceto pelo rabo, pois os de suas ovelhas são maravilhosamente grandes, largos, grossos e muito gordos, pois eu pesei diversos desses rabos nos açougues, e eles pesaram dez, onze e doze libras, e através de toda a *Berbéria* e *Turquia*, eles possuem grande quantidade desses animais, assim como todos os outros tipos que temos na *Inglaterra*. Ali vivem muitos gregos, por todos os domínios turcos, mas em grande servidão e pobreza. São bons cristãos, execrando a idolatria de *Roma*, e observando o mesmo calendário para o Natal e outras festas, como fazemos na *Inglaterra*.

²⁴“*Peck*”, no original, podendo corresponder a uma antiga medida de capacidade equivalente a um decalitro.

Existem também judeus em todas as partes da *Turquia e Berbéria*, e em todas as partes da cristandade, excetuada a *Inglaterra*. Porém, mesmo assim dispersos por quase todas as partes do mundo e vivendo em extrema escravidão, jamais vereis um judeu mendigar seu pão. Um aspecto diante do qual fiquei grandemente maravilhado, é que um judeu é mais respeitado na cristandade que em meio aos turcos. Pois os turcos, como já deveis ter ouvido antes, detestam os judeus mais do que qualquer outra nação, atando-o a uma marca reconhecida e evidente, ou modo de vestir, e não lhe concedendo nenhuma lei ou direito, seja contra os turcos ou contra os cristãos; enquanto que na cristandade, contrariamente, ele não está obrigado a se vestir de nenhuma maneira específica, mas pode andar como bem entender. E por lei, devido às suas riquezas, terá o direito aplicado em seu favor mais rapidamente que a um cristão. Do que entendo, na minha compreensão das coisas, que os turcos condenam grandemente os cristãos papistas por isso, pois é dizer comum entre eles, que se um judeu tivesse matado Maomé, não, mas que se tivesse tocado a borda de sua vestimenta de uma maneira violenta, não deixariam nenhum de sua raça vivo, nem coisa alguma, ou construção que não fosse arrasada, que lhes deixasse memória. Mas na cristandade é-lhes permitido construir sinagogas, e praticar sua religião publicamente. Mas suplico a Deus todo-poderoso que esta nossa terra da *Inglaterra* jamais seja conspurcada, por papista, turco ou judeu.

188

IX - Descrição e descoberta da Sicília

distante 650 léguas da Inglaterra

Sicília é uma famosa ilha dos espanhóis que possui muitas cidades prósperas. Essa ilha possui setecentas milhas de circunferência, é muito fértil e plena de diversas coisas, como seda, carne, e peixe, grãos, vinho, e óleo, e grande quantidade de frutas. Essa ilha é governada por um Vice-Rei, submetido ao Rei da *Espanha*. Seu principal domicílio situa-se em *Palermo* ou *Mercina*, duas cidades famosas desta ilha, mas sua principal residência é em *Palermo*. Esta cidade situa-se numa planície, tendo perto uma montanha chamada *Monta Pellagrune*. É uma cidade muito populosa, rica de mercadorias e ricos mercadores. Estive nessa cidade diversas vezes durante o tempo de minha escravidão nas galés do Duque. Também perto desta cidade existe uma vila denominada *Trappany*, onde está um monastério em que, segundo afirmam, encontra-se a coluna de sal em que foi transformada a mulher de *Lot*, ao voltar de *Sodoma*.

[Religião]

Eles professam a religião romana por toda a ilha, tanto homens quanto mulheres, falando geralmente a língua italiana, tanto quantos sejam nascidos na ilha, e são chamados sicilianos. *Mercina*, uma outra cidade conhecida, está localizada perto do mar, e situada num planalto, ao pé de uma grande montanha. É uma cidade extremamente fortificada, e equipada com artilharia. Uma grande quantidade de galés e navios pertencem a este lugar, os quais causam grandes danos ao Turco, mas são empregados sobretudo no comércio. A alta montanha que domina a cidade é chamada *Mungebella*, e situa-se na parte leste da ilha, o seu topo queimando continuamente dia e noite, e devido à impetuosidade do fogo muitos vilarejos foram consumidos. A razão desse fogo é o enxofre, ou mina sulfúrica, a qual sendo alta, é, como qualquer um pode imaginar, queimada pelo calor do sol, como a ilha de *Strumbula*, que queima continuamente, ou como diversos outros lugares que pude ver, como o monte *Etna*, o pico de *Tenerife*, uma ilha do sul, e muitos outros lugares, etc.

A essa cidade de *Messina* pertence uma entrada em estreito para o mar, comumente chamada de o vale de *Messina*. Ela situa-se entre a terra da *Sicília* e a da *Calábria*, muito perigosa de atravessar para qualquer embarcação, exceto para aqueles navegantes que são muito experientes. No que me concerne, eu conheço bem este lugar, tendo estado ali diversas vezes no tempo de minha escravidão.

X - Descrição e descoberta de *Muggadore*

distante 460 léguas da Inglaterra

Muggadore é uma ilha dos turcos que situa-se perto da *Berbéria*, para além dos Estreitos, não longe das terras do rei de *Fez* e *Marrocos*. Esta ilha não é habitada pois é muito estéril, sendo feita toda de pedras na beira-mar, e muito macia no seu topo, cheia de arbustos, onde aves procriam em grande quantidade. Consideramos como desprezível o esforço de irmos seis ou oito de uma companhia juntos à ilha e, no espaço de três horas, trazer vinte dúzias de aves à bordo conosco. Entre o continente e a ilha existe um grande percurso a perfazer com o navio. Também os mouros deste lugar trarão do continente víveres que tenham para satisfazer nossas necessidades, como carneiros, bois, etc. Os mouros desta região são extremamente falsos e enganadores. Suas roupas são poucas e muito leves, andando quase nus, pois usam apenas uma flanela muito fina com a qual cobrem o peito, as costas e as partes genitais; e quanto aos seus braços, pernas e coxas, vão nus. A dita vestimenta, ou pedaço de flanela, chamam-na um *barnoose*. Nesse país da *Berbéria* existe

uma grande quantidade de cana-de-açúcar, e de açúcar refinado, como no *Brasil*. Algumas vezes nesta região pode-se encontrar âmbar, mas a safadeza dos mouros o adultera freqüentemente. Eu vim até esta ilha numa caravela de *Plymouth*, mestre *Edward Deon* da dita cidade sendo seu comandante; os mouros vinham freqüentemente à bordo e foram tratados muito gentilmente. Mas eles reverteram nossa gentileza da seguinte maneira: sobretudo quando, tendo muitos deles à bordo de um bote nosso, onde seis ingleses remavam para desembarcá-los em terra, tendo eles todos descido, nosso bote estava encalhado na areia. Então um de nossos homens saltou do bote, tendo água até os joelhos, e usando de sua força teria posto o barco de volta na água, o qual, assim que o viram fora do barco, prenderam-no e levaram-no para terra, onde rasgaram toda sua roupa e dividiram os pedaços entre si, levando o homem nu terra adentro, dizendo que jamais o teríamos de volta, a não ser que tivessem vinte coroas francesas pelo seu resgate. O bote trouxe essas notícias a bordo da caravela, e considerando que seria esforço vão tentar qualquer coisa contra eles, pagamo-los, e recebemos o homem nu de volta, não realizando mais negócios com eles.

XI - Descrição e descoberta de *Candy*

190

distante 900 léguas da Inglaterra

Candy é uma ilha conhecida dos venezianos, muito fértil, produtora de uma grande quantidade de vinho e óleo, e todas as demais coisas em abundância. Esta ilha é bastante alta e longa, apontando na direção leste e oeste. O seu lado norte é bastante agradável, com grandes quantidades de jardins, parreiras, etc., mas é muito estéril em direção ao sul, com pedras enormes, falésias e montanhas, parte esta que é habitada por gregos miseráveis. Também existem diversas pequenas ilhas sob essas falésias, habitadas igualmente por esses gregos, como *Christiana* e *Godza*, entre outras. Esses gregos vivem todos em servidão com relação aos venezianos. O lado norte dessa ilha é habitado por italianos e alguns judeus. Existem duas cidades bastante prósperas, quais sejam, *Candia* e *Acony*. Estas cidades são habitadas principalmente por venezianos, e são extremamente fortificadas e equipadas com artilharia. Elas situam-se exatamente diante da entrada dos arcos de *Appellican*, que vai para *Constantinopla*, onde reside o *Grande Turco*, o qual recebe tributos do Duque de *Veneza* por essa ilha, e outras partes, pois os venezianos são tributários do *Grande Turco*. O *Grande Turco* também os mantém em sujeição, por terra e por mar, e eles nem ousam somar forças com quaisquer outros cristãos, em nenhuma ocasião em que uma frota de galés ou navios é armada contra o *Turco*²⁵. Mesmo assim, o Duque de *Veneza* possui duas vezes mais galés do que qualquer príncipe cristão, as quais ele emprega efetivamente, algumas no comércio, ten-

do negócios constantemente com cristãos ou turcos, e outras permanecem à entrada do golfo de *Veneza*, à proximidade das ilhas de *Zant* e *Saphlany*, da pequena ilha de *Stravales*, e perto ainda de *Madona*. Estas partes, eles as defendem contra qualquer guerreiro cristão, ou galé cristã, ou de galés ou bergantins dos turcos que se aproximem desses lugares, à maneira e costume de homens de guerra. E frequentemente essas referidas galés aprisionam efetivamente tanto cristãos quanto turcos, escravizando os homens, ou então cortando-lhes as cabeças, posto que é legal fazê-lo, conforme o pacto concluído entre o Duque, o cristão e o *Turco*, atacando-os numa distância de vinte léguas em compasso a partir da entrada do golfo, mas não em nenhuma outra parte do mar, para além do referido compasso.

XII - Descrição e descoberta de *Morria*

distante 1620 léguas da Inglaterra

Morria é uma pequena ilha baixa, que jaz no *rio das Amazonas*,²⁶ na parte mais alta das *Índias Ocidentais*. Esta ilha é toda habitada por mulheres, não encontrando-se homem algum entre elas. Elas andam todas nuas, usando arcos e flechas para caçarem sua comida. Os seus cabelos são longos e seus peitos são caídos, e enquanto muitos aqui na *Inglaterra* imaginam que seus peitos direitos são ressecados ou amputados, não é dessa maneira atualmente, e como era antigamente não o posso afirmar. Quanto a essas de meu conhecimento, eu vi quarenta, cinqüenta e até sessenta delas juntas, cada uma levando seu arco e flechas nas mãos, indo pela margem do rio. E quando vêem um peixe, atiram nele, atingindo-o, e deitando por terra seus arcos, saltam dentro da água atrás de suas flechas, e trazem o peixe para a terra, amarrado à flecha. E assim em todas as outras coisas, assim como na maneira de tratar a carne, como nas suas moradas e nos seus costumes, assemelham-se e imitam os índios do *rio das Amazonas*, como haveis já entendido neste discurso. Mas algumas dessas mulheres costumam efetivamente levar suas crianças às costas, da seguinte forma: tomam um pedaço da casca de uma árvore, e passam uma das pontas sob a bunda da criança, e com a outra amarram a axila e os ombros, e assim penduram-nos às costas como o saco de um caldeireiro ambulante, apondo seu peito ao ombro. A razão pela qual essa

²⁵ O autor omite aqui qualquer referência à batalha de Lepanto.

²⁶ Pode corresponder à *Isola dell'Amazonas* contida na carta desenhada por Robert Dudley.

ilha é habitada somente por mulheres, é essa: um mês a cada ano, os homens de cada lado do continente vêm em suas canoas à ilha, cada homem encontrando para si uma mulher, e ali vivendo por um mês. E cada criança do sexo masculino que encontram, levam de volta consigo, e as do sexo feminino, deixam-nas para trás com suas mães. E este é o seu costume uma vez por ano, de modo que esta ilha é toda habitada apenas por mulheres. Existe uma coisa ainda sobre a qual devemos divagar, e que também testemunhei, qual seja, as excelentes ostras e mariscos que crescem nas árvores, pois que comi minha boa centena deles. E para vossa melhor compreensão de como crescem, deveis saber que essas árvores estando perto da beira-mar, a cada maré cheia os galhos submergem uma braça dentro da água, ou uma braça e meia, de modo que quando a maré se vai, são encontrados pendurados em grandes cachos sobre os galhos, como cracas²⁷ nos lados de um navio, e na montante da maré, recebem a umidade necessária à sua sobrevivência.

Conclusão do Livro: ao Leitor

Assim sendo, gentil leitor, pensei que seria bem, dentro de minhas limitadas capacidades, informar-vos com um breve e claro relato de minhas viagens, mesmo sendo ele rude, posto que originário de uma mente estéril que não professa mais que o desejo de aprender. Mesmo assim, assegurai-vos que ele contém verdades indubitáveis, e não mais do que aquilo que testemunhei, conheci e, para minha própria dor e perigo, senti. E se alguém, tão bem ou melhor informado do que eu sobre essas partes, ou sobre qualquer uma delas em particular, das quais faço menção, não apreciando a rudeza do meu estilo proponha-se a refiná-lo, não me trará assim descontentamento, desde que não atente contra as verdades aqui expostas. E quando prometi, no início deste tratado, tocar e falar algo nessas doze descrições sobre os lugares especificados no índice, realizei em parte o prometido. Mas ter escrito sobre cada uma delas mais longamente seria simplesmente frívolo e supérfluo, parte porque são lugares sem um interesse extraordinário, mas especialmente porque eles se assemelham em tudo, ou quase tudo, aos países aos quais estão anexados, ou dos quais são tributários ou vassallos. Assim, as ilhas tributárias dos espanhóis seguem sua maneira de governo, costumes e ordens. Os tributários dos turcos imitam-nos na maioria das coisas, e

²⁷“*Barnacle*”, no original, que pode designar igualmente uma espécie de ave de arrição, semelhante a um ganso selvagem que, acreditava-se, nascia de uma fruta produzida por uma árvore típica de beira-mar (“*tree-goose*”, ou “árvore-ganso”), ou de uma concha encontrável nessa mesma árvore.

assim podeis julgar do restante, segundo são grandemente distintos. E isso deve bastar para esclarecer esta dúvida. Quanto às razões que me impulsionaram a publicar este livro, elas são várias, mas principalmente três. A primeira era para registrar e tornar conhecido meu próprio martírio, de medo de fazer como o esquecido criado detido na prisão do faraó que, sendo libertado, esqueceu a promessa feita a *José*, que predissera sua libertação; assim (tal é a enfermidade e fragilidade da natureza humana) poderia, sufocado pela prosperidade terrena, esquecer minha gratidão e milagrosa libertação. A segunda razão era a de que outros homens, sobreavisados pela minha desgraça, pudessem evitar algo parecido. A última e principal razão era a de glorificar a Deus, especialmente aqui na *Inglaterra*, onde sobre todas os países e nações da terra, está mais favorecida a expansão e avanço de sua glória. Pelo que um cristão, lendo apenas sobre a extrema servidão e punição infligidas aos judeus, inclusive até o dia de hoje, tendo sido antes uma nação eleita dentre todas as demais da terra, ou conhecendo a miséria atual dos gregos, que uma vez foram monarcas da terra e possuíam uma das principais igrejas da cristandade, o primeiro fruto dos gentis, e cuja extrema servidão é hoje lamentável, ainda que não como a dos israelitas, sacrificando seus filhos a ídolos, mas obrigados ainda a entregar o décimo de seus filhos, assim como de seus rendimentos, a esse monstruoso ídolo maometano, o *Turco*. Ou quem, justamente ponderando a cegueira e obstinação dos espanhóis, do Papa e dos italianos, com os horríveis e absurdos pecados em que Deus os abandonou; ou ainda quem, vendo a infidelidade do simples indígena (permiti-me chamá-lo simples, pois seu erro cresce mais por desejar o conhecimento verdadeiro que por obstinação) que louvam a criatura, sendo ignorantes do criador todo-poderoso. Que coração inglês, afirmo, ponderando corretamente essas coisas em geral, ou qualquer uma delas em particular, pode decidir diferentemente do que cair com os joelhos dobrados, implorando Deus imortal e orando e agradecendo inúmeras vezes, não apenas por tê-lo eleito por sobre todas as nações do mundo, e pelo verdadeiro e perfeito conhecimento de seu abençoado evangelho, mas também por tê-lo preservado durante tanto tempo das desgraças e desafortunadas servidões às quais a maioria das nações da terra estão sujeitas?

DOCUMENTO 3

Instruções de Robert Dudley ao Capitão Robert Thornton

A.S.F., *Mediceo*, f. 1829, c. 458-460v

Ricordo a voi s. r. Cap.no Ruberto Tortone di Livorno di quanto dovete seguire per me Conte di Varvich In questo presente viaggio che a Dio piacendo sete per fare con il ghaleon.to Santa Lucia che il S.r vi Conduca e Riconduca a salvam.to.

Voglio che il comando della nave e navicazione sopra detto vassello sia tutto sopra di voi e voi ne siate assoluto Capit.no e che tutti li Uffitiali e marinari per tale vi tenghino e ubidischino e che Il Camino dl viaggio devi da voi essere dato e quello seguito senza che nessuno vi si possa opporre.

Voglio che Il detto viaggio sia assolutam.te e senza mutare a destra o sinistra ne toccare In parte alchuna dl mondo il che assolutam.te vi proibischo salvando pero Il giusto e legittimo Impedimento ma che a diritto tramite andiate solo al Rivo dlla Mazone posto In gradi 1½ a tramontana cerchando la bocca dlla fiumara come per la Carta avete visto, e trova avete a farvi venire Il m.co Jan Vanharllem fiamingho e pratico In esso luogho dal quale vi sara dato a conoscere dove sia la villa ò luogho che a proposto per trafficare le mercanzie cariche a detto vassello, per havere oro e altro valore come promette e come da lui havete bene Inteso Il modo di trattare e trafficare, dovete armare la tartana e barcha che conduciete con Il' ghaleon.to dlla meglio gente che haverete e voi andare con essi e dare Il Comando dlla tartana vi parra più abile a tal caricha et entrare con essi nella fiumara e tentare il disegno dl' suddetto Jan fiamingho sopra il quale e più fondato che altro e che per ciò seco sappiatevi ben governare avertendo a discorrere se puo essere quello che vi proponra tenendolo appresso di voi con omini che con bel modo lo vadino osservando per ogni buon rispetto di Capriccio che potessi havere accaressandolo al' Possibile.

La nave ormeggerete prima in buon luogo lassandovi sopra un buon Capo con un Caporale dllo stato e vassallo di S. A. S. con quelle più o meno gente marinari e soldati che vi parra bastanti alla guardia per aspettare il vostro ritorno con Tartana e freghata sopra la quale condurrete e metterete quelle gente che vi parranno approposito.

Avertite a trattare con molte carezze li Indiani senza tomolto di Arme ma anche avertite a ben guardarvi e non vi fidare di loro che non vi faccino qualche trattam.to e se qualcuno venisse a conversare non lo forsare In modo alcuno perche saria grosso errore ma accarezzarlo e lassarlo a sua discrizione con aversi sempre cura e ben guardarsi.

Cerchare di cavare da loro dove sian le minerale tenend.le a memoria e dove siano smeraldi e quello più vi potessi essere di droghe e altro per sapere ancho riferire all' vostro ritorno Il tutto che potrete scriverlo.

Il detto Vassello come sapete si è ben vettovagliato Armato corredato e marinarato secondo il' nostro volere che di tutto voglio che sia tenuto buon Conto dal' Padre fra Horatio Cennainni da... scrivano di Razione e da vinc. tronchoni di fir.e scrivano di detto vassello appresso a quali resta lo Inventario di detto armamento e per che e di qualche valore e il viaggio lungo' voglio pregarvi a far che le nostre genti abbino diligente cura si per la Conservazione come anche che tornino a Conto il tutto dell' Inventario.

Le mercanzie che sono state cariche da Horatio Erbucci In livorno voglio che siano a cura dl detto Cennaini e lui le Contratti e venda non volendo che si chavino tutte a un tratto di nave ma parte e fornita che sia quella si riporti in ritratto In nave ma e se le dia altanta merc.a e più o meno secondo conoscerete losmaltim.to e lutile che si sara facendo di tutto tener buoniss.mo Conto si di quello Venderete come di quello che haverete di detta mercanzia o altro che caricherete sopra detta nave facendone le discaricho per conseg.re al.no a chi sara da me hordinato, mettendo tutto in buon luogo delle Nave per la Conservazione.

Dal detto Cennaini scrivano di Razione voglio che sia maneggiato tutte le vettovag.e e viveri e che a discrizione vostra secondo il tempo siano mantenute le solite parti alla gente di nave ristrette o allargate secondo locc.ne che sendo voi pratico nella vostra discrizione rimetto Interamente. Tentato che haverete detto viaggio dl Rio della mazzone e che non vi havessi trovo buon rescontro da potersi contentare ve ne ritornerete per la Costa terra terra per tramontana cerchando tutte le fiumare e porti principali che sono fino alla tittura di 5 gradi e 20 min.ti dove troverete Il porto Amanna vicino, allisola Drogha trianghola porto buono e dalla Mazone a questo vi e gran quantita di verzino e passato non ne troverete prendendo quello di buono troverete.

Doppo costeggerete fino alla fiumara dorinoch che resta In 7 gradi e 50 minuti In circha Il fondo di essa cioè della bara è due braccia e arrivatovi tornerete a lassare Il ghaleon.to ben ormeggiato e In buon luogo Imbarchandovi sopra la tartana e barcha entrando dentro alla fiumara quanto potrete dove Intenderete assai minere di oro assai droghe pietre chiamate tachora dl balsimo e penne di uccelli di valore et In questo luogo li Indiani portano loro al Collo che e di colore come ramo e non troverete oro fino che non siate dentro 6, o 7 giornate e Il' Vento aiuta allandare e la corrente a tornare. In quale fiumara vi e una Citta grandiss.ma e Ricchissm.a domand.ta In lor lingua Manoa quale non potete arrivare ma cerchate sapere tutti e secreti sia possibile per referirli qua.

In de[ttta fium]ara eu [vi un bra]ccio domand.to Unichapora e una montagna chiamata vacharima dove ci sono grand.mi Cristalli nlla bocca dlla quale vi e un principe deto carapan' dal quale Intenderete diversi secreti di minere e altro di valore.

Passato il Regno di Aromaia, Il Re topiavaro troverete con laiuto di quelli Indiani, che sono assai meglio che li altri, quella trancia di Carolli dove In un piano vicino il s.r Volter' trovò la miniera doro che ne condusse tanto in Inghilterra quale si trova In pietra bianca assai dura, In questo luogho cerchate assai e fate diligenza perche vi e molto di Importanza e di valore.

Nella terra di putima e Il' Porto che pari pari vicino a 20 miglia vi e una montagna chiamata Inconia dove lindiani accordano esservi una minera Doro e In questa fiumara potete starvi fino al mese di Maggio e Giugno e poi venghano le Corrente e Ritornando potete venire dallisola di Trinidal' o di Tabacha e perche tutto vi o fatto capire bocha con la Carta e datovi più particolari non diro davantag.o se non pregarvi che vogliate avere considerazione al tutto per ben trattare questo Viaggio e Referirmi quanto arete trovo e fatto che per essere io Certo dl molto vostro sapere e dl molto valore come vedete riposo In voi In tutto e per tutto sicuro di riportarne quello che possibile sara e che da N. S. sara concesso Il quale sia che vi guidi e vi doni il nostro desiderio.

E se per fortuna o altro disastro che Dio non voglia vi spartissi dalla Tartana o fregata potrete pigliare appuntam.to di Aspettarsi al porto detto sopra nome Chovo di Cavo blanco In Barberia sotto la tittura di 20 gradi e 20 minuti In circha dove si può aspettare 10 In 12 giorni e più o meno secondo locc.ne et il bisogno che si rimette alla vostra discrizione pregandovi dal N. S. buona and.ta e meglio ritornata.

Il Conte di Warwick a Ruberto Thornton.

DOCUMENTO 4

Relação da viagem de Robert Thornton, segundo o *Arcano del Mare* de Robert Dudley

DUDLEY, Robert, *Dell'Arcano del Mare*, Firenze, Francesco Onofri, 1646, excerto do livro VI, capítulo XXXVI.

Dell'America, e dichiarazione della Carta decimaquarta.

Alla Ser. Signora Princ. d'Urbino

Granduchessa di Toscana, etc.

Comincia questa Carta con il rio Seavvano, di longitudine gr. 337 e termina con il capo Palmas, di longitudine gr. 347 in circa, dove entra il gran fiume Maranghan : É la Costa fra questo, et il fiume Amazones è meglio modernata nella Carta 15 seguente ; però di questa 14 è da fidarsene principalmente per la costa di Guiana, che comincia con Seavvano, e finisce con il capo del rio Amazones, nominato Arovvai ; nel qual fiume Amazones entrò il Capitano Roberto Thornton Inglese mandato in quelle parti d'ordine et à spese del Serenissimo Gran Duca Fernando I suo Signore.

Il detto Capitano a.dò e ritornò felicem.te, e se bene non era mai stato in quelle parti, nè anco nell'Indie Occidentali, in ogni modo. mediante le Carte, et istruzioni fatte di propria mano dell'Autore, egli, per grazia di Dio, compì il viaggio senza perdita di un'huomo, che morisse per malattie ; e scoprì la costa di Guiana più esattamente, che sia mai stato fatto per avanti ; e scoprì di più il buon porto de Chiana, che è porto Reale, e sicuro il quale non fu mai bene scoperto da' Cristiani per i tempi passati ; e di quivi egli menò seco cinque ò sei Indiani per presentare alle loro Altezze in Firenze, sì come fece ; i quali erano di quei Caribi, che mangiano la carne humana : Questi morirno poi in Firenze, la maggior parte di vaioli, che à loro è più infettoso della peste istessa, perchè in detti paesi non hanno notizia di simil male : Uno solo di quelli campò, il quale servì poi in Corte per alcuni anni il Serenissimo Principe Cardinale de' Medici, et imparò à parlare comodamente bene la lingua italiana.

Quest'Indiano di Chiana raccontava spesse volte all'Autore, et ad altri la fertilità, e ricchezza del Regno di Guiana, e come egli era stato nella città famosa di Manoa metropoli del Regno, dove risiede il Re da loro nominato Imperatore, perchè ha parecchi sotto il suo Imperio ; e che la Città era ricca d'oro, e situata vicino ad un gran lago ; e che essa Città era da otto giornate lunghe lontana dal porto di Chiana, essendo che gl'indiani caminano velocemente à piedi, e fanno comunemente da 50 miglia al giorno, e qualche volta di più. Diceva ancora il dett'Indiano, che vicino à Chiana (qual'è paese di colline) vi era una miniera d'argento assai ricca, che essi chiamano Perota, come anco dell'oro basso, nominato da

loro Calcuri, con il quale fanno certe immagini, e mezze lune per ornamento. L'istesso diceva il soprannominato Capitano Thornton ; e soggiungeva di più, che i ragnateli di quel paese facevano della seta ; e che quivi si trovava del legno versino in buona quantità, e delle canne salvatiche di zucchero, del pepe bianco, del legno pardo, della pitta, del balsamo, del cotone, e di molt'altre sorte di mercanzie abbondanti per commercio ; e se fusse ben piantata da' Christiani, che l'aria era sanissima e l'entrata del Porto era comoda per fortificare, e per comandare il Porto, con altre particolarità del paese già stampate dall'Autore nel 1637 come sopra si è detto, alle quali per brevità si riferisce. Raccontava ancora il detto Capitano, che quando hebbe scoperto il rio Amazonas, ò Orilliano, nell'entrarvi trovo un Bornea, nominata così in lingua Inglese, e dà Portughesi, Macarea, et è flusso spaventoso, e pericoloso ne' giorni della Luna nuova e piena, notato quivi nella detta Carta dell'Autore, in quelle parole. Guardatevi da una Bornea à hore 6 e un quarto ; e con queste poche parole d'avvertimento si salvò il vascello, per grazia di Dio, e la gente di S. A. si come l'istesso Capitano testimoniò a S. A. S. e che senza l'avvertimento in iscritto della Carta, egli non heverebbe saputo niente di tal pericolo, per essere poche di queste Bornee al mondo ; e che si sarebbe perduto, se anticipatamente non si fusse avvertito del pericolo, et addirizzato il vascello con le gumine, et in luogo più sicuro per ricevere la Bornea con la proda ; e così non affondò il vascello, ma iscampò quel pericolo.

198

Da quest'esempio si può vedere quanto importino gli avvertimenti in iscritto delle Carte dell'Autore, per i pericoli manifesti, che in altre Carte comuni non sono notati, potendosi con tre parole d'annotazioni salvare in diverse, occasioni il vascello, e la gente.

Dal detto rio Amazonas il detto Capitano Thornton costeggiò la Guiana, con l'isola della Trinidad, ò Trinità, et hebbe gran sodisfazione nella verità, e perfezione della Carta dell'Autore, e dell'instruzioni sue, principalmente, di principiare il viaggio nella stagione migliore, che però ritornarono tutti con buona salute, con buon tempo, e con venti favorevoli. Cominciò il viaggio da Livorno nel mese di Settembre l'anno 1608 in circa, e ritornò nell'istesso porto di Livorno alla fine di Giugno seguente nel 1609 ò in circa.

Seguono alcune parole della lingua Indiana di Guiana, e dell'isola della Trinidad, osservate dall'Autore istesso, quando fu in quelle parti nel 1595.

DadarahVuol dire i capelli della testa

CaervvodaUna radice dolce

GuttemocUn'huomo

DessieLa fronte

Tacosi, ò TaserethUn'occhio

DelacoacLa bocca

ArehenI denti
DariaLe gengive
DesireLe labbra
DillLa lingua
DudicaL'orecchie
DacanLa mano
DacabbaLa palma della mano
DadenIl polso
TacarleIl ginocchio
DaddanoLa polpa della gamba
DaboddaLe dita de' piedi
DacatIl piedi
CattieLa Luna
Archeano, ò ArquéconaLe cesoie
VveeuachIl Cielo
HorovveUna pietra bianca medicinale per i dolori colici
MointimanFerro, ò acciaio
HovvaUn gatto mamme
CarottoMiniestra, ò pappa
Sakello sto bene
TechirSmanigli di donna
BodadUna casa o capanna loro
HabdalleIl Sole
MentinieUn'albero
AddehegacnoUn specchio
CalcouriOro
PerotaArgento
AraraRame
CaulpirePietra bianca
TaucoraoUna pietra Verdiccia ch'è chiamata dagli Spagnuoli pietras Hiadas
CasparoUna spada
TibetebeConchiglie ò nicchi
MarahaboUn'arco
SemaraUna freccia
HuculleLa corda dell'arco
CannaLe lor barchette
CaeriUn'isola
HaleteLa radice Patata

CassiqueUn Re, ò un regolo
CaerwodaUna loror radice assai dolce
Marisce, e MaizGrano Turchesco
YeddolaUncoltello
BeyuUn flauto, ò piffera
QuecazunaUna paniera
SaùbpmerUn capello alla Spagnuola
Callit, ò HemachugPane, che essi fanno, come biscotto, di una radice nominata da loro Indiani Cassava
BaruAcqua di fontana
OronuieAcqua di mare
HilketFuoco
VvalhovvaUn pappagallo
VreitTabacco
BaruddaUn pettine
BaraAcqua d'ogni sorte
HeldaroUn cucchiaino di legno
AddotUna barchetta delle nostre
BarennareBottoni di vetro, o uno schifo
CuraballaUna certa loro pietra
SibathOgni pietra in generale
TolletillaroUn sonaglio
VlassoIl pesce Tonno
BoheriUn pesce che vola
Non quoNon lo sò
Non quapoNon sò dire
Babaghe conoa feéCosì gridano tutti, quando salutano una nave forestiera per trafficare seco
Dicono ancora “babaghe”, per dire “come state”. E dicono “fèe” quando veggono qualche cosa d’ammirazione, ò novità. Ci sono quattro herbe molto velenose fra di loro, le quali sono chiamate : “Ourari, Carassi, Aparcepo, e Parapara”. Vi sono ancora quattro radici contra il veleno, cioè ; “Turara, Caturapama, Vappo, e Mecatto”.
AddothUn bastone
QuecaUna paniera Indiana
CamanoUn’ancora
CalcuriOro, ò la pietra marcasita, perchè da quella ne cavano un poco d’oro

Furono osservate molt'altre parole Indiane, dall'Autore, delle quali se n'è perduto l'originale, e però è bisognato contentarsi delle parole sopradette ; le quali ha ritrovate in altre scritture.

Tavola illustrativa della carta XIV di Roberto Dudley

Località Tribu Osservazioni

Rio Ecrowta ò Sceavvano Uppotomi

R. Caimavvinine Carepini

R. Vracca

R. Carapi Sceawani

Macuruma

R. Macuruma

Wiapo Paracutti

R. Wiapo Terra bassa

C. Arinatopo

R. Arinatopo

Awinuami Carupini

R. Awinuami

Owcowi Paracutti

Quiparia

R. Gr. di Marawinne

Marac

R. Cooskepwinne

C. Amona Caribi

R. Amonna

R. Euracco

Iremappe

R. Marwarpari

Iwanama Arwacchi

Awaricana

R. Mawari

Maware

R. Wracco ò Moruga Winicini

Waritappi

R. Cumanama Arwacchi

Muswara Yaij

C. Carères

R. Curassainni

Curreij Sebaij

Manomauri
R. ManomauriIpaij
Cawroora
R. CawrooraArwacchi
Parammona
Paese di Colline
Macurea
R. MacureaPeraij
R. di Chiano
B. di Chiana
Rio di Chiana
P.to di ChianaWiachi sono
C. di ChianaCaribi
R. WiasMaurij
Canavi
R. Cavo ò Rio CanoasYaij
C. di Oncaiarie
R. CaperwaccaCaperwacchi
Terra bassa e di boschi
Wanare
R. WanareCaribi
B. di Wiapogo e d'acqua dolceWariscachi
R. WijapogoWacacoij
ArcooaCoonoracchi
R. Arcooa
MarowaniDue monti
Aricauan
C. Cecil ò C. Lucon
CaiporoneCaiporoni
B. di Lucon
R. CaipuroghArricarri
Coanawine
R. CoanawineMarowani
C. Coanawini
Costa di Maipare
Terra bassa di boschi
Maipare
R. MaipareArricarri

I. Waripogo
R. IwaripogoYaij
B. di V. Pincon
R. di V. Pincon ò AwaripacoPararwei
B. d' ArowareArwai
R. ArowariTerra bassa dei boschi
C. di Arowari
Costa di Pinos
B. di Pinos
C. del R. di AmazonasArwachiVar. è i. Gr. – Maestrale
L'OrellaniLa costa per Potente del R. Amazonas
Terra bassa
R. Amazonas ò OrellanaGuardatevi qui da una bornia nel F. flusso maggiore a 6
hore 4/5 dopo la mezza notte
Linea Equinoziale
I. d' Amazonas
Isola 1
Isola 2
Isola 3Le isole 3 che sono lunghe fino che il fiume si stringe 2/3 di larghezza
C. Bianca
Baia del CapoFlusso à 6 hore
La Costa per Levante del Rio Amazonas
C. Listra
Bocca del Fiume
R. Listra
C. della Baia
Baia
C. del Golfo
G. di Lista
R. dil Golfo
La punta
Baia
Boc. del fiume
R. di S. Paulo
Bocca
R. das lembas
Baia
C. Palmas
Rio Grande o Amargnone

DOCUMENTO 5

Carta de Fernando I a Sallustio Tarugi, bispo de Montepulciano e embaixador do Grão-Duque de Florença junto à corte do rei de Espanha (9 novembro de 1608)

A.S.F., Mediceo, f. 4939, c. 638

Con l'esempio di don Pedro nostro fratello, noi andiamo considerando d'impiegar qualcuno de'nostri secondo o terzo geniti fuori di questi Stati et accomodarli che habbino le loro entrate lontano dal primogenito. Per questo cercammo di fare l'impresa di Cipro et siamo andati pensando in diversi luoghi nel Regno di Napoli, ma ci è cascato le braccia per vedere i mali trattamenti che si fanno là et le insolenze de'Viceré. Ultimamente ci è venuto in considerazione di procurar qualche luogo alla nuova Spagna o alla costa del Brasil, dove con i nostri denari si potesse andar ampliando a dosso a quelli Indiani, i quali, mediante questo, si potrebono ridurre alla fede Christiana et all'ubbidienza di Sua Maestà Cattolica. Sappiamo che la Corona di Spagna et quella di Portogallo hanno usato non solo di donare alli acquistatori il paese che acquistano, ma ancora di favorirli come hanno fatto a diversi. Et hora, havendo noi notizia d'un luogo nella detta Costa del Brasil sotto la corona di Portogallo, che si chiama lo Spirito Santo et è in feudo perpetuo a certi Portoghesi, noi contratteremmo volentieri con loro perché dicono che v'è gran paese da acquistare et in buona aria et che v'è anche un poco di porto da potervi ricever de'vasseli di circa 800 salme. Questo luogo con i denari et col mandarvi de'Mori si potrebbe augmentare, ma bisognerebbe haver licenza da cotesta Corte di potervi mandare un par di vasselli a caricare di quelle robe che vi si trovano, per veder bene il paese innanzi che c'imbarchiamo più oltre, perché per entrare in simili negozi bisognano poi molte spese ; et però innanzi di farne la compra bisogna molto ben considerare ogni cosa. Crediamo che Sua Maestà havrebbe da stimare suo servizio d'havere in quei paesi un nostro figliuolo, il quale, con suaparte che noi gli daremmo, potrebbe andar debellando quegli infedeli. Ci sono anche molte altre ragioni, le quali V. S. si può facilmente immaginare et però tralasciamo.

Basterebbe adunque haver licenza di potervi mandar ogn'anno due vasselli per tanti anni quanti paresse a Sua Maestà, i quali vasselli potessero andar et venir liberamente, pagando alla Maestà Sua i diritti com'è dovere. Et perché nel detto paese si ricoglie poco zucchero, si verrebbe a cavar utile di una cosa che hora non è in alcun prezzo, cioè del legno sassofrasso, del quale vi è quantità et verrebbe fresco et noi medesimi ne adoperiamo per la nostra sanità, ma perché non ce ne viene del fresco si getta via la maggior parte. Si potrebbe anche nel medesimo paese andar cercando se vi si scoprissero delle miniere, ancorché fino a hora

non se ne habbia notizia, anzi è opinione che non vi se ne trovi. Vi è ben del legname il quale, quando bisognasse per servitio di Sua Maestà, sarebbe buono a fabricar vasselli da mille salme in giù et vi si manderebbon de'maestri per farne. Et si vede che tra i vasselli d'Olanda son molti che non passano mille salme et pur se ne servono da guerra.

Diremo anche a V. S. per sua notizia sola che alcuni mercanti hanno mandato a quel luogo un vassello che è andato in 65 giorni et tornato in 60, ma non ha potuto caricar nulla perché v'era andato un Visitatore ; ma basta vedere che vi si può andare in pochi giorni et con facilità.

Tutto il nostro pensiero, come abbiamo detto, è d'impiegare uno di questi nostri figlioli lontano del Principe ; il che dovrebbe piacere anche costò, essendosi dato moglie al Principe una sorella della Regina ; perché questo paese genera cervelli tanto sottili che i fratelli il più delle volte non convengono insieme, et però vorremmo tenerli separati.

9 di novembre 1608.

DOCUMENTO 6

Carta de Fernando I ao bispo de Montepulciano, Sallustio Tarugi, embaixador do Grão-Duque de Florença junto à corte do rei de Espanha (9 dezembro de 1608)

A.S.F., *Mediceo*, f. 4939, c. 646-647

206

Havendo noi veduto l'avviso di V. S. per conto di quella tartana che è stata ultimamente ritenuta in Cartagena ci è parso di ragguagliarla puntualmente come questo negozio è passato. Alcuni mercanti habitatori di Livorno, i quali si vanno sempre ingegnando d'aprir la strada a nuovi traffichi et guadagni, fecero risoluzione di spedir un piccolo pataccio al Rio dell'Amazzone per tartare con quelli huomini salvatichi e più tosto per riconoscere l'utile che si potesse fare in quel luogo con la mercatura, che con alcuno stabile fondamento. Et a questo sono stati incitati e condotti da un piloto, il quale ha vissuto sei anni con li detti huomini salvatichi et vi ha fatti più viaggi, sì che possiede la lor lingua et è anche conosciuto da quel Re. Conferirono li detti mercanti questo pensiero con esso noi, pregandoci a conceder loro il capitano Tortone inglese, il quale però è nostro servitore et habita insieme con la sua famiglia negli stati nostri vivendo cattolicamente ; et non essendoci parso di denegare questa lor richiesta, gli demmo licenza che andasse. Giudicarono poi a proposito che in compagnia di detto pataccio andasse una tartana per potere con essa entrare su per i fiumi e dare in terra in ogni luogo, onde fu eletta questa che ora è stata ritenuta perché da fortuna di mare fu costretta spiccarsi dal vassello e ritirarsi prima nel porto d'Alicante et poi in quello di Cartagena ; et anche questa era comandata da un altro capitano inglese, il quale ha medesimamente casa et famiglia in Livorno et è cattolico.

V. S. adunque, saputo questa verità, potrà valersene o no secondo che stimerà esser più servizio di quest'huomini, ché quanto a noi non ci abbiamo altro interesse se non per aiutare e proteggere i sudditi et mercanti de' nostri stati. Mettiamo bene in considerazione a V. S. che se i ministri regii nell'esaminare costoro non avranno forse cavato tanto che basti a venir in cognizione della sopradetta verità, come sarà facil cosa, poiché questi della tartana non erano consapevoli di cosa alcuna, in tal caso V. S. potrebbe fingere che havessero da fare qualche altro viaggio di là dallo stretto, ma che il capitano del pataccio haveva commessione espressa di non aprir le lettere contenenti l'ordine del vero viaggio se non subito che fusse fuor dello stretto et intanto, per dar pastura alla gente che non sapeva nulla, andava inventando come per favola che dovevano andare in paese d'huomini salvatichi. In somma ci rimettiamo alla prudenza di V. S. che se ne governi come le parrà meglio et del fatto dica manco ch'ella può.

DOCUMENTO 7

Informação du Provedor Niccolini sobre o retorno ao porto de Livorno do navio *Santa Lucia Buonaventura*

Archivio Storico di Livorno, *Magistrali al Governo, Rescritti per la contumacia*, n. 5 :
anno 1606 al 1611, c. 142

Molto Ill.e S.re et P.ne oss.mo

É comparso la Nave S.ta Lucia Buonaventura, Cap.no Ruberto Tortone Inglese, Abitante jn Li.no con 47 tra soldati, e marinarij e sei Indiani. Viene dal Rio della Masone, dove sono stati 42 G.ni di poi Andorno a Cuiana, e vi stettono 12 g.ni et di poi a Renoch e vi stetton 10 g.ni e di poi alla Trinita e vi stettono 15 g.ni e ne mancano tre mesi sono, senza havere fatto Cosa alcuna, e nel Venirsene hanno combattuto, dua hore con un' Bertone di Tunis, tra il Cavo San Paolo, e il Cavo di Galto g.ni 14 fa, e non riceverno altro danno se non che li ha feriti duoj homini, et stimano d'havere trattato male esso Vascello. Nel resto sono tutti sanj, e però non ha fatto diligentja di mettervi sopra Guardia, ma spedisco la presente Cavalcata acciò S. A. Ser.ma Comandi quello si deve fare per la pratica, lo Scrivano dlla Nave, è venuto in terra et io sono andato alla Bocca, dove mj ha dato raguaglio d'una Congiura che fu scoperta in Nave, nell' Andata, che volevano Amazare jl Cap.no e li uffì. e menare via la Nave con le mercantije come poi particolarmente vedrà per questi Processi, e li Cong.ti sono tutti in Nave da duoi in Poj, che li hanno lassati in terra à Rio dlla Masone, per Preda alle Bestie, et quel' Capo che è qui lo mettera alla Catena, pure nel med.mo Vassello, e si Attenderà quello sarà Comandato. Dicono che quando hebbono passato il Polo, s'inverminò il biscotto, e formaggio, e tutto, e che nel ritorno poi, subito che l'hebbono ripassato, tornò tutto nel suo essere, certo cosa di maraviglia hanno di molti pappagalli, e dlle Scimie, e altro non danno di nuovo e li bacio le manj.

In L.no a XII di Luglio ; 1609

Di V. S. M.to Ill.re

(diasi pratica alli huomini et il Cap.no venga comme prima possa à Fior.za per far la sua relatione)

P. Vinta, 13 luglio 1609.

P.re di Cose

Lod.co Niculini.

A tergo :

Al'M.to Ill.e S.e et P.ne : oss.mo Il Sig.re

Marcello Accolti Seg.o per S. A. Ser.ma

Alla Corte.

DOCUMENTO 8

Carta de Cosme II ao Conde Orso d'Elcio, embaixador do Grão-Duque de Florença junto à corte do rei de Espanha (7 setembro de 1612)

A.S.F., *Mediceo*, f. 4943, cc. 392-394

1ª La domanda che si deve fare a Sua Maestà Cattolica per il negotio delle Indie sia d'havere un privilegio di potere mandare ogn'anno due navi alle dette Indie tanto Orientali che Occidentali, et che possino partire dal porto di Livorno et che nell'andare e tornare possino toccare in qualsivoglia porto di Francia, Inghilterra e Paesi Bassi senza alcuno pregiudizio e in quelli caricare et scaricare mercantie.

2ª Che toccando ne' porti di Spagna o altri soggetti alla Reale Corona, tanto nell'andare che nel ritornare dalle dette Indie, non sieno obbligati a pagare sorte alcuna di gabelle o altri dazzi, nonostante che le dogane di Sua Maestà fussero in appalto di particolari, eccetto però che delle mercantie che quivi si scaricassero, comprassero o vendessero.

3ª Che le dette due nave possino partire di Livorno et dell'Indie ancora in qualsivoglia tempo dell'anno, andare e tornare di dette Indie senza essere obbligati a partire con le flotte o altre spedizioni di nave che vanno et venghono da detti luoghi.

4ª Che si possa in qualsivoglia porto di Spagna caricare et scaricare mercantie, oro e argento, pagando li soliti dritti per passo, caso che in detti luoghi non si comperi o venda dette mercantie ; et che sempre che di qualsivoglia parte vi fussero mandate mercantie sotto il nome di chi farà questo negotio per le dette Indie per caricarle poi nelle dette nave, non sieno tenuti a pagare le gabelle se non per passo.

5ª Che in tutti li porti delle dette Indie et altre isole del mare Oceano sotto il dominio si S. M. le dette due navi sieno sempre bene ricevute et favorite et aiutate d'ogni loro bisogno come se fossero di Spagnoli ; et in qualsivoglia parte possino scaricare le loro mercantie, farne ricatti e negoziarle per quei paesi liberamente, con pagare li soliti dazzi di tutto quanto vendessero o comprassero.

6ª Che il ritratto di tutte le mercantie che si porteranno si possa cavare delle dette Indie in argenti, oro et altre diverse robe di quei paesi et che si possa tutto caricare sopra le dette due nostre nave e farne il registro per il detto luogo di Livorno con pagare li dritti delle Indie e senza essere obbligati a toccare in Spagina, e, toccandovi per qualsivoglia accidente, non siedo tenuti di pagare sorte alcuna di dazzi, non scaricando né vendendo dette mercantie, ori e argenti, ma sieno liberamente lasciate per seguitare il lor viaggio a drittura per il destinato porto di Livorno.

7^a Che sia permesso di potere lasciare huomini fattori che amministrino nelle dette Indie le mercantie, che vi si porteranno e quivi negoziarle e comprarne dell'altre del paese con facultà di poterle trasportare dall'uno luogo all'altro in qualsivoglia parte delle dette Indie e isole del mare Oceano e tenere in quelle traffico et negotij di potere vendere et comprare liberamente nella maniera che fanno gli Spagnuoli et altri soggetti alla Corona Cattolica et che sieno passati con licentia di S. M.

8^a Che sia ordinato alli Vice Re delle Indie, Audientie Reali, Governatori, Corrigidori, e sua luogo tenenti, Alcadi maggiori et ordinari et altri qualsivoglia Giudici et Giustitie di qualsivoglia commissione ordinaria o straordinaria di qualunque parte e luoghi soggetti a S. M. Cattolica che guardino, cumplino e osservino questo tale privilegio e licentia e non vadino contro d'esso in maniera nessuna, né sotto alcuno pretesto non ostante qualsivoglia ordinanza in contrario etc. ; dichiarando il tutto più espressamente che sia possibile con agravarli di quella pena che più piacerà a S. M. e suo Consiglio, al quale bisogna chiedere ogni danno e interesse che per tali impedimenti si potessero patire e che sieno obbligati a rifarli.

9^a Bisogna inoltre fare ogni possibili di havere questa licentia di potere mandare due navi, e non una come viene accennato, con dire che un vassello solo in viaggio così lungo è soggetto a molti pericoli e fortune, che essendo accompagnato se ne può liberare, come da corsali et altri accidenti che avvengono in mare, di potersi dare aiuto l'uno l'altro, da' quali se ne possono meglio difendere due navi che una sola.

10^a E per facilitare il tutto, oltre alla pretenzione da concedersi a Sua M.tà, mi pare che sarebbe ottimo mezzo il fare sapere al Consiglio d'India et offerire d'insegnare il modo di misurare la longitudine ritrovato dal Galileo, al quale bisognerebbe comandare che ne facesse una scrittura e mandarla a detto Consiglio ; con la quale cosa, se è vera, come credo, non solamente si doverrebbe ottenere questa licentia, ma qualsivoglia altra gran pretenzione, essendo un servitio questo per conto della navigazione de l'Indie de' maggiori che si possa fare a quel Regno.

11^a E quando facessero difficoltà di dare detta licentia in generale per tutte l'Indie Orientali et Occidentali, facciasi istanza d'haverla per l'Indie Occidentali, che così pare che si voglia dire nell'offerta fatta quel Ministro di S. M.tà, con permissione come si è detto di potervi lasciare huomini con le mercantie e negoziarle per quei paesi : altrimenti non torna il conto ad andarvi.

DOCUMENTO 9

Adenda à carta de Cosme II ao Conde Orso d'Elcio (7 setembro de 1612)

A.S.F., *Mediceo*, f. 4943, c. 390

Mandata in Spagna sotto dì VII settembre 1612.

Piace anco a S. A. S. fare intanto pervenire all'orecchie di S. M. di un nuovo trovato il quale, messo in uso nella navigazione, può apportar quell'ultima perfezione che sola è mancata sin'ora in tal esercizio ; e questo è un modo di misurar la longitudine a qualsivoglia ora della notte, e quasi in tutto il tempo dell'anno, ritrovato ultimamente da Galileo Galilei vassallo di quest'Altezza e suo Filosofo e Matematico primario, et è quell'istesso che col mezo del suo telescopio, cioè con l'occhiale che scuopre lontanissimo, ha ritrovate molte novità nelle stelle e moti celesti incognite a tutti i nostri antecessori ; le quali hevend'egli con meraviglia fatte vedere molte volte a queste Altezze et agli intendenti d'Italia di tal professione, gl'hanno acquistato tanta fede, che noi non mettiamo dubbio nella verità di quant'ei propone ; e massime dependendo, come egli medesimo ci afferma, tutta la somma di quest'operazione da un suo nuovo scoprimento celeste, stato sino a quest'età indeprendibile ; il che fa cessare la meraviglia, che in alcuno potrebbe nascere, del non haver potuto gli astronomi e geografi passati venire in tal cognizione. Quando piaccia a S. M. di porgere orecchio a questo negozio, si comanderà a detto Galilei che formi con distinta scrittura una minuta informazione di tutti i particolari concernenti a questo maneggio e si manderà a S. M. per determinare e concludere quanto sarà di suo piacimento.